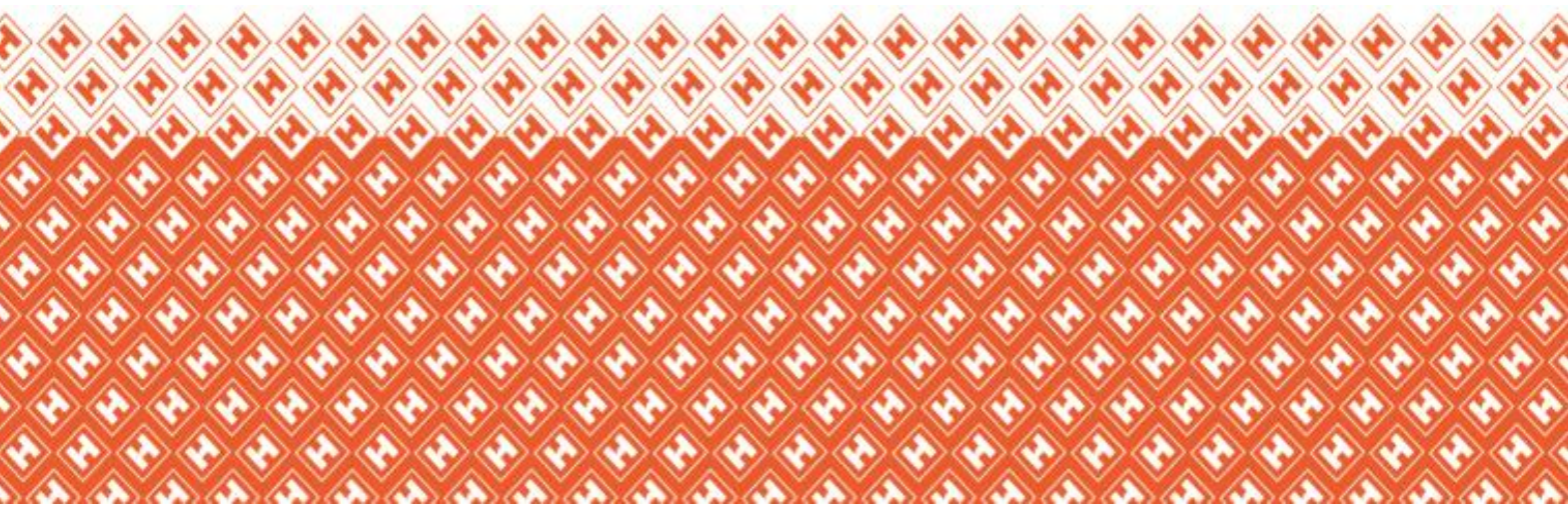


EDSON VON DENTZ

**“Saberes históricos e lugares de memória”:
estratégias didáticas para o ensino de
história no município de Lucas do Rio
Verde – MT**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

NOVEMBRO / 2018



EDSON VON DENTZ

“Saberes históricos e lugares de memória”: estratégias didáticas para o ensino de história no município de Lucas do Rio Verde – MT

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – núcleo Universidade Federal de Mato Grosso – como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof. Dra. Jaqueline Aparecida Martins Zarbato

CUIABÁ - MT

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

D415s Dentz, Edson von.
“Saberes históricos e lugares de memória”: estratégias didáticas para o ensino de história no município de Lucas do Rio Verde – MT / Edson von Dentz. -- 2018
138 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Dra. Jaqueline Aparecida Martins Zarbato.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Ensino de história. 2. Saberes históricos. 3. Espaços de memória. 4. Metodologia da Educação Patrimonial. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHIS
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - Cuiabá/MT
Tel : 65 3313-8493 - Email : anamariamarques.ufmt@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "Saberes históricos e lugares de memória: estratégias didáticas para o ensino de história no município de Lucas de Rio Verde- MT"

AUTOR : EDSON VON DENTZ

defendida e aprovada em 19/09/2018.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador	Doutor(a)	Jaqueline Aparecida Martins Zarbato
Instituição :		Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Examinador Interno	Doutor(a)	Renilson Rosa Ribeiro
Instituição :		UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Examinador Externo	Doutor(a)	Carlos Edinei de Oliveira
Instituição :		UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO/UNEMAT
Examinador Suplente	Doutor(a)	Ana Maria Marques
Instituição :		UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CUIABÁ, 18/09/2018.

Profª. Dra. Ana Maria Marques
Coordenadora de Programa de Pós-graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História
IGHD / UFMT
SIAPE: 1647082

RESUMO

O ensino de história pode ser abordado, entendido e apresentado de múltiplas formas, sendo que a presente pesquisa se propõe apresentar estratégias diferenciadas para mobilizar saberes históricos em espaços de memória, envolvendo educandos do ensino fundamental II e do ensino médio. Considera-se que a ausência do sentido histórico permeia os espaços da vida cotidiana e que a necessidade de mobilizar a memória está para além do espaço escolar ou do ensino de história enquanto componente curricular. Destaca-se que a presente pesquisa contempla questões referentes ao ensino nessa disciplina e retoma a valorização da memória, pois entende-se que pesquisar a memória histórica local e o patrimônio cultural de determinado lugar são elementos importantes para ensinar história. Neste sentido, a questão de pesquisa que mobiliza este estudo é a seguinte: “Quais os modos pelos quais estratégias diferenciadas no ensino de história podem proporcionar a construção de saberes históricos em diferentes espaços de memória e como diferentes formas metodológicas podem estimular essa construção?” Objetiva-se, então, investigar estratégias diferenciadas de ensinar história utilizando-se do patrimônio e dos símbolos urbanos, entendendo-os como locais de memória do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso como forma de aprendizagem e de aprimoramento de propostas didático-pedagógicas no currículo da educação básica. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como exploratória, de caráter bibliográfico e de campo, uma vez que desenvolve o trabalho de aprofundar-se em uma temática explorando cientificamente o objeto de estudo, buscando referenciais através da metodologia da educação patrimonial e indo a campo verificar novas possibilidades metodológicas para o ensino de história. Assim, define-se como estudo de caso e se configura como de natureza qualitativa. Trata-se de um estudo que apresenta relações singulares com a possibilidade de fazer da prática investigativa um processo de qualificação do ensino de história na educação formal. A pesquisa contribui com o aprender histórico ao problematizar a prática didática em ambientes diferenciados até então pouco explorados para as finalidades do ensino. No mesmo sentido, contribui para a formação de cidadãos críticos que compreendem seu meio como gerador de conhecimento histórico, constituindo-os como participantes na construção do processo histórico e como multiplicadores dos conhecimentos da história. Frente a isso realizamos, analisamos, refletimos e apresentamos estratégias educativas que contribuíram significativamente com a educação patrimonial; integrando, dessa forma, pesquisas, práticas de ensino e teorias que contribuem para a formação de conhecimento e cidadania dos educandos.

Palavras-chave: Ensino de história. Saberes históricos. Espaços de memória. Metodologia da Educação Patrimonial.

ABSTRACT

The teaching of history can be approached, understood and presented in multiple ways, and the present dissertation and research proposes to present provocations and efforts in differentiated strategies to mobilize historical knowledge in memory spaces involving elementary school students II and high school of a general way. It is considered that the absence of historical sense permeates all spaces of daily life and the need to mobilize memory is beyond the school space or the teaching of history as a curricular component. It should be emphasized that the present research contemplates questions related to teaching in this discipline and resumes the valorization of memory. Thus, researching the local historical memory and cultural heritage of a particular place are important elements for teaching history. In this sense, the research question that mobilizes this study stands out: "What are the ways in which differentiated strategies in the teaching of history can provide the construction of historical knowledge in different spaces of memory? How different methodological forms can stimulate this construction?" The objective is to investigate different strategies of teaching history using the patrimony and urban symbols, understanding them as memory locations of the municipality of Lucas do Rio Verde - MT as a way of learning and to improve didactic-pedagogical proposals in the basic education curriculum. Methodologically the research is characterized as exploratory, of a bibliographic and field character since it counts on the work of deepening a thematic exploring scientifically the object of study. It seeks references through the patrimonial education methodology and proposes to go to the field to verify new methodological possibilities for the teaching of history. It is defined as a case study and is configured as a qualitative nature. Thus, this study presents singular relationships with the possibility of making the investigative practice a qualification process of history teaching in education. It is hoped to contribute to the historical learning and to problematize the didactic practice in different environments and until then explored in an apprehensive and timid way. And, thus, to contribute to the formation of critical citizens who understand their environment as the generator of historical riches, configuring themselves as participants in the construction of the historical process, as well as of the teaching of history. In the face of this we carry out, analyze, reflect and present educational strategies that have contributed significantly to heritage education, integrating research, teaching practices, theories, contributing to the formation of knowledge and citizenship in our students.

Keywords: History teaching. Historical knowledge. Memory spaces. Patrimonial Education Methodology.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente as forças que creio estarem além do mundo terreno, as quais nos permitirem a vida e nossa existência intelectual, divergindo dos demais seres.

De maneira especial, gostaria de agradecer à Professora Dra. Jaqueline Aparecida Martins Zarbato, que me acompanhou nesse percurso com as orientações necessárias para que este trabalho fosse possível de ser realizado. Agradeço pela disponibilidade irrestrita nas orientações, pelos apontamentos precisos e seguros, e pela confiança que depositou em mim.

Aos professores membros da banca de qualificação, Dra. Ana Maria Marques e Dr. Renilson Rosa Ribeiro, pelas valiosas contribuições apresentadas naquele momento decisivo para o seguimento da pesquisa.

Carinhosamente agradeço aos familiares, que dão o suporte emocional, contínuo e incondicional. Lembrando em primeiro lugar dos que me permitiram a vida, Adely Marta von Dentz e Beno von Dentz, aqueles pequenos agricultores do oeste catarinense que com muita dedicação, conselhos e humildade criaram com muito amor seus oito filhos com os “pés” na educação já que todos estão, agora, ligados a ela, em maior ou menor grau.

E de maneira muito especial, à esposa Nadia Ester Ohlweiler e à recém-chegada, a pequena Eloah, que compartilharam comigo das angústias e desafios da pesquisa, com compreensão, carinho e tudo o que envolve a família; principalmente esta que, em meio à “corrida acadêmica”, aumentou após uma década de espera. Foi, sem dúvida, uma conquista muito bem acompanhada.

Agradeço a todos os irmãos, pela luta enquanto nascidos na roça, na vivência, na amizade e no empenho de cada um durante a vida em prol de um mundo melhor. E respeitando a sequência das idades me refiro a cada um: na categoria de incentivador e norteador da família, o irmão Volmir e esposa Schirlei; logo a incentivadora, parceira nas pesquisas e discussões, determinada irmã Marizete, esposo Antônio Sergio e filhos Luis e *in memoriam* Roberta; seguindo temos o empenhado e batalhador irmão Claudir, esposa Lara, filhos Pedro, Júlia e Artur; na sequência a emotiva, aplicada e lutadora irmã Marisa, esposo Paulo e o filhinho Enzo; também agradeço à ativa, auxiliadora e companheira de inúmeras interrogações irmã Marta, namorado Miguel; também batalhador empenhado o irmão Eduardo, namorada Magali, e por fim à atenciosa, esperançosa, empenhada irmã Roseli e filha Ana.

Seria demasiado longo o texto para lembrar e citar todos(as) que se envolvem e participam indiretamente desse e de outros momentos e que, com certeza, mereceriam fazer parte desse momento de agradecimentos, então, se sintam lembrados e abraçados os demais familiares, amigos antigos e os novos amigos e colegas de mestrado, por que de fato levo todos e todas aqui comigo do lado esquerdo do peito.

Mas, especialmente agradeço aos professores e professoras que tiveram importante e determinante papel para o desenvolvimento dessa pesquisa, esses que formam muitos e não posso nomear todos agora. Tenham a certeza que também foram e são fundamentais para minha formação, pois direcionaram o saber por novos rumos, melhores, mais claros e despertaram a busca pelo saber enquanto pesquisadores que são e por isso tão cativantes.

Por fim, agradeço aos sujeitos da pesquisa, meus queridos alunos, e também aos colegas de trabalho e profissão, que reforçam a todo o momento o quanto é importante buscarmos o saber e sermos eternamente estudantes. Então, meu muito obrigado a todos, sintam-se lembrados; não seria possível citar todos os nomes neste texto.

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: COMPREENSÕES GERAIS E DELINEAMENTOS HISTÓRICOS: CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DE PESQUISA	12
1.1 O CONTEXTO DO PROCESSO DESENVOLVIMENTISTA DE INTERIORIZAÇÃO NO BRASIL	13
1.2 ADENTROS HISTÓRICOS, O ESTADO DO MATO GROSSO	19
1.2.1 Município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso: Um projeto de colonização do INCRA	21
1.2.1.1 O início da rede de educação básica de ensino em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso	28
1.3 ASPECTOS DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA LUQUENSE	31
1.4 TECENDO ARTICULAÇÕES ENTRE REFERENCIAIS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA: APRESENTANDO OS SIGNIFICADOS DOS SÍMBOLOS DO MUNICÍPIO	35
1.4.1 Concepções de memória	36
1.4.2 Contextualizando e significando os monumentos do Município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso como lugares de memória	38
CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO PATRIMÔNIAL, DIDÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA: TECENDO ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE A PESQUISA	49
2.1 RECORDANDO ASPECTOS HISTÓRICOS REFERENTES AO PATRIMÔNIO	49
2.1.1 Aspectos prescritivos: enfatizando Patrimônio Histórico Cultural no Brasil	52
2.2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	54
2.2.1 Metodologia Educativa Patrimonial: uma forma de cultivar a memória	59
2.3 A DIDÁTICA DA HISTÓRIA: ALGUMAS APROPRIAÇÕES TEÓRICAS	61
2.4 O ENSINO DE HISTÓRIA: AMPLIANDO PERCEPÇÕES	63
CAPÍTULO 3: DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS	68
3.1 SOBRE A PROBLEMÁTICA INVESTIGATIVA	68
3.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	69
3.2.1 Objetivo Geral	69
3.2.2 Objetivos específicos	69
3.3 TIPO DE PESQUISA	70
3.4 NATUREZA DA PESQUISA	70
3.5 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS DA PESQUISA	70
3.5.1 Local da pesquisa	71
3.5.1.1 Amostra da pesquisa	71
3.5.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados	72

4 PROJETO DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM LUGARES DE MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE LUCAS DO RIO VERDE, MATO GROSSO	73
4.1 ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS COM OS ALUNOS	74
4.1.1 Ênfase da proposta didática no ensino de história com os 6º anos do Ensino Fundamental II	75
4.1.2 Ênfase na proposta didática no ensino de história dos 9º anos do Ensino Fundamental II	77
4.1.3 Ênfase da proposta didática do ensino de história com o 3º ano do Ensino Médio	81
4.2 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DAS PROPOSTAS METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS COM AS TURMAS DE ALUNOS ELENCADAS	84
4.2.1 Análise das didáticas desenvolvidas com os 6º anos do Ensino Fundamental	84
4.2.2 Análise de dados e resultados do ensino fundamental: 9º anos	102
4.2.3 Análise de dados e resultados: ensino médio 3º ano	112
4.3 AVALIAÇÃO DAS AÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS JUNTO AOS ALUNOS: ENFOQUE NO 3º ANO	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	132
APÊNDICE	137

INTRODUÇÃO

A ausência do sentido histórico permeia os espaços da vida cotidiana bem como concepções sociais, econômicas, políticas e culturais. Neste sentido, entendemos a necessidade em mobilizar aquilo que está adormecido para, então, compreender o presente. De fato, em tempos de incerteza, o passado se esquia consideravelmente e o futuro se mostra incerto, por isso, o exercício de mobilizar a memória se mostra como que imprescindível. Assim, esta pesquisa tem como finalidade discutir as propostas educativas e reelaborar didáticas de ensino em história que considerem o patrimônio histórico enquanto fonte de possibilidades didáticas partindo da análise do patrimônio cultural da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, local do desenvolvimento da pesquisa e onde os educandos se inserem. Nosso propósito se afina em considerar as origens do local da pesquisa, situando e promovendo releituras.

Preliminarmente, pontua-se que a necessidade de mobilizar a memória, está para além do espaço escolar ou do ensino de história enquanto componente curricular na educação básica brasileira. Contudo, considerando os desafios presentes no ensino de história na contemporaneidade, destacamos que o presente estudo pretende contemplar questões elementares do ensino em história e retomar a valorização da memória. Assim, pesquisar a memória histórica local e as questões que envolvem o patrimônio cultural de determinado lugar são elementos importantes para ensinar história a jovens e crianças.

Com essas considerações iniciais apresentamos a questão de pesquisa que mobiliza a presente investigação: *Quais metodologias de ensino de história podem proporcionar a construção de saberes históricos em diferentes espaços de memória? E, ainda, como estimular a construção de saberes históricos nos diferentes espaços de memória de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso?* Em outras palavras buscamos instigar diferentes metodologias para a construção de saberes históricos dentro das possibilidades monumentais presentes no município de Lucas do Rio Verde. Cabe salientar que a investigação que desenvolvemos se insere num campo de estudos que vem ganhando ênfase e consistência entre os pesquisadores do ensino de história. Trata-se, pois, de uma temática que vem sendo utilizada nas práticas pedagógicas e que carece ser melhor aprofundada enquanto didática pedagógica, uma vez que

cada espaço de memória da cidade possui diferentes saberes históricos que embora sejam interligados com elementos estruturais comuns, precisam ser destacados e explicitados para não cair no esquecimento.

Consideramos que partindo da análise do patrimônio cultural de determinada localidade, onde o educando se insere, podemos reelaborar formas e conceitos históricos. Pois, o conhecimento histórico enquanto provocação nas práticas pedagógicas escolares e enquanto buscas individualizadas que partem dos educandos e seus familiares, utilizando o meio onde vivem como fonte de busca e conhecimento, pode proporcionar a construção de saberes históricos e a educação por meio deles.

A investigação sobre a qual se disserta neste projeto, então, apresenta relações singulares com a possibilidade de fazer da prática investigativa um processo de qualificação e de diálogo com o ensino de história na educação básica, especificamente no ensino fundamental e médio. Nesse sentido traçamos como objetivo para a presente pesquisa: *investigar estratégias diferenciadas de ensinar história utilizando-se do patrimônio e símbolos urbanos, bem como, locais de memória do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, como forma de aprendizagem e de construção de saberes históricos nos diferentes espaços de memória, e de aprimorar propostas didático-pedagógicas no currículo da educação básica a partir desses locais de memória.*

Frente à objetividade explicitada, pensamos e desenvolvemos nesta dissertação estratégias para que os alunos fossem protagonistas e atores da história; e assim ressignificassem o sentido da disciplina de história no currículo escolar. As práticas propostas e realizadas provocaram o aluno e seus familiares a perceberem a educação como algo próximo e presente em suas vidas, dando utilidade e despertando o gosto pelo aprender coletivo. Assim, a utilização de uma forma envolvente e participativa de reviver a história local a partir dos personagens urbanos, da micro história e dos espaços de memória existentes, torna-se potencialmente capaz de despertar a construção de saberes históricos em diferentes espaços de memória da cidade.

Ressaltamos que a presente pesquisa se organiza de um modo geral em quatro capítulos. No capítulo primeiro buscamos tecer compreensões gerais e delineamentos históricos visando contextualizar o local da pesquisa. Este capítulo se subdivide em quatro partes, a saber: o contexto do processo de interiorização no Brasil; adentros históricos para o

Estado do Mato Grosso enquanto *locus* da pesquisa; os aspectos do processo de modernização da agricultura no município de Lucas do Rio Verde uma vez que possuem influência direta nos diferentes espaços de memória da localidade; e, como último aspecto deste primeiro capítulo, tecemos articulações entre os referenciais e espaços de memória apresentando os significados dos símbolos existentes no município.

No segundo capítulo aprofundamos entendimentos sobre a educação patrimonial, a didática e o ensino de história realizando abordagens teóricas sobre a pesquisa. Este capítulo é organizado em outras quatro partes. Primeiramente se recorda aspectos históricos referentes ao patrimônio histórico cultural no Brasil; posteriormente se aborda a educação patrimonial como uma estratégia metodológica interessante, como uma forma de cultivar a memória; como terceiro elemento abordamos a didática da história como forma de ampliar concepções e, finalmente, salientamos o ensino de história.

No terceiro capítulo trazemos as definições metodológicas da pesquisa, em cinco partes. Neste capítulo enfatizamos: a problemática investigativa; os objetivos da pesquisa; tipo de pesquisa; natureza; procedimentos operacionais como o local da pesquisa, as técnicas e instrumentos de recolha de dados.

Finalmente, no quarto capítulo, trazemos a proposta didática do ensino de história em lugares de memória do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Este capítulo se divide em duas grandes partes. Na primeira, trazemos as estratégias didático-pedagógicas vivenciadas com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, do 9º ano do Ensino Fundamental II e do 3º ano do Ensino Médio. Na segunda parte realizamos a análise dos dados e resultados obtidos a partir das propostas metodológicas desenvolvidas com as perspectivas turmas de alunos elencadas. E, concluímos a dissertação tecendo nossas considerações.

Destacamos que essa dissertação se aproxima sobremaneira das possibilidades de produção e pesquisa na área do Ensino de História. A proposta contribui para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula. Derradeiramente, enfatizamos que o desenvolvimento da dissertação despertou o interesse nos alunos para o ensino de história e possibilitou aos mesmos o sentimento de integração ao processo histórico. A importância da memória para se sentir parte da sociedade como agente atuante e participativo foi constantemente enfatizada nesta dissertação.

CAPÍTULO 1: COMPREENSÕES GERAIS E DELINEAMENTOS HISTÓRICOS: CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DE PESQUISA

Iniciamos este capítulo trazendo subsídios acerca do local onde o estudo se desenvolveu, sendo, Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Consideramos ser relevante conhecer as especificidades da história, da cultura, do complexo que inclui o conhecimento de vivência adquirido localmente, através da arte, crenças, lei, moral, costumes, hábitos e aptidões adquiridas pelo ser humano em comunidade. Nesse contexto, são fundamentais aspectos históricos para fundamentar e contextualizar a pesquisa.

Nessa perspectiva, a pesquisa como um todo objetiva investigar estratégias metodológicas diferenciadas de ensinar história, de construir saberes históricos em diferentes espaços de memória e de aprimorar propostas didático-pedagógicas no currículo da educação básica, utilizando símbolos urbanos e locais do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso como forma de aprendizagem. Contemplando este objetivo maior propomos, neste momento, contextualizar o espaço em que esta pesquisa se insere, sua historicidade, suas reconfigurações para, então, entendermos de forma mais aproximada os saberes históricos e os espaços de memória.

Neste sentido, organizamos este capítulo em quatro partes: na primeira parte situamos o processo de interiorização no Brasil; na segunda parte aprofundamos as análises das estratégias históricas voltadas para o Estado do Mato Grosso e, posteriormente, para o município de Lucas do Rio Verde. Buscamos subsídios que apresentem também o início da rede de educação básica de ensino neste município, com o processo modernizador da agricultura em Lucas do Rio Verde atentando para as compreensões gerais do local de pesquisa. Na terceira parte, adentramos nos espaços de memória existentes no município de Lucas do Rio Verde como locais estratégicos de diferentes metodologias no ensino de história. Em simultâneo, tecemos aprofundamentos acerca das concepções de memória e dos lugares de memória dialogando com a pesquisa e suas objetividades.

1.1 O CONTEXTO DO PROCESSO DESENVOLVIMENTISTA DE INTERIORIZAÇÃO NO BRASIL

O estado do Mato Grosso faz parte de uma reestruturação desenvolvimentista complexa que abrange inúmeros setores econômicos com políticas de reordenação rural, uso de assentamentos, reforma agrária, fluxo migratório, orientações para ampliação do sistema cooperativista e nesse trecho a construção da rodovia BR 163. Dentro da complexa proposta governamental envolvendo as diversas instâncias de governo e assim obras de infraestruturas diversas também apontamos para a vontade onde,

A questão se centraliza no preenchimento de civilização em regiões geográficas determinadas, seja porque estas nunca atingiram este espaço territorial ou devido à ocupação desordenada do espaço deixou para trás espaços vazios da presença de três elementos básicos constituintes das relações capitalistas de produção: o homem, o capital e o trabalho. (ZART, 1998, p. 51)

Nesse sentido, a região produtiva mato grossense é considerada a maior fronteira agrícola em expansão no país. O planejamento de implantação de políticas governamentais federais, voltadas para “a fixação de grandes contingentes migratórios nas áreas disponíveis estabeleceu um modelo nacional e ordenado de ocupação espacial” (FERREIRA, 2001, p. 315). No entanto, o processo de ocupação interiorana no país, enfrentou inúmeros problemas estruturais, políticas falhas, precariedade e ineficiência da rede viária, falta de recursos financeiros para estimular a produtividade e garantir a comercialização da produção. Contudo, somente na década de 1960, mudanças políticas-administrativas começaram a surgir, contribuindo, assim, para a estruturação da agricultura brasileira.

O interesse específico de fazer crescer o setor agrícola e a necessidade de atender as pressões demográficas e sociais, absorvendo os excedentes populacionais e os grupos de pequenos e médios proprietários, que foram deslocados de suas respectivas áreas agrícolas em detrimento de um processo de modernização na agricultura, acabou levando o poder público a uma efetiva ocupação do território mato-grossense (FERREIRA, 2001, p. 315).

Salienta-se, então, que o processo de reorganização das terras brasileiras, ampliou-se para a interiorização do país, sendo o local da pesquisa, mais especificamente nos direcionamos, a cidade de Lucas do Rio Verde em Mato Grosso. Contudo, as ações desenvolvidas por políticas públicas lideradas por governos federais e estaduais, facilitam terras aos latifundiários, ao mercado de capital, as empresas agropecuárias e colonizadoras nacionais ou aliadas ao capital internacional.

Favorecendo, portanto, uma estrutura antiga e centralizadora onde há a manutenção e proteção do capital. Toda a conjuntura jurídica e política foram elaboradas estrategicamente para mediar e legitimar os interesses de grupos situados e ligados às vontades dominantes “envolvidas no processo de acesso à terra e dar sustentação à política fundiária de regularização e venda de terras públicas/devolutas no estado, quando estas passaram para seu domínio, por força da Constituição Republicana de 1891” (MORENO, 1999, p.68).

Não diferente no estado do Mato Grosso esse jogo de interesses, ora legalizadas pelas regras constitucionais em âmbito federal e estadual ora apontando para a possibilidade de fraudes. Os apontamentos acabam por gerar a vivência de inúmeros momentos de instabilidade, conflitos armados, expulsão de nativos, invasão de terras, grilagem, entre outros. Analisar a essência desses processos é entendido como fundamental para avaliar a conjuntura atual, produzida historicamente e que se perpetua mesmo onde deveria ter sido diferente através das promessas de reforma agrária. Assim, pontuamos que:

A legislação fundiária em Mato Grosso, como nos demais Estados da Federação, foi estruturada com base nos princípios da Lei Imperial de Terras de 1850 e de seu regulamento de 1854. Segundo estes documentos, reconheceu-se o pleno direito de propriedade sobre as terras devolutas situadas no Estado e decretou a sua aquisição mediante título oneroso. Porém, adaptando-se a lei aos interesses dos “proprietários” deram-se condições para o reconhecimento das sesmarias havidas sem o preenchimento de formalidades legais e das posses “mansas e pacíficas”, desde que as terras estivessem ocupadas e cultivadas. Também estabeleceram-se prazos dilatados para a medição e regularização das terras situadas na jurisdição do Estado, considerando que grande parte delas encontravam-se ocupadas e em situação irregular (MORENO, 1999, p. 68).

Em outras palavras a Lei de terras no Brasil consolidou e legitimou a concentração das terras e favoreceu os grandes proprietários. As garantias propiciadas por esta legislação não foram poucas e se alargam em favores diversos por cada estado da nação.

Desse modo, a primeira lei de terras do Estado (Lei nº 20/1892) e seu regulamento (Decreto nº 38/1893) deram garantias a regularização das ocupações “consolidadas”, sesmarias e posses até 15/11/1889 alterando, assim, a data limite de 1854 estabelecida pela Lei de 1850. Asseguraram também, o direito de preferência para a compra de terras devolutas que estavam sobre o domínio particular, cujos títulos não preenchiam os requisitos exigidos para legitimação ou revalidação. Com essas ocupações ocorridas em grandes áreas, favorecidas pela economia do Estado que se baseava na agricultura, no pastoreio e na exploração extrativa vegetal (ervamate, borracha, poaia), a Lei estava beneficiando, essencialmente, os grandes proprietários (posseiros). Portanto, mesmo tendo assegurado o direito de preferência para a compra das terras devolutas ocupadas, a lei excluía os pequenos posseiros desse benefício, vez que estes não podiam efetuar sua compra, nem fazer face ao sistema de produção vigente na época (MORENO, 1999, p.68 e 69).

O Estado, então, com tais formas de reestruturação fundiária, (re) organizou e aceitou por um longo período situações inegáveis de manipulação, chegando até nossos dias irregularidades ínfimas, de posses e registros de terras. As situações questionáveis levaram, com o passar dos tempos, algumas famílias ou indivíduos a um acúmulo impensável de propriedades rurais nos mais diversos locais da nação. E, isso através de formas diversas, possíveis nas mais variadas formas, por alterações de documentos e registros, privatização de terras devolutas, entre outras como as literais ocupações, invasões, ou por meio de ações judiciais tendenciosas ou fraudulentas ligadas a funcionários e entidades governamentais dentre outros. Vejamos que o Estado do Mato Grosso, não perdeu a oportunidade e

[...] a complacência dos governadores estaduais, com relação aos abusos cometidos pelos particulares na apropriação de terras devolutas, revelou-se também na legalização dos excessos de área incorporados ao título de domínio original, acima do permitido por lei (MORENO, 1999, p. 70).

Assim, a concentração de terras no estado do MT reflete desde sua essência histórica na forma de registros, medição, demarcação e fiscalização das terras que ficava sob responsabilidade de um juiz comissário¹ e um agrimensor² nomeados pelo governo do estado. Além da contratação de outros profissionais para demarcar, medir e regularizar as terras. Seguindo apontamentos de Moreno (1999) perpetuando formas de exclusão e impedimento do acesso à terra aos que não conseguiam costear ou entender as novas regras, pois os custos ficavam a cargo do proprietário rural, onde o pequeno produtor, sem poder demarcar e identificar seus imóveis por suas condições financeiras, muitas vezes via outros produzirem títulos sobre o que até então julgava seu por uso e posse.

Nesse sentido, temos vários grupos menos favorecidos da sociedade que sofrem com a inexperiência e autoritarismo dos órgãos públicos, que usam da estrutura do estado para produzir artificialmente discursos para legitimar ações repressivas, porém com pouco ou nenhum efeito redistributivo. Assim:

Ao mesmo tempo em que as forças democráticas elaboravam iniciativas que promoviam experiências alternativas de ocupação e aproveitamento da terra, com metodologias coletivizadas e cooperadas, o Estado autoritário, pela sua concepção de homem e sociedade, administrava as relações sociais, políticas e econômicas pela ameaça e pela imposição do medo e do terror, e não pelo incentivo e pela motivação. Isto porque, a motivação é a negação do espírito autoritário e impostor e a confirmação do homem livre, criativo e associativo (ZART, 1998, p. 11.).

Muitas marcas, muita violência e conflitos no campo são infelizmente comuns a nossa história, fazendo com que muitas questões pendentes de irregularidades permanecem ainda hoje sem respostas ou soluções no estado do Mato Grosso e porque não dizer em todo o território nacional.

¹ O juiz comissário era importante nas medições de terras, sendo o chefe das mesmas e nomeando os seus executores, o objetivo do cargo era o elo entre as figuras locais e o Governo Provincial, pois era ele que articulava a aproximação entre as partes. Nesse contexto o juiz comissário era o elemento chave das legitimação das terras, onde suas competências e qualificações de seu trabalho, nos é citado no artigo 34 do regulamento de 1854. Art. 34. Os Juizes Comissários das medições são os competentes: 1º Para proceder à medição, e demarcação das sesmarias, ou concessões do Governo Geral, ou Provincial, sujeitas à revalidação, e das posses sujeitas á legitimação. 2º Para nomear os seus respectivos Escrivães, e os Agrimensores, que com eles devem proceder às medições, e demarcações (HORNBERG, 2016, p. 09)

² Função qualificada para medir terras, profissão existente em nossos dias e reconhecida legalmente, no caso citado é cargo submisso ao Juiz Comissário (HORNBERG, 2016, p. 09).

Para atender as novas perspectivas mundiais de consumo nosso país, se torna uma possibilidade produtiva fantástica por ter a seu dispor terras em quantidade necessárias às novas e latentes necessidades internacionais. O estado e o capital financeiro notando a necessidade da produção e sonhando com o crescimento econômico, buscou em instituições financiadoras nacionais e internacionais recursos financeiros. Para tais, o país foi forçado a mudanças significativas nas práticas capitalistas e governamentais para se tornar atrativo aos possíveis investidores ou financiadores, geralmente países mais desenvolvidos e necessitados de produtos possíveis nessas terras, como é o caso dos vários produtos agrícolas que oferecemos até hoje como soja, milho, algodão, gado, entre outros.

O pesquisador Laudemir Luiz Zart (1998), apresenta as formas com que os governos do período militar tentam fazer mudança, tanto para as elites locais quanto para os investidores e exploradores internacionais, “associado e sustentado pela elite política, econômica e dos tecnoburocratas que promovem o processo de modernização do campo brasileiro, sem planejar e objetivar a inclusão do produtor familiar” (ZART, 1998, p. 11.).

As políticas e ações consideradas inadequadas refletem a dependência de nosso país aos empréstimos internacionais, necessários aos níveis de desenvolvimento propostos pelos governos militares. Notasse ações e vontades além das possibilidades e do conhecimento técnico brasileiro que nos levam a necessidade de produzirmos culturas e recriamos locais de plantio de forma rápida e aquém do conhecimento disponível tanto para os agricultores bem como para os técnicos e agrônomos, ligados ou não aos órgãos públicos, mas que de algum modo façam parte do projeto de expansão apontado.

Quer-se aqui chamar a atenção para o desenvolvimento de pesquisa no cerrado amazônico, os parceiros viam-se desamparados tecnicamente para fazer os solos dos cerrados produzir. A quem recorrer nas oportunidades de dúvidas e do não saber o que fazer? A resposta imediata poderia ser procurar os técnicos e os agrônomos. Sim esta era a situação. Os parceiros de fato recorriam aos agrônomos, no entanto as respostas que vinham deles não eram satisfatórias. As dúvidas para os agrônomos, como já indicamos acima, eram as mesmas. Narra um parceiro que “quando os técnicos eram perguntados eles anotavam e diziam que irão trazer a resposta depois”. Restava a opção, da busca e do reaprender nos cerrados (ZART, 1998, p. 136.).

Salienta-se que a estruturação do sistema capitalista produtivo, contribuiu fundamentalmente para fomentar e desenvolver mecanismos que levaram ao processo de modernização. Para materializar as ações e programas de desenvolvimento produtivo do capital, o fluxo migratório somados aos interesses governamentais, colaboraram de maneira direta e indireta para os projetos de colonização, que além de mecanismos públicos, empresas colonizadoras privadas contribuíram para reordenar o modelo territorial produtivo do Brasil. As formas de expansão e projetos se espalham por diversos locais interioranos em maior ou menor grau, nesses locais as ações de incentivo são variadas na mesma proporção das possibilidades de cada lugar, assim também as atividades produtivas que territorializam o espaço geográfico brasileiro, contribuíram significativamente para cultivares específicos e possíveis a cada ambiente. Diante disso, apontamos alguns projetos de expansão agrícola em diversos locais, como por exemplo:

[...] regiões de Rio Brilhante, MS, e os eixos: Coxim-Rondonópolis, Mineiros-Jataí, Estado de Goiás, Uberlândia-Monte Carmelo-Ponte Nova, em Minas Gerais. Em Mato Grosso, além da Gleba Cristalino, de 240 mil ha., no norte do Estado, à margem direita do rio Telles Pires e do rio Nhandu, estendendo-se da divisa com o Estado do Pará, as glebas Sucuruína 1 e 2 – situadas na Chapada do Parecis, à margem da BR – 364, a Cuiabá-Porto Velho – também eram objeto de estudo (HUBER, 2010, p. 13-14).

Notamos que esses projetos de expansão agrícola, espalhados pelo Brasil, além de serem uma vontade dos militares, nos anos de 1975 em diante são apresentadas como necessidade a ocupação de áreas consideradas estratégicas. Sob o discurso de ocupar para não perder, como se houvesse uma ameaça de invasão destes sertões, por alguma outra nação ou povos. Consoante o pesquisador Carlos Meira Mattos, “transformar essa região anecúmena, primeiramente em espaço político e depois em espaço econômico” (MATTOS, 1980, p. 32), justificando assim a rápida necessidade do povoamento.

Diante deste pensar, o estado brasileiro lançou campanhas de ocupação de regiões gigantescas as quais são chamadas comumente de “fronteiras agrícolas”. Nesse contexto de ampliação das regiões consideradas de fácil produção do Brasil, surge também projetos de colonização e assentamentos na região dos divisores de águas das bacias amazônicas e complexo do Prata. Acompanhado da abertura da estrada Cuiabá – Santarém surge o núcleo

de assentamento onde hoje se situa o município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, ao qual queremos dar maior atenção nesse momento.

A ocupação dos “espaços vazios” da Amazônia tem início efetivo no regime militar brasileiro e é apontado como sendo um projeto da escola superior de guerra. Neste sentido:

Considera-se também que é importante a compreensão do pensamento empírico-positivista que orientou a ação dos governos brasileiros em geral do militar pós-64 em particular sobre o perfil de desenvolvimento e ocupação da Amazônia, por que o pensamento político-militar dominante no regime pós-64 é que dá a coloração do processo migração-colonização da Amazônia em termos genéricos e do Norte de Mato Grosso em particular (ZART, 1998, p. 50).

Podemos então pensar de que além de uma readaptação às novas formas de mercado liberal, também passamos por um processo de mudança, pós-segunda guerra onde o medo nos parece estabelecer novas estratégias para o que aqui apontamos como segurança e soberania nacional. Projetos pensados e colocados em prática com a apresentação ideológica de reais ameaças a espreitar os estados/nação do mundo lembrando também que este contexto remete ao período mundial conhecido como guerra fria.

1.2 ADENTROS HISTÓRICOS, O ESTADO DO MATO GROSSO

Diante a esse momento conturbado de mudanças e novos entendimentos mundiais, temos o estado do Mato Grosso, sendo um dos endereços entendidos como necessário para as novas políticas ocupacionais no período de vivência de governos militares que projetavam ações estratégicas desenvolvimentistas para integrar os chamados “espaços vazios” do país, ao processo de reestruturação produtiva, econômica e territorial, principalmente da região Centro Oeste do Brasil, especificamente a partir dos anos finais da década de 1970 e iniciais dos anos de 1980.

Essas ações governamentais são perceptíveis enquanto causadoras de mudanças no crescimento local, regional e nacional aos moldes do capital financeiro. O desenvolvimento

de vários projetos foram realizados para povoar as áreas denominadas vazias no país, além do povoamento, objetivavam a expansão territorial produtiva, a instalação de indústrias voltadas a atender as necessidades básicas da agricultura, pecuária e mineração. O planejamento e suporte financeiro dos governos militares, foram fundamentais para que de fato a ocupação dessa região pudesse ocorrer.

Empresas colonizadoras, atraídas pelas propagandas e incentivos do governo, começam, então, a participar ativamente desse processo de colonização da região Centro Oeste do Brasil, sendo elas estatais ou de iniciativa privada.

O vasto território mato-grossense, por sua vez, vivenciou ações do primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND), apoiadas pelo exército nacional, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e todo o aparato do estado, a abertura de novos caminhos e construção de estradas e pontes. Como grandes trechos da transamazônica e Cuiabá- Santarém (BR 163), a desapropriação de terras devolutas para possibilitar a implantação dos projetos de povoamento e colonização, garantindo o mínimo de infraestrutura para a chegada dos primeiros colonizadores ao longo da rodovia. Inicialmente foi destinada, de acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), “uma área de 10 Km de cada lado da rodovia para fins da colonização oficial com objetivo de apoiar o pequeno produtor, principalmente ao desprovido de terra e ao proprietário de minifúndio” - I PND, 1971, p. 21 (ROCHA, 2008, p. 02).

Logo, acontece “o II PND com a ampliação para 100 km de cada lado das rodovias destinados a projetos de colonização ocorreu uma mudança significativa no perfil dos migrantes selecionados e tipo de uso da terra” (ROCHA, 2008, p. 02). Com a reestruturação do I e II PND, houve vantagens para uns (grandes fazendas) e desvantagens para outros (pequenos agricultores). Dentre esse contexto, vários povoados, vilarejos e municípios foram surgindo. Inclusive, o Projeto Especial de Assentamento (PEA), que objetivava o atendimento necessários às famílias que eram “removidas compulsoriamente por atos do governo, localizado no eixo da rodovia Cuiabá- Santarém, entre os municípios de Sorriso e Nova Mutum” (LACERDA, 2016, p. 02). Com a organização das ações desse projeto iniciam-se, assim, os primeiros movimentos de pessoas no futuro município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, lembrando que estamos aqui ignorando outros existentes no mesmo eixo rodoviário ou nas proximidades do mesmo.

1.2.1 Município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso: Um projeto de colonização do INCRA

Analisando os relatos apresentados no livro “A História de Lucas do Rio Verde em fatos, contos e poemas” de Saul Lazzari³ é possível ter noção do que foi o chegar nessas paragens, locais sem nenhuma estrutura ainda onde tudo necessita ser construído. Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, era um projeto de colonização do INCRA, tendo outros na vizinhança sendo desenvolvidos no mesmo espaço de tempo por colonizadoras particulares. Observamos que o Rio Verde é divisor de águas contribuindo para o complexo da Bacia Amazônica, com suas nascentes em região de cerrado, porém se destinando para a Amazônia Legal, é na bacia desse que foi iniciado o povoado de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso.

Por volta de 1970, três famílias de posseiros que exploravam seringueiras nativas na região, ocuparam as margens do Rio Verde. Logo, vieram outras famílias de outros lugares pra cá. A responsabilidade era do INCRA em trazer, instalar e oferecer infraestrutura para essas famílias. O INCRA em parceria com a Cooperativa Holambra, do interior de São Paulo, organizou a chegada de mais 50 famílias da região de Holambra – SP, “que através da Cooperativa Lucas do Rio Verde, estavam pleiteando lotes de terras para assentar famílias daquela região” (ZART, 1998, p 12). Com o intuito de amenizar as tensões sociais que se agravavam na região Sul do Brasil, temos também no projeto Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, a chegada de famílias sem terra, vindas da cidade de Ronda Alta, Rio Grande do Sul, chegaram 203 famílias e já começaram a fazer as primeiras plantações de arroz, orientados pelos órgãos de governo já que os chegados não conheciam os modos de produção do cerrado.

Para apresentar esse momento da história do município nos apropriamos do que está expresso no Plano Diretor de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso do ano de 2009, onde apresenta um apanhado geral sobre a localização e também as condições a esse novo endereço.

³ Importante pioneiro de Lucas do Rio Verde, Saul Lazzari narra a história de Lucas do Rio Verde desde a sua colonização até o seu desenvolvimento nos dias atuais. Disponível em: <http://www.lucasdorioverde.mt.gov.br/portal/noticia/noticia.php?cod=450>. Acesso em: 28 jun 2018.

As obras de abertura da rodovia BR-163, pelo 9º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), ligando Cuiabá a Santarém (PA), na segunda metade da década de 70, mobilizaram os primeiros colonizadores para esta região de cerrado situada no Médio-Norte de Mato Grosso e distante 350 quilômetros da Capital. No entanto, foi somente a partir de 1981, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) começou a implantação do projeto de assentamento de 203 famílias de agricultores sem-terra oriundas de Encruzilhada Natalinas, interior do município de Ronda Alta (RS), que se formou a comunidade que deu origem a Lucas do Rio Verde. Na época, outros 85 posseiros que já habitavam o local e mais 50 colonos provenientes do interior de São Paulo também foram assentados nos lotes que dividiram uma gleba de 197.991 hectares (Plano Diretor de Lucas do Rio Verde, 2009. p. 6).

Para dar andamento ao projeto se fez necessário financiar uma infraestrutura mínima, para os agora assentados, sejam antigos posseiros, sem terras do sul ou colonos paulistas. Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, participou, então, da implantação do Projeto de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER II), objetivando através da cooperativa chamada de Cooperlucas uma estruturação organizacional para construção de armazéns favorecendo a estocagem dos produtos agrícolas aqui cultivados, começando assim, as primeiras iniciativas para a introdução de cultivares como a soja, nesta região.

Organizados em regime cooperativo, a Cooperlucas obteve apoio financeiro do Banco do Brasil, proporcionando aos associados à segurança da armazenagem da produção, com a construção de silos. Também foram abertas as primeiras estradas dentro do projeto e conseguidos os primeiros equipamentos destinados à agricultura. “Pouco tempo depois da fundação da Cooperlucas, esta já passou a dar crédito ao produtor em época. A partir daí, montaram-se núcleos cooperativos” (LAZZARI, 2013, p. 12).

Contudo, as dificuldades nas novas terras eram das mais diversas, local distante, onde tudo faltava a todo o momento e o apoio mais próximo ficava a dias de distância. Mesmo com auxílio público e privado, a vida era difícil. Tudo precisava ser construído, as condições das estradas eram precárias, principalmente no período de chuvas, havia também “apenas o Posto de Abastecimento da COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), o Posto de Saúde SESP (Secretaria Estadual de Saúde Pública) e algumas casas do INCRA” (Plano Diretor do município de Lucas do Rio Verde, 2009, p. 56). Para dar suporte às famílias.

Com relação aos problemas e crises poderíamos apresentar os mais variados e em quantidades relevantes, mas aqui iremos nos ater a alguns apontamentos para fins de

esclarecimento. Seguindo o objetivo de situar os leitores apresentamos de forma genérica as datas que marcam a fundação do município, bem como um pouco de sua história.

O dia 05 de agosto de 1982 passou a ser comemorado como a data de fundação da agrovila, ainda então pertencente ao município de Diamantino. Em 17 de março de 1986, o núcleo urbano foi elevado à condição de Distrito e no dia 04 de julho de 1988, quando conquistou sua emancipação político-administrativa, já contava com 5.500 habitantes. Atualmente, poucas famílias dos assentados de Ronda Alta ainda continuam de posse de suas terras. Pressionadas pelas inúmeras dificuldades daquele período, muitas delas desistiram de seus sonhos e outras perderam terreno para a agricultura extensiva que começava a ocupar a vastidão do cerrado (Plano Diretor de Lucas do Rio Verde, 2009. p. 6).

É relevante observar, neste processo de colonização do Mato Grosso, a extraordinária ênfase nas propagandas atrativas, construindo uma visão ideológica de prosperidade e enriquecimento. Estrategicamente, apresentadas objetivando interesses valoráveis imprescindíveis para o plano de mecanização agrícola dar certo, nessas novas terras já planejadas pelo governo em desbravar e expandir geográfica, econômica e produtivamente a região de cerrado do país.

A colonização tem características diferenciadas. O processo migração colonização está ligado ao fator de esgotamento das terras na chamada “Colônia Velha” provocada rapidamente pela característica da formação dos projetos colonizatórios: a pequena propriedade fundiária, associada a famílias numerosas e a existência de uma terra vazia - uma fronteira agrícola a ser incorporada. Ao se referir ao Rio Grande do Sul ou a Santa Catarina, pode-se verificar que toda migração campo-campo permaneceu naquelas paragens dentro dum mesmo grande ecossistema, com características biofísicas muito semelhantes. Teve o migrante que enfrentar as adversidades próprias de uma região de recente colonização, a falta de infra-estrutura como estradas, escolas, hospitais. Estas adversidades permaneciam mais no campo da transformação e aculturação da natureza, pois as características desta já eram conhecidas pelo migrante, portanto de fácil adaptação. Explicando melhor, quando o colono migra, abre novas colônias, incorpora mais fronteiras ao capital numa região de clima subtropical da qual faz parte, ele conhece os tipos de solos; tempos de chuva, de frio e dos ventos. Neste sentido, ao migrar de um lugar para outro num mesmo ecossistema, o processo adaptativo é mais rápido (ZART, 1998, p. 87).

A busca por melhores condições de vida e o sonho do ter cada vez mais capital, de acumular bens, de ter o acesso à terra ou aumentar o tamanho da propriedade, de investir para lucrar cada vez mais, caracteriza a composição social e cultural de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Os pioneiros sulistas e paulistas desde município, incorporados aos projetos desenvolvimentistas, na ambição e acumulação de capital, deixaram seus lugares de origem, com pequenas propriedades de terras, com agricultura familiar de “5-10 ha para uma área de 50-200 ha no Mato Grosso” (ZART, 1998, p. 88). São pessoas que buscam melhores condições de trabalho, nova expectativa, almejam trabalhos com um retorno financeiro satisfatório e que possam exercer suas profissões, seja ela, com o acesso à terra ou trabalhando nas grandes fazendas. No entanto, nem todos que migraram para as novas áreas de colonização, conseguiram alcançar seus objetivos. Muitas famílias submeteram-se a executar outros trabalhos, como por exemplo, em atividades extrativas, madeira, serrarias ou garimpo. Outras voltaram para seus lugares de origem, pois o próprio processo colonizador que os trouxeram pra cá, também indiretamente os excluía.

Os subsídios do governo se tornaram cada vez mais escassos para atender as necessidades emergentes, como a mecanização do campo, adubação, correção do solo, investimentos em sementes e infraestrutura fundamentais as famílias chegadas com muito pouco ou nada de recursos financeiros. Dessa forma, permanecer nas novas terras não foi tarefa fácil, enfrentaram as mais diversas dificuldades, desde a alimentação, manutenção e também a pressão social dos que não aceitavam os recém chegados.

Nas leituras de Saul Lazzari (2013) há descrições em que o INCRA emprestava dinheiro aos compradores para aquisição de mais lotes, “financiavam instalação sanitária como poços, banheiros, posto de saúde, pré-moldados, mercado da Cobal e às vezes, ajudava com dinheiro vivo, já que o objetivo do governo era povoar a região” (LAZZARI, 2013, p. 20). Nesta perspectiva, Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, usou e contribuiu para os objetivos econômicos e políticos governamentais, como um novo lugar para explorar significativamente o processo de modernização da agricultura, estruturar os interesses do capital, concentrar terras nas mãos de poucos, abrir novas possibilidades produtivas, tanto para o governo, como para o capital privado, empresas nacionais e internacionais. Assim, estabelecem investimentos e pesquisa para a adaptação de novas culturas ao solo e ao clima do cerrado.

Lucas do Rio Verde, situada na região do Alto Teles Pires, no Centro Norte do estado de Mato Grosso, tornou-se parte integrante do modo de produção capitalista. Contribuindo

historicamente para uma reestruturação fundamental geográfica/ produtiva em trechos da rodovia BR 163. Marcando, a efetiva realização de projetos de colonização na região do Centro Oeste do país. Pois, “o mercado no Sudeste e Sul já estava saturado, e necessitava da ampliação da agropecuária para garantir o fornecimento de alimentos e de matérias primas, para manter os preços e o valor dos salários” (CAMARGO, 2014, p.4). A estratégia para aplicação do capital excedente gerado nas regiões sudeste e sul do Brasil, contribui para alicerçar projetos desenvolvimentistas na região Centro Oeste e fundamentalmente no estado do Mato Grosso, garantindo seus investimentos. Consequentemente, expansão agrícola, produtividade e lucratividade.

Assim, no final dos anos de 1970 surgiram pequenas unidades agroindustriais na Região Centro-Oeste, basicamente construídas por pequenos grupos empresariais locais e regionais. Muitas dessas plantas industriais foram desmontadas das Regiões Sudeste e Sul do país, aproveitando-se de incentivos fiscais como a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) (MONTAGNHANI; LIMA, 2011, p. 164).

Nessa perspectiva do crescimento e desenvolvimento deu-se início a estruturação do espaço geográfico de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, com sua origem legalizada por decreto lei durante o último governo militar:

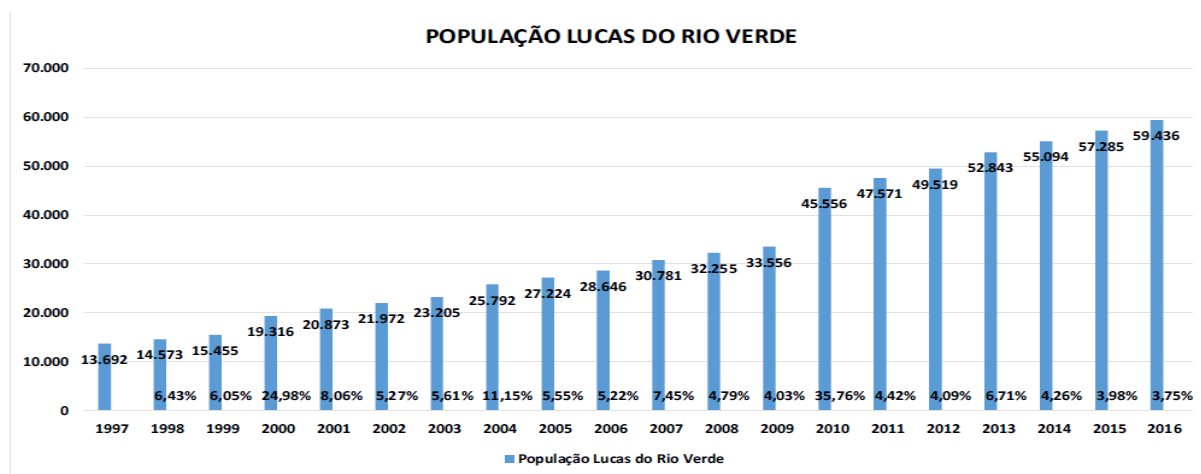
A gleba Lucas do Rio Verde, localizada às margens da BR 163, foi criada judicialmente em 1976 pela coordenadoria do INCRA. Em 1981, o presidente general João Batista Figueiredo declarou a área como prioritária para fins de reforma agrária através dos decretos nº 86.306 e 86.307. O projeto de assentamento especial Lucas do Rio Verde foi implantado em “regime de urgência para atender àqueles agricultores sem terra que estavam acampados na Encruzilhada Natalino”, em Ronda Alta, palco de intensos conflitos por terra no Rio Grande do Sul [...] (ROCHA, 2008, p. 02).

O projeto de assentamento recebeu o nome de Rio Verde, local este, estratégico aos olhos militares para a implantação do projeto de assentamento, recebendo as primeiras estruturas que deram suporte a demarcação das áreas, delimitação, confisco, avaliação, fiscalização e planejamento a longo prazo para a concretização do projeto, bem como seu funcionamento, almejando a produtividade, tão logo a lucratividade.

Nos anos iniciais da década de 1980 o município eleva o status do assentamento Rio Verde se tornando Distrito, conforme apresenta Natalício Pereira Lacerda “em 1986, o núcleo de Lucas do Rio Verde foi elevado à condição de Distrito de Diamantino [...]” (LACERDA, 2013, p. 107). Assim temos a nomeação dos primeiros representantes públicos do local, apenas dois anos após a elevação a nível de Distrito surge o município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, “em 04 de julho de 1988, por meio da Lei Estadual nº 5.318, alcançou autonomia político-administrativa, tornando-se município, com cerca de 5.500 habitantes” (LACERDA, 2013, p. 107). Vale mencionar que a data de 5 de agosto, foi estabelecida como a de fundação, pois se remete ao início da Agrovila no ano de 1982, por esse motivo a escolha do momento comemorativo não ser idêntico ao oficial citado de 04 de Julho.

Observando o número de habitantes no território de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, é notório que em menos de uma década o local atrai em torno de 5.500 pessoas, sendo que, uma década anterior aos anos de 1988, data da emancipação, não eram mais do que poucos sertanistas. Observa-se que na década seguinte o evento do crescimento se repete, já que em 1997 se registram 13.692 habitantes para o recém formado município.

Gráfico 1: Aumento gradativo da população de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso



Fonte: Rigo (2016, p. 55)

Partindo de uma análise de dados sobre a evolução populacional de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, percebe-se tamanha progressão, entre 1997 à 2016. Fatores analíticos

são fundamentais para explicar essa evolução demográfica no município em tão pouco tempo, essa reorganização socioespacial e territorial local e regional

“[...] são frutos de projetos de colonização viabilizados pelo Estado através da apropriação de terras devolutas (ou não) por segmentos que detêm capital e, principalmente, capacidade de organização em torno de cooperativas que viabilizaram a rápida ocupação territorial” (ROCHA, 2010, p. 09).

Ressaltamos que a construção da rodovia BR-163, que corta o município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso de sul a norte se torna um dos principais eixos de ligação rodoviário local e do Brasil, com isso o município agrega significativamente várias atividades produtivas, por vias cooperadas, privadas de capital nacional e ou internacional. Também,

O município se destacou pelo ímpeto da produção agropecuária, experimentando diferentes momentos: a ocupação pelas políticas nacionais, a reestruturação produtiva do campo e, recentemente, o estabelecimento da cadeia grãos-carne; o município se localiza em uma das regiões privilegiadas de expansão da produção de commodities após a década de 1990, a microrregião de Alto Teles Pires; o município apresentou o maior crescimento populacional no Mato Grosso e se encontrava entre os dez municípios do país em termos de taxa de crescimento demográfico entre 2000 e 2010, fator explicado pela dinâmica migratória; o município passou por uma intensa transformação intraurbana não apenas com expansão dos bairros novos, mas também pelas renovação dos bairros antigos (estabelecimento de comércios, reforma de moradias, mudança de moradores nas residências mais antigas) e da expansão da infraestrutura pública urbana. (SILVA, 2017, p. 18).

Nesta perspectiva, Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, busca se organizar para atender a demanda de pessoas migrantes, para tanto projeta a estrutura urbana a frente de seu tempo tentando atender a demanda do setor produtivo. Entendemos assim que o local da pesquisa envolve o complexo e necessário entendimento das mudanças ocorridas na construção de um modelo rural e urbano de venha a atender as necessidades dentro de um planejamento voltado para a formação do envolvimento social. Assim, a reestruturação territorial, política e econômica apresenta para os luquenses um local que atenda de sobremaneira a vida e a viabilidade do projeto inicial.

Notamos essa preocupação desde a origem da cidade, conforme aponta Anton Huber (2010), quando afirma que se faz necessário o comprometimento com a educação, saúde, assistência social, segurança, dentre outros fatores, viabilizando parcerias antes mantidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, passando a responsabilidade para a Cooperlucas e gradativamente para os membros e órgãos dessa sociedade, podemos apontar essa vontade quando a Cooperlucas, por exemplo, acampa e defende a necessidade da educação aos filhos dos assentados e ou moradores do projeto.

1.2.1.1 O início da rede de educação básica de ensino em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso

No ano de 1983, ocorreu a implantação do ensino fundamental de primeira a quarta séries. Contudo, encontrar professores habilitados para ministrar aulas não foi fácil devido a baixa escolaridade dos migrantes, sendo necessário contratar pessoas com pouca formação entre os próprios migrantes, ou mesmo entre os funcionários públicos locais e ou seus familiares (HUBER, 2010). Estes por sua vez, expressavam muita criatividade e esforço para garantir e desenvolver o ensino aprendizagem dos alunos, além de tornarem-se parte importante para a comunidade por espalharem a esperança em um local estranho e distante, lembrando que essas escolas se espalhavam por uma área gigantesca “superior a três mil quilômetros quadrados” (HUBER, 2010, p. 150).

Da prefeitura, as escolas receberam os equipamentos e o material de ensino necessários ao seu funcionamento. A edificação escolar, no núcleo urbano de Lucas, era um pouco maior do que as outras e tornou-se a sede de coordenação das atividades de ensino municipal (HUBER, 2010, p. 149).

A ampliação da educação básica e ensino médio aconteceram de acordo com o crescimento econômico e populacional, com muita persistência e pedidos dos pioneiros a autoridades governamentais, acreditando na educação como forma de libertação dos jovens

rurais, junto a suas famílias. Notamos aí a descrença e o desconhecimento de autoridades do estado de Mato Grosso, como o secretário de educação da época quando diz “*Não! Uma escola em nível de segundo grau num lugar desses, de mato?*” (HUBER, 2010, p. 151). A escola só foi implantada, pois o governador possuía conhecimento sobre o projeto do assentamento Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, e emitiu despacho contrário a seu secretário de educação,

[...] a partir dessa audiência, objeções de qualquer tipo foram postas de lado. Atendidas as exigências legais e burocráticas, o Decreto da criação da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Dom Bosco foi publicado no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, pela Secretaria de Educação (HUBER, 2010, p. 152).

A satisfação da comunidade local quando da conquista da educação média no assentamento foi grande. Logo, os primeiros frutos das lutas foram colhidos pelas aprovações obtidas nos vestibulares em diferentes lugares, comprovando que o ensino do assentamento manteve qualidade em padrões aceitáveis nacionalmente. Com o passar do tempo com a atração de novos investidores o município cresce de forma gradual e acentuada, necessitando de readaptações no atendimento escolar com o surgimento de novas unidades escolares, formação de professores, qualificação profissional e estrutura física (HUBER, 2010).

E assim, sucessivamente a organização educacional se apresentava como fundamental e indispensável para o atual contexto da comunidade local de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. A partir de métodos e experiências simples dos professores para a construção de novos conhecimentos. As metodologias buscavam garantir a evolução histórica, o desenvolvimento de competências, a busca pela informação, para assim, construir e produzir o conhecimento. A partir das transformações e relações com o meio social e a própria vivência humana (HUBER, 2010).

Ao trazer esta realidade educativa de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, se faz interessante também abordar alguns dados atualizados. Em consulta ao banco de dados do IBGE o município atualmente possui os seguintes números habitacionais:

Quadra 1: População do município

População	Quantitativo
População estimada em 2017	61.515
População do último censo 2010	45.556

Fonte Adaptada: IBGE (2010)

Deste quantitativo populacional temos alguns índices educacionais atualizados. O município conta com uma taxa de escolarização de 97,5% de 6 a 14 anos de idade (IBGE, 2010).

Quadro 2: Dados da Educação Básica no município de Lucas do Rio Verde

Informações gerais	Quantitativos
Matrículas do ensino fundamental	8.341
Matrículas do ensino médio	2.404
Docentes no ensino fundamental	386
Docentes no ensino médio	148
Número de estabelecimentos de ensino fundamental	17 escolas
Número de estabelecimentos do ensino médio	6 escolas

Fonte Adaptada: IBGE (2010)

A partir destes dados destacamos que no campo educacional, Lucas do Rio Verde tem uma estrutura invejável, com escolas equipadas com laboratórios, bibliotecas, quadras esportivas e piscinas.

A rede municipal possui 16 centros de educação (creches, centro de educação infantil e escolas de ensino fundamental), que são responsáveis por 9 mil crianças e jovens. Além da estrutura física moderna, a valorização e a

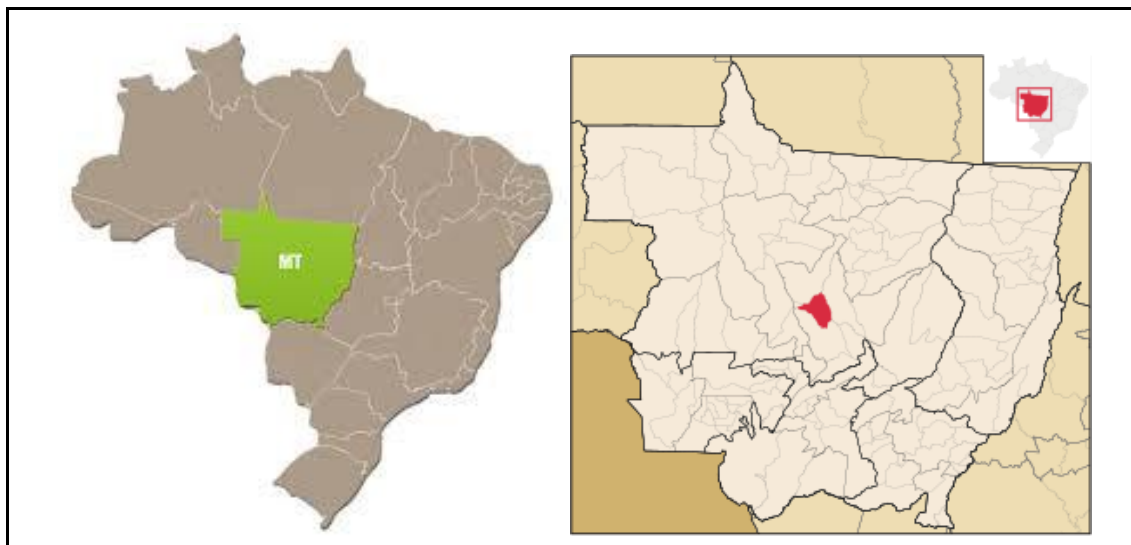
capacitação dos profissionais também fazem parte das metas do município. Na educação, Lucas do Rio Verde é reconhecido nacionalmente com vários prêmios de Gestão Eficiente da Merenda Escolar. Nos anos iniciais o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2015, Lucas do Rio Verde alcançou a meta projetada nacionalmente para 2021, obtendo a nota 6,5. Nos anos finais, o município conquistou a nota 5,5. (RIGO, 2016, p. 164).

No município a estrutura educacional se apresenta de maneira qualificada. Quanto aos desafios do espaço escolar o município de enquadra nos mesmos parâmetros nacionais em processo de precarização da qualidade haja vista o congelamento de investimentos.

1.3 ASPECTOS DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA LUQUENSE

O assentamento Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, através da organização inicial da Cooperlucas, contava com a ajuda do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), do 9º batalhão do exército brasileiro e o poder público municipal de Diamantino, Mato Grosso, para assegurar a permanência dos moradores, traçar um planejamento urbanístico para a formação e estruturação da cidade, além disso, com incentivo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do Banco do Brasil foi possível financiamentos das lavouras que já possuía documentação necessária para a realização de empréstimos. Em pouco tempo, houve a abertura de pequenas lojas de insumos agrícolas, mercadinhos para a venda de produtos alimentícios, atividades comerciais, prestação de serviços, entre outros, os quais contribuíram significativamente para o desenvolvimento agrícola, e também urbano local e regional (LAZZARI, 2013).

Mapa 1: Localização do Município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso



Fonte: O Autor (2018)

O município, por sua vez, foi se reestruturando administrativa, econômica e politicamente. Inicialmente com a realização do projeto de assentamento e povoamento do local, como consequência dos fatos ocorridos e vividos, a necessidade de um planejamento de loteamento da cidade, implantação de indústrias e a construção de mais escolas municipais e estaduais, contratação de um número maior de profissionais da educação, postos de saúde, hospitais, segurança, entre outras.

O processo de modernização da agricultura, proporcionou em passos largos, a expansão do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, em área plantada, produtividade e crescimento urbano. A parceria com o estado, empresas privadas, investidores particulares entre outros foram fundamentais para o desenvolvimento local e também mato-grossense. Contudo, o projeto desenvolvimentista realizado no Brasil, privilegiou a “burguesia industrial - agrária brasileira, que aliada ao grande capital monopolista internacional, mediada pelo Estado brasileiro” (ZART, 1998, p. 104). Planejamentos minuciosos de projetos que territorializaram as terras mato-grossenses, transformando-as de agricultura rudimentar em mecanizada, aumentaram a produtividade, qualidade e processo a industrialização dos produtos primários.

O projeto da modernização, por que inspirado nos valores e nos interesses da classe hegemônica e dominante, destaca-se neste a produtividade do campo, considerando está em termos absolutos, isto é, volume de produção por área cultivada e não em termos relativos - maior produção por indivíduo empregado no processo de produção. Esta racionalidade gerou um processo de exclusão do trabalhador do processo produtivo, porque requer a aplicação intensiva de máquinas e de tecnologias modernizantes para o cultivo de áreas extensas. O cálculo do volume de produção considerando a área, reduzindo ao mínimo a mão-de-obra e considerando como eficiência produtiva o maior volume de produção com menor número de força-de-trabalho empregado, resultam na monopolização da terra e na expulsão do pequeno e médio agricultor da terra (ZART, 1998, p. 104).

Essas características são visíveis ao longo do processo de colonização e construção do município de Lucas do Rio Verde, partindo de uma estruturação de assentamento e cooperativismo, o projeto desenvolvimentista de Mato Grosso, também abriu as portas para o monopólio capitalista, que foi chegando com valores em mãos e logo foi usufruindo de seu poder dominador para implantação e ampliação de seus negócios de interesse lucrativos. Transformando o local em um novo cenário produtivo atraindo pessoas para atender a demanda do mercado de trabalho, tanto urbano quanto rural. O poder público municipal, diante desse contexto progressista, precisou de um planejamento eficaz para atender a demanda populacional que aqui se instalaram.

O sistema educacional, por sua vez, ampliou seus horizontes, além das escolas municipais e estaduais, escolas particulares, universidade, cursos profissionalizantes, instituto federal, dentre outros foram sendo instalados no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, sendo agora, uma necessidade local e regional em qualificar e profissionalizar a mão de obra, utilizada nos setores primário, secundário e terciário.

Atualmente, o agronegócio é o carro chefe no município, sustentado pela agricultura empresarial moderna, a grande propriedade produtiva, favorável à internacionalização da economia. Consequentemente, a busca por melhores condições de trabalho, qualificação profissional, melhores salários e o bem estar da família, aumenta a cada dia o fluxo de pessoas no município e região.

Nesta perspectiva, o processo de colonização, também proporcionou um fluxo migratório de pessoas, um movimento constante e permanente, que possibilita o processo de aprendizagem por meio as construções e modificações realizadas pelo próprio homem em seu próprio espaço de vivência, agregando assim, conhecimento científico. Todas as formas constantes de vivência histórica conjunta com a comunidade, constroem o conhecimento

científico e, somados ao desenvolvimento de competências necessárias para buscar atender as exigências da sociedade, o ser humano constrói e reconstrói um novo ciclo de ensino aprendizagem, que além de produção científica, agora é tecnológica, informacional, especializada, seletiva, competitiva e precisa ser altamente produtiva.

O dinamismo econômico e produtivo no estado do Mato Grosso vem caracterizando esse contexto, demonstrando produtividade e competitividade frente aos investimentos e capital depositados nos diversos setores, principalmente no setor primário. Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, conseguiu nos últimos quarenta anos, acompanhar tecnológica, científica e informacionalmente esse processo, diversificando a produção (soja, milho, algodão, arroz, feijão, criação de suínos, bovinos e aves). Com o incentivo de projetos governamentais, empresas privadas, bem como, interesses políticos e econômicos nacionais e internacionais, diversificou-se a produção primária do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, como por exemplo, “na suinocultura, o Programa Granja de Qualidade, criado pelo governo e que oferece incentivos fiscais para quem investir na suinocultura, tem por objetivo estimular a produção e a industrialização de carne suína” (FERREIRA, 2001, p. 318).

Com a presença da mecanização do campo, com modernas técnicas de plantio e colheita, correção adequada do solo, aplicação de agrotóxicos, adaptação climática de cultivares, instalações apropriadas às criações e incentivos na realização de pesquisas por empresas particulares ou públicas, contribui significativamente para o aumento produtivo agrário-industrial do município. Os reflexos políticos e econômicos, são frutos de uma construção sócio espacial, oriunda de um processo de colonização, onde acolhe o pequeno, médio e grande proprietário rural. É com o processo de construção e desenvolvimento das capacidades que Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, vivencia um período de rápidos avanços tecnológicos e de propagação de inúmeras e importantes informações que contribuem com a formação política, econômica, social e cultural do município. Dá-se, assim, mais uma vez a importância educacional para a estruturação do local de estudo.

Realizados delineamentos quanto às compreensões gerais dos aspectos históricos do Município de Lucas do Rio Verde; do contexto desenvolvimentista de interiorização no Brasil; do projeto de colonização do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que permeou a história do município; do início da rede de educação básica de ensino em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso; dos aspectos do processo de modernização da

agricultura neste local; passamos, então, a realizar aproximações e articulações com os referenciais de memória e espaços de memória desta localidade no intuito de situar o objetivo desta pesquisa.

1.4 TECENDO ARTICULAÇÕES ENTRE REFERENCIAIS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA: APRESENTANDO OS SIGNIFICADOS DOS SÍMBOLOS DO MUNICÍPIO

Lembramos que esta pesquisa objetiva investigar estratégias metodológicas diferenciadas de ensinar História, de construir saberes históricos em diferentes espaços de memória. Assim, pretendemos avançar nos entendimentos referentes à memória e aos lugares de memória. Subentendemos que para investigar tais estratégias metodológicas necessitamos, a priori, de subsídios que nos permitam entender teoricamente esses elementos. Neste sentido, faremos um percurso de imersão nas abordagens teóricas que fundamentam este debate para podermos propor metodologias diferenciadas de ensino com densidade e consistência.

Para tanto, recordamos as inquietações que deram origem a esta pesquisa e que são vividas cotidianamente na prática pedagógica do pesquisador e, sobretudo, professor de História, a saber: como estimular a construção de saberes históricos nos diferentes espaços de memória de determinada localidade? Quais memórias podem aproximar o ensino de História à realidade dos estudantes e seus familiares? Se observarmos, esses questionamentos dão ênfase a aspectos atinentes à memória e aos espaços de memória. Subsequentemente, o ensino de história aparece de maneira subjacente neste processo e, portanto, como elemento basilar, uma vez que, por intermédio do ensino os professores podem pensar práticas, didáticas, metodologias, saberes que mobilizam o exercício profissional.

Pretendemos tecer abordagens sobre concepções de memória desde a perspectiva histórica, a memória enquanto matéria-prima do Historiador. Também avançaremos em entendimentos que contemplam os espaços, lugares de memória, seus percursos, seus desafios para a localidade específica de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Salientamos que, a tríade “memória”, “lugares de memória” e “ensino de história”, são componentes que se inter-relacionam periodicamente nesta pesquisa.

1.4.1 Concepções de memória

Ao pensarmos sobre os desafios existentes nas práticas educativas na atualidade certamente, quando nos referimos ao ensino de História, um desses desafios faz referência à memória. Neste sentido, pontuamos que dentre todos os avanços, aparatos tecnológicos existentes atualmente, avanços da ciência, a memória aparece como elemento significativo. Quando nos referimos ao aprendizado da história, ao professor, ao ensino, aos alunos, à escolarização institucionalizada, à vida como um todo, a memória aparece como elemento mais que significativo, aparece como algo fundamental.

Ao retomarmos um tempo mais longínquo, vale ressaltar que “se os artefatos que saem da oficina do historiador são tecidos de tempo e memória, o trabalho deste artesão impõe uma permanente reflexão sobre seus fundamentos” (TOLEDO; COSTA, 2014, p. 13). Neste sentido, o historiador, entendido como artesão realiza um processo de reflexão em cada artefato produzido, sabendo que cada processo é construído de tempo e memória. Em outras palavras, não há nada que exista que não seja permeado de memória, de história que é envolta pelo tempo. Assim, pontuamos que:

A História é forma específica de operação sobre a Memória. A Memória é a matéria-prima sobre a qual o artesanato do historiador se constrói, por meio da interrogação, dos procedimentos científicos, por meio da investigação que desnaturaliza a memória para transformá-la em coisa não sabida (TOLEDO; COSTA, 2014, p. 13-14).

Vejamos que, uma primeira concepção de memória encontrada na literatura diz ser ela “a matéria-prima” do historiador, onde o trabalho do historiador se constrói. Esse processo é permeado de questionamentos que desnaturalizam a própria memória transformando-a em algo não sabido. Assim, a memória vem a ser o “ofício” do historiador (TOLEDO; COSTA, 2014, p.19). E como realizar este ofício qualificadamente? Como dar visibilidade agradável a este ofício sem ser monótono, pacato? Como o historiador é desafiado atualmente a dar visibilidade à memória?

Avançando na proposta deste estudo, trazemos a instituição escola para o diálogo. Essa articulação é fundamental uma vez que é ela a “instituição produtora das memórias sociais e individuais, por ser instituição, após o nascimento da República, hegemônica na socialização da infância e da juventude” (TOLEDO; COSTA, 2014, p.19). Neste sentido, a própria escola pode ser decifrada como chave de desvelamento da própria cultura escolar e das práticas escolares. Pontuamos que, desde suas origens, coube a escola e ao ensino de História a função de trabalhar a “memória social” (TOLEDO; COSTA, 2014, p.20). Temos então elementos significativos, uma vez que o entendimento de memória social remete a uma construção conjunta, a lugares, espaços, patrimônios, culturas, coletividade dentre outras fontes.

Retornando ao entendimento do ofício do historiador que se debruça necessariamente sobre a memória, sobre os processos de sua construção e os espaços de sua circulação e apropriação. Nessa perspectiva:

[...] o espaço escolar e os espaços de preservação da memória – museus, arquivos, bibliotecas, casas de cultura, entre outros – devem ser pensados de modo conectado, já que são lugares precípuos de socialização da memória nas sociedades contemporâneas. A luta que se vem travando por parte de diferentes grupos sociais sobre o direito à memória, passa pelo acesso a esses importantes espaços de circulação e socialização da memória. A formação do professor e do historiador deve, então, problematizar - do ponto de vista da história - esses lugares, assim como os conteúdos da memória que neles circulam (TOLEDO; COSTA, 2014, p. 23).

Uma vez que a matéria-prima do historiador é a memória, outro elemento importante encontrado na literatura faz referência ao espaço escolar como lugar de circulação dessas memórias. Assim, a escola como lugar de socialização da memória nas sociedades contemporâneas deve garantir a preservação do direito à memória, tão raro aos nossos tempos. O historiador problematiza esses ambientes, torna-os vivos através de seus conteúdos, arquivos, patrimônios entre outros elementos existentes. Após identificar concepções de memória, elencar a escola enquanto um espaço em que esta memória circula - referendando a memória coletiva - percebemos, nesta imersão teórica, que uma importante categoria neste debate é denominada como “lugares de memória”, aspecto este que aprofundamos a seguir (NORA, 1993, p. 21).

1.4.2 Contextualizando e significando os monumentos do Município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso como lugares de memória

A presente pesquisa possui como objetividade desenvolver estratégias metodológicas diferenciadas no ensino de história primando os lugares e espaços de memória, neste caso, do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Por isso, neste momento abordaremos, inclusive com imagens, diferentes espaços de memória desta localidade que significam para esta pesquisa possibilidades de metodologias diferenciadas no ensino de história. Assim, partimos do entendimento de que os lugares de memória são criados a partir de uma demanda histórica de elaboração identitária para assegurar representações sociais de determinados grupos. Neste entendimento, a categoria lugares de memória remete a ideia de

[...] cenários ou territórios, falas ou olhares, documentos ou objetos, imagens ou memórias, edificações ou paisagens, entre outras percepções subjetivas ou objetivas da realidade. Todas, impreterivelmente, são imbuídas de disputas e negociações, apropriações e empoderamentos, antagonismos e homogeneidades.

Quando um lugar de memória é inventado ou recriado ele segue as prerrogativas ideológicas ou culturais de quem o comandou ou coordenou sua invenção. Destarte, acontece com os espaços públicos na sua magnitude (SOUZA, 2014, p. 51).

Neste sentido, passamos a elencar os monumentos desta localidade lembrando que “na medida em que tais referências são conhecidas, a memória torna-se refletida, as lembranças se tornam experiências permitindo melhor compreensão da natureza histórica dos acontecimentos, contribuindo na formação cidadã dos educandos” (VIANA e MELLO, 2013, p. 01).

Figura 1

Inauguração Escultura da Ema, Arquivo pessoal, 2015.

A escultura da Ema foi inaugurada no município em 2015. Lembramos que essa ave é símbolo Luquense e não o porco, como alguns pensavam. A Ema foi instituída como ave-símbolo do município pela lei n. 645 de 20 de abril de 1999. Segundo o artigo 3º desta legislação diz: “as mudanças que a região sofreu, com vistas ao desenvolvimento, já que ocorreu transformação do cerrado em campos de agricultura desenvolvida, não foi o suficiente para que a "EMA" se afastasse da região ou que a espécie ficasse ameaçada de extinção” (LUCAS DO RIO VERDE, 1999). No mesmo sentido, o artigo 4º da referida lei municipal menciona: “[...] o Município apesar da crise econômica e das mudanças no Cenário Regional e Nacional, o seu desenvolvimento não está ameaçado, graças a coragem de seu povo para enfrentar as situações adversas [...] da mesma forma a EMA bravamente resiste às mudanças ambientais” (LUCAS DO RIO VERDE, 1999). Ainda sobre a escultura, foi projetada e edificada pelo artista plástico Ivaldo Rodowanski⁴, com aproximadamente 10 metros de altura e pesando cerca de três toneladas. A escultura utiliza material reciclado, originários de maquinário agrícola, veículos e outros. Na placa de inauguração há os dizeres “Guerreira

⁴ Artista plástico, de Tangará da Serra, Mato Grosso, usa de material reciclado e sucata de veículos, bicicletas, motos e outros em suas obras que se espalham por vários locais de Mato Grosso e também outros estados. Para saber mais: <http://artesdaewansk.blogspot.com/>

como o povo Luquense, que caminha a passos largos e cabeça sempre erguida”. A escultura se localiza na rotatória do Paço Municipal, memorando a região de cerrado e o avanço da agricultura local, onde se fundamenta o discurso do crescimento econômico do lugar, acompanhado por estratégias tecnológicas e de plantas industriais de transformação e armazenagem de grãos, e do aparato necessários para dar suporte aos projetos ligados a agricultura.

Figura 2



Preciosa, monumento urbano, Arquivo pessoal, 2015.

O monumento é uma homenagem da sociedade luquense a avicultura agroindustrial, setor que gera milhares de empregos na região. Segundo a Associação dos Produtores de Proteína Animal, juntos os municípios de Lucas do Rio Verde, Tapurah, Ipiranga do Norte e parte de Sorriso, produzem mais de 113 milhões de aves por ano. Toda a produção é abatida na Unidade Industrial da *Brasil Foods*, instalada em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Por dia, são processadas mais de 300 mil aves, que abastecem parte do mercado nacional e são exportados para o Japão, Oriente Médio e América Latina. O desenvolvimento da avicultura, principalmente em Lucas do Rio Verde, faz parte do segundo ciclo econômico, com incentivo a diversificação da propriedade rural, com foco na agroindustrialização.

A vinda da *Brasil Foods*, atraída pela oferta de matéria-prima, mudou a economia do município, até então, baseada na agricultura, produção de milho e soja. Hoje, somente a empresa gera cerca de 4.800 empregos diretos⁵, além um complexo vínculo de empregabilidade indireta na agricultura e no setor de manutenção industrial.

A escultura da galinha Preciosa foi planejada e edificada no início da rodovia MT 449 e inaugurada em 2015, simbolizando o desenvolvimento da avicultura agroindustrial na região. A escultura foi elaborada pelo artista e escultor Jakson Moura, reconhecido em 2017 com o Prêmio “Berimbau de Ouro”⁶ em Salvador, Bahia e também outras premiações anteriores. A escultura possui 10 metros de altura e retrata as atividades produtivas da avicultura em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, contribuindo para a diversificação econômica e comercial, proporcionando vantagens financeiras para a agricultura do agronegócio.

Apontamos para o esquecimento de outras atividades agrícolas provenientes da pequena propriedade rural, que no caso de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso não estão sendo contempladas, portanto tão somente enaltece o ideário do grande empreendedor voltado para a agricultura do agronegócio de exportação e do grande capital. Notamos assim que o pequeno agricultor se torna invisível na medida em que não é lembrado em monumentos e expressões urbanas até agora e esperamos entendimentos e mudança contemplando-os em momento futuro, já que os mesmos são existentes nesse lugar.

⁵ Disponível em: <http://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/portal/noticia/noticia.php?cod=5058>. Acesso em: 30 out 2017.

⁶ Berimbau de Ouro é referência mundial de reconhecimento e premiação do segmento Capoeira (arte ancestral implantada em mais de 165 países). Na edição de 2017 o artista e escultor Jakson Moura foi premiado em sua categoria, por escultura feita na cidade de Sorriso, Mato Grosso, onde retrata um capoeirista, produzido em cimento assim como a galinha “Preciosa” e outras esculturas do artista. (grifos do autor) Para saber mais, <https://www.cenariomt.com.br/2017/03/08/artista-que-fez-a-galinha-preciosa-recebera-premio-de-reconhecimento-em-salvador/> Acesso em 10 de junho de 2018.

Figura 3

Porco Luquinha, Arquivo pessoal, 2017

O porco Luquinha, também retrata a forte suinocultura da região que junto com a soja e o milho, e outros citados movimentam a economia da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. É mais uma escultura voltada para o agronegócio de grandes investidores e ligado também ao setor agroindustrial e que estranhamente não possui muitos registros ou motivações claras para o mesmo que fazer parte dos monumentos urbanos, como podemos perceber no apontamento,

Não há muitas informações sobre o imenso porco erguido no trevo da Av. Goiás com a BR 163. Com cerca de 6m de altura, o “porquinho” como é conhecido, está em pé, vestido, com chapéu e um cinto (talvez representando fartura), segura em uma mão uma espiga de milho, na outra grãos de soja, que são símbolos das riquezas deste solo. Esta escultura chama muito a atenção e não é raro encontrar pessoas tirando foto junto a ela. (HARTMANN, 2010, p. 01)

Dessa maneira temos poucos referenciais para apresentar a escultura e então optamos por apresentar a partir do ideário luquense, onde muitos concordam com o exposto acima e

outros afirmam que essa escultura possui ligação somente à vontade de algumas famílias do lugar as quais teriam financiado a edificação do mesmo. Não é possível concluir e concordar plenamente com isso já que o mesmo ocupa um espaço público e não privado do meio urbano luquense. Mesmo assim não nos foi possível ter uma determinação de origem, edificação e outros comuns às demais esculturas expressas nessa dissertação.

Figura 4



Monumento aos Garis, Arquivo pessoal, 2017

Em homenagem aos garis de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso o poder público municipal edificou e representou a classe quando acontece a mecanização do processo de coleta. As estátuas expressas na figura 4 simbolizam o reconhecimento da sociedade aos trabalhadores e o monumento está localizado na Praça do Jardim Imperial. A construção dela foi em homenagem aos profissionais invisíveis da sociedade. Refletindo sobre quantas pessoas passam por eles e não prestam a mínima atenção.

Salientamos que o Serviço Autônomo de Águas e Esgoto (SAAE) em parceria com a prefeitura municipal de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), na preocupação com o futuro dos Garis, possibilitou

cursos técnicos para a formação profissional que pudesse contribuir para novas profissões e oportunidades de trabalho, para tanto, “Pensando no futuro, 15 servidores que atuam na coleta de resíduos estão participando há um mês de um curso de padeiro e salgadoiro, viabilizado pela Prefeitura de Lucas do Rio Verde e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-MT)” (LUCAS DO RIO VERDE, 2015).

Observamos a importância do trabalho realizado pelos Garis em nosso município, pois, temos essa profissão ainda ativa nos dias atuais. Apesar dos avanços nas técnicas de coleta e mecanização o trabalhador necessita estar em constante formação profissional, assim os resultados dos trabalhos tornam-se efetivos.

Notamos então que a tecnificação, mecanização e modernização diminui os postos de trabalho, porém, não substitui o antigo e valoroso Gari em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Queremos também apontar para o redirecionamento desses trabalhadores devido ao aumento da reciclagem dos materiais, área também fomentada em outros projetos pelo município⁷.

Ressaltamos que as esculturas dos Garis, foram edificadas pelo mesmo artista e escultor Jakson Moura, já citado e identificado quando da apresentação da galinha “Preciosa”, nessa dissertação. Os materiais a serem usados na construção das esculturas será também o concreto, especialidade do artista.

Notamos que os legisladores públicos inferem constantemente em suas falas o quanto esse lugar cresce e se desenvolve envolto com preocupações com o bem estar social, acentuando o discurso do capital enquanto uma possibilidade de vida melhor e ignorando as mazelas e deficiências do sistema agroexportador e também de suas fragilidades.

Neste sentido, referente ao contexto histórico do município que em 17 de março de 1986, obteve a condição de Distrito e em 1988 conquistou a emancipação político-administrativa. Três décadas depois da instalação do acampamento do 9º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), às margens do Rio Verde, esta cidade, cujo nome rende uma homenagem a Francisco Lucas, antigo seringalista e desbravador da região, muito se transformou. Hoje, com mais de 63 mil habitantes segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) se tornou um polo de desenvolvimento do estado e ainda ficou conhecida por ter um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, conforme

⁷ Para saber mais sobre os projetos de reciclagem em Lucas do Rio Verde Mato Grosso acesse, <http://www.lucasorioverde.mt.gov.br/portal/noticia/noticia.php?cod=6473>. Acesso em 10 de junho 2018.

relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) ⁸. Acreditamos serem esses dados motivadores para que o luquense sinta-se em meio ao desenvolvimento e que se criem pensamentos desenvolvimentistas.

Outro símbolo da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso que infere a alta produtividade de grãos se remete a escultura do “Semeador”. Tradicionalmente, o último dia do Encontro Nacional de Tecnologias de Safras em Lucas do Rio Verde, Mato Grosso homenageia os agricultores e então temos o ideário do semeador, aquele que por seu esforço tem favorecido e atraído pessoas ao interior do país.

Figura 5



O Semeador, Arquivo pessoal, 2017

Cercamos o discurso em meio a regiões produtoras e é notório o montante de monumentos envolto a esse ideário do campo, assim temos também a imagem do semeador

⁸ Disponível em: <http://www.lucasorioverde.mt.gov.br/portal/caracteristicas/caracteristicas.php>. Acesso em: 31 out 2017.

enquanto principal ator dentro da lógica produtiva, seja ela do tradicional rural ou mesmo dos campos voltados pra o agronegócio de exportação predominantes nesse caso.

O sementeiro é como uma planta forte, com bons frutos. É um multiplicador de sonhos e esperança, alguém que constrói pensando nas próximas gerações [...] O monumento foi inspirado no Evangelho de Mateus, que define sementeiro como aquele, que além de trazer e cuidar da boa semente, sabe preparar o terreno, superar adversidades para que ela germine, se desenvolva e produza o resultado ou os frutos almejados. (LUCAS DO RIO VERDE, 2011, p. 01)

As esculturas destacadas como lugares e espaços de memória do município compõem a proposta didático-pedagógica desta pesquisa. Ao indagarmos, nesta pesquisa, quais as memórias existentes no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, que podem aproximar o ensino de História à realidade dos estudantes e seus familiares? Percebemos que as memórias, os espaços de memória são diversificados e imbuídos de sentidos históricos. Esses espaços podem ser incluídos no currículo da educação básica local como forma didático-pedagógica criativa e carregada de sentidos.

As esculturas elencadas revelam aspectos significativos da localidade. Entre esses aspectos podemos pontuar rapidamente: a consolidação do modelo agrícola no município (sementeiro, galinha, porco); a forte presença de elementos do meio agroindustrial exportador no espaço urbano articulando a colonização, o progresso e as identidades locais (sementeiro, galinha, porco, ema). O monumento dos garis nos vem parecer, mais um gerador do ideal pensado pelos que se envolvem com as questões de poder, ressaltando a cultura do trabalho, da higiene e provocando a percepção crítica quanto a esses aspectos. Em outras palavras os referenciais de memória salientados dialogam com a realidade local e com sua história de forma notória. Se relacionam com a questão econômica agrária da cidade.

Assim, alguns questionamentos instigam o andamento desta pesquisa: Como uma cidade jovem trabalha com os referenciais de memória? Os monumentos destacados se reportam a cultura de origem dos migrantes do sul nesta localidade? Há uma projeção de mercado de uma memória que se quer construir? Quais articulações são possíveis realizar através destes monumentos com o ensino de história local? A partir destes aportes avançamos aprofundando entendimentos acerca do patrimônio histórico e cultural no ensino de História.

Assim queremos trazer presente às visões artístico/culturais de Suzana Guimarães, direcionando para as possibilidades de reprodução, criação ou recriação de identidades e memórias locais, regionais e ou nacionais dependendo do foco de cada pesquisa. Aqui buscamos trazer luz ao pensar os monumentos urbanos enquanto uma possibilidade de memória e rememoração do local vivido, bem como forma de reconstrução dos espaços e das memórias locais.

Queremos refletir a existência artística e suas formas esculturais, não esquecendo o não visto facilmente, do não mostrado. Gostaríamos em nossa abordagem provocar para olhares que não se expressam, mas estão envoltos aos monumentos urbanos citados, sabendo que para sua existência há um financiador, há vontades em se construir um ideário luquense. Mas que ideários podem ser identificados nesses, como à aceitação de uma agricultura de “sucesso”, mas que não retrata os braços e o suor dos que a fazem. São interrogações e provocações que cercam o ser historiador, o ser professor e que sutilmente devem permear o educar das futuras gerações, justificamos essa abordagem com os olhares de Suzana Guimarães, 2003, quando analisa os movimentos artísticos da capital mato-grossense, quando diz,

Vale repetir que ao contrário de pensar que as práticas imagéticas apenas remetem, representam uma identidade pré-existente, são elas que, ao lado de outras, constroem a centralidade da natureza para esta sociedade, produzem, portanto, uma iconografia local que, ao mesmo tempo, aparece como um componente explícito na construção de uma identidade cuiabana. Entretanto, para que os artistas e suas obras sejam considerados legítimos, será preciso que tenham sido objetivados como artistas plásticos do baú iconográfico. Temos uma relação de circularidade, de dependência mútua que torna impossível dizer o que vem primeiro. (GUIMARÃES, 2003, p. 5)

Pensando dessa maneira, observamos as formas artísticas em nosso caso esculturais enquanto uma vontade do autor, mas também uma vontade dos órgãos ou pessoas financiadoras das mesmas, criando assim uma identidade, mas esquecendo o que se quer esquecer, se não isso simplesmente tornando-os invisíveis diante das criações sociais consideradas ideais. “A cristalização desses ícones regionais, sua repetição produziu uma sensibilidade para ver este espaço [...] através de linhas e cores, traços e formas” (GUIMARÃES, 2003, p. 4).

Com esses olhares não retiramos ou desqualificamos a necessidade monumental, alertamos para uma homogeneidade das mesmas no sentido de afirmar um modelo idealizado e pensado de sociedade, que em nosso caso é claramente direcionada ao modelo do agronegócio e agricultura empresarial de *commodities*. “Primeiramente povoando o espaço físico da região e, depois, o espaço imaginário”. (GUIMARÃES, 2003, p. 1). Observamos assim a dificuldade em contemplar o todo social e o quanto um olhar pouco orientado pode criar um imaginário que não condiz com a realidade de uma sociedade aos olhos dos que a veem de fora.

Neste sentido, após tecer compreensões gerais sobre os delineamentos históricos e contextualizadores do local de pesquisa; sobre o processo desenvolvimentista de interiorização do Brasil e no estado do Mato Grosso; acerca do município de Lucas do Rio Verde e sua colonização; da rede de ensino básico desta territorialidade; do processo de modernização da agricultura luquense; das articulações com referenciais e espaços de memória com símbolos do município; passamos a trazer aportes sobre a educação patrimonial, didática e ensino de história.

CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO PATRIMÔNIAL, DIDÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA: TECENDO ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE A PESQUISA

Recordamos de imediato, que a objetividade desta pesquisa é de investigar estratégias diferenciadas ao ensinar história utilizando o patrimônio e símbolos urbanos, bem como, locais de memória do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Essas estratégias diferenciadas são vistas como forma de aprendizagem e de construção de saberes históricos nos diferentes espaços de memória bem como de aprimoramento de propostas didático-pedagógicas no currículo da educação básica. Assim, avançamos neste capítulo aprofundando entendimentos acerca da: educação patrimonial como uma estratégia metodológica diferenciada, a didática enquanto conceito, mas também enquanto forma de ensino-aprendizagem e, o ensino de história, uma vez que a pesquisa se desenvolve nesta disciplina curricular da educação básica.

2.1 RECORDANDO ASPECTOS HISTÓRICOS REFERENTES AO PATRIMÔNIO

O termo “Educação Patrimonial”, foi utilizado primeiramente como termo inglês Heritage Education. No Brasil, os debates iniciaram por volta de 1983, onde discussões importantes sobre aprofundar o conhecimento e a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural foram fomentadas. Destacamos aqui o I Seminário sobre o “Uso Educacional de Museus e Monumentos”, no Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Este seminário pretendia apresentar propostas pedagógicas, referenciando a experiência da Inglaterra na utilização das fontes primárias no processo educacional, apropriando-se dos monumentos e museus como formas didáticas nas escolas (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

De modo que, retomando rapidamente o século XVI com o “culto moderno dos monumentos como chamou Alois Riegl”, o decorrer do século XX o patrimônio deixou de ter uma relação de herança e de culto “para ser articulado tanto na esfera pública como para os profissionais da área (arquitetos, antropólogos, sociólogos, historiadores, gestores culturais) como um componente cultural do pertencimento de uma comunidade política”. Assim, o

modelo decisivo de “instauração ritual memorial patrimonial” foi o culto laico da nação pelo seu monumento histórico. Esse culto era organizado de diferentes maneiras durante o século XIX (JÚNIOR, 2015, p. 255). Neste sentido:

O monumento histórico foi o resultado de um deslocamento de significação fundamental pelo qual um objeto/construção tornou-se sinal de algo mais do que sua função original previa. Se o monumento (trazer à memória) é uma constante cultural universal humana, o monumento histórico é um tipo de artefato ao qual fora associada uma semântica historicista, na medida em que algo passara de sua função inicial na cultura para uma (nova) função memorial histórica (JÚNIOR, 2015, p. 257).

O entendimento acerca do monumento histórico é considerado contemporâneo se comparado a ciência da história. Assim, na perspectiva de Pierre Nora os monumentos históricos são uma evidência dos “lugares de memória relacionados à nação e são listados ao lado dos muitos exemplos materiais de lugares de memórias”. Logo, o patrimônio, seria um lugar de memória e não a memória em si (JÚNIOR, 2015, p. 259). Ao que indicam os estudos acerca desta temática:

O patrimônio emerge, na abertura do século XXI, como invenção exportada da Europa na medida em que visa parece englobar todas as outras invenções do passado que lhes são contemporâneas. Mas o conjunto de sentidos por ele produzido não advém apenas de um princípio de “vontade de memória”. Pelo contrário, nasce dos valores de uso diversificados que serão atribuídos pelos sujeitos. Os bens patrimoniais, portanto, compreendem e funcionam também como suportes mnemônicos e mobilizam valores de memória de variados tipos, sendo os mais famosos aqueles apontados por Alois Riegl numa conceituação que tem sido atualizada por muitos autores dos estudos patrimoniais [...] (JÚNIOR, 2015, p. 260).

Essa conceituação menciona: o valor de antiguidade - quando o objeto permite ao indivíduo ou coletividade marcar a passagem do tempo universal e físico; o valor de rememoração - quando o objeto permite ao indivíduo ou coletividade elaborar um sentido de continuidade com um passado a ser retomado; e, o valor histórico - quando o objeto permite ao indivíduo ou coletividade construir uma narrativa para o próprio passado (JÚNIOR, 2015). Assim, “o próprio patrimônio pode ser concebido como um processo contínuo de

sistematização de coleções públicas e distribuição de conhecimento que permite aos sujeitos e grupos sociais mediar as relações entre si mesmos a partir de aspectos destacados dos bens culturais” (JUNIOR, 2015, p. 264). Ao que indica, que o patrimônio transita entre significações “plurais, concomitantes e frequentemente conflitantes” (JÚNIOR, 2015, p. 264).

Referente aos aspectos históricos do próprio patrimônio histórico pontuamos as mudanças transcorridas desde a primeira metade do século passado no Brasil. Vejamos que:

[...] em 1937, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), durante a instauração do Estado Novo (1937-1945), quando houve prioridade na política de conservação do patrimônio nacional, principalmente o edificado e arquitetônico. Para Fernandes, ocorreu priorização da pedra e cal, ou seja, tombaram-se as igrejas barrocas, os fortes militares, as casas-grandes, elementos representantes da classe dominante, enquanto as senzalas, os cortiços, os quilombos e outros deixaram de ser preservados (FERNANDES, 2004, p. 18 apud FERNANDES, 2002, p. 131).

Mais recentemente, estudos acerca do patrimônio, da memória e da história indicam que “desde a consolidação da discussão sobre o patrimônio, tanto na Europa como no Brasil, a partir do início dos anos 1990, deslocou-se a problemática dos lugares de memórias. Os historiadores parecem ter se apropriado do patrimônio por meio da noção dos lugares de memórias” ao invés do “direito à memória” (JÚNIOR, 2015, p. 247). Sendo que, atualmente, o campo dos estudos patrimoniais incorporou diferentes dimensões que passam a constituir uma “patrimoniografia”. A que indica que, o “patrimônio foi incorporado à esfera pública e às humanidades como forma social de afirmação política de comunidades variadas. Propôs-se, justamente, como uma forma de história pública da sociedade” (JÚNIOR, 2015, p. 247).

Ainda, no início do século XXI, “os conceitos de história, memória e patrimônio começam a ser repensados numa tentativa de assegurar a especificidade e a aproximação entre eles”. Destacamos neste processo o avanço da “patrimoniografia” que “ganhou uma primazia epistemológica sobre os lugares de memórias, do museu e do arquivo e mesmo estes, cada vez mais, ameaçam serem transformados em subdisciplinas do patrimônio” (JÚNIOR, 2015, p. 248). De modo que, os debates acerca do patrimônio são permeados de singularidades e particularidades interessantes de serem revisitadas e aprofundadas. Realizadas estas incursões acerca do patrimônio, passamos a enfatizar aspectos específicos e prescritivos da realidade brasileira.

2.1.1 Aspectos prescritivos: enfatizando Patrimônio Histórico Cultural no Brasil

Prescritivamente o Brasil possui uma trajetória no que se refere ao Patrimônio Histórico Cultural. Recordamos rapidamente o Decreto Lei nº 25, de 1937 que ordenou juridicamente e definiu a primeira concepção oficial de Patrimônio Histórico e Artístico:

“Art. 1º - Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja preservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (BRASIL, 1937).

Outro elemento normativo encontrado é a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961 que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos:

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação. [...] § 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem (SABATOVSKI, 2000, p. 132-133).

Com os debates realizados pelas ciências sociais durante a segunda metade do século XX, ocorreu uma ampliação da concepção de cultura que acabou historicamente relativizando o popular (FERNANDES, 2004). A ênfase normativa indica que a ressignificação de acervos culturais pode ser associada com a constituição da cidadania. Uma vez que “implica em reconhecer que, como cidadãos, temos o direito à memória, mas também o dever de contribuir para a manutenção desse rico e valioso acervo cultural de nosso país” (ORIÁ, 2005). Assim:

Compreender o direito à memória como dimensão fundamental da cidadania, implica reformular as relações entre a preservação e a educação formal [...]

cabe ao ensino de primeiro e segundo graus integrar em seus currículos e programas escolares formas de incentivar ações concretas nesta área, incorporando atividades no campo da história oral, do contato com acervos arquivísticos ou museológicos, e com a paisagem urbana, de modo a vivenciar uma relação democrática com as diferenças do passado e do presente (CUNHA, 1992, p. 230).

Neste viés, destacamos a Constituição Federal de 1988 e os Parâmetros Curriculares Nacionais que enfatizam “[...] as obras, objetos e documentos; edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico” (BRASIL, 1988), como alvos de investigação desde que aconteça uma orientação prévia e conhecimento sobre o assunto, garantindo assim o ente público a serviço da educação e de todo tipo de pesquisa e observação. A apropriação e conhecimento dessas garantias legais oportuniza orientar escolas, estudantes, comunidade educativa da importância no incentivo de pesquisas, de conhecimento aprofundado desses espaços com características regionais e locais da sociedade e da cultura. Neste sentido, temos:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Adensando o debate consideramos que, prescritivamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 em seu artigo 26 enfatiza que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura. Esse elemento prescritivo, abre espaço para a construção de uma proposta de ensino voltada para a ressignificação de acervos culturais dos estados, municípios e localidades em geral (BRASIL, 1996). A partir desta possibilidade, essa pesquisa se debruça na ideia de diversificar o currículo da educação básica observando as

características locais do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso como uma estratégia metodológica propositiva e diferenciada. Assim, passamos a destacar aspectos referentes a esta metodologia.

2.2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Após adensarmos as apropriações acerca do patrimônio em si podemos subentender que pesquisar a Metodologia da Educação Patrimonial e fazer uma relação direta com aspectos patrimoniais anteriores que dialogam diretamente com esta metodologia. Percebemos que a Educação Patrimonial possui densidade histórica, trajetória percorrida e, portanto, estudos eloquentes que possibilitam compreendê-la qualificadamente. De modo que, trazê-la para o debate do espaço institucional escolar é um desafio necessário em nossos dias. No que tange ao seu entendimento conceitual pontuamos que a mesma pode ser entendida enquanto,

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

Uma vez que o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, consideramos pertinente e contínuo o processo de repensar as práticas pedagógicas. O fato de querer instigar o aluno ao aprendizado da história; despertar nele a curiosidade é um passo importante. Outrossim, “considerar a experiência e os saberes dos alunos não implica a renúncia dos compromissos curriculares e das atribuições da docência, dedicando-se o tempo

das aulas para lidar com os seus interesses imediatos e pitorescos”. O encontro entre o lugar-presente e o lugar-passado na experiência dos jovens é fornecido por um tema que “diz respeito a mim (nos)” (FRONZA, RIBEIRO, 2014, p. 308).

Ao que indicam esses aprofundamentos, a Metodologia Educativa Patrimonial, então, “proporciona o estudo do objeto cultural diretamente na fonte, propiciando a afetividade, a valorização e o conhecimento numa relação sensível/cognitiva, por meio de atividades de percepção/observação, registro, estudo em outras fontes e recriação desse objeto” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 10). Salientamos que este entendimento da Metodologia Educativa Patrimonial possibilita estratégias diferenciadas no ensino de história. Uma vez que, sair a campo, aprofundar entendimentos acerca do patrimônio histórico de determinada localidade, observar, registrar, entre outras possibilidades pode instigar o processo de aprendizagem nos alunos. O fato de sair do modelo da sala de aula e proporcionar experiências que possuem relação com o cotidiano dos estudantes é uma estratégia interessante de tornar o espaço escolar mais criativo e dinâmico.

Consideramos, ainda, sob outro viés teórico que a educação patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, “a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e o consequente interesse pelo tema” (ORIÁ, 2017, p. 01).

A proposta interdisciplinar de ensino, presente na estratégia metodológica da Educação Patrimonial, instiga tanto o aluno quanto o professor a incluir no processo de ensino-aprendizagem, no currículo pré-estabelecido, o acervo cultural existente em cada territorialidade. A inclusão dos espaços de memória na didática de ensino permite um processo de aprendizagem conjunto uma vez que todos os envolvidos são convidados a despertar, a habitar em tempo real determinados espaços históricos. Possivelmente, o senso de preservação da memória histórica e o consequente interesse pelo tema pode ser intensificado socialmente. Dessa forma, enfatizamos que o patrimônio histórico é considerado como uma “produção cultural que encerra em si características que favorecem, facilitam a relação de ensino/aprendizagem por parte de quem o utiliza, por parte daqueles que o usam como fonte

documental para a obtenção de conhecimento a respeito de uma determinada época” (OLIVEIRA, 2008. p. 98).

Tendo em vista que cada época é determinada por condições socioeconômicas, por relações de poder, por elementos externos que determinam e ressignificam as produções culturais, direcionamos o pensar educacional patrimonial aos olhos de Maria Helena Mendes Nabais Faria Pinto que discute e apresenta possibilidades e observações sobre o aprender e educar na observância do patrimônio enquanto um dispositivo de educação e ressignificação social.

Assim compreendemos que “a identidade de um indivíduo consiste no conjunto de características que este desenvolve ao longo do tempo em interação com o seu meio e que o distingue de outros indivíduos” (PINTO, 2011, p. 10), ou seja, o ser é social e partindo dos olhares e entendimentos construído nesse meio de vivência, contribuindo assim, para a efetivação das ações, aceitações e rejeições no meio em que se insere.

Resgatar fatos, registros, monumentos dentre outros, deixados como conhecimento diretos ou indiretos para a sociedade. Cabendo aos profissionais da educação trabalhar a história dos monumentos do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, dando-lhes maior significado e rediscutindo seu conhecimento, querendo que o patrimônio histórico reflita na formação da sociedade atual, na construção cultural local e no modo de viver em comunidade. Construindo e reconstruindo sua identidade, fazendo parte do contexto da historicidade de memórias, e também, estreitando laços com o próprio ser humano, além de ajustar-se com situações conflituosas.

Por detrás dos monumentos históricos, existe uma história desconhecida por muitos, que observam, admiram, tiram suas próprias conclusões e partem, sem saber o significado daquele monumento, pela falta de representatividade e reconhecimento social. No entanto, para o planejamento construtivo de uma sociedade futura, torna-se necessário o fato de que “exteriorizamos e tornamos visível o laço que nos une àqueles e que não se reduz a uma sucessão no tempo nem a uma simples filiação genética, mas que supõe uma pertença comum à nação e uma comum identificação com ela” (PINTO, 2011, p. 11), não pensamos em magnificar e tornar nacionalmente conhecidos como o citado, porém (re) significar, tornar comum ao discurso dos discentes para uma identidade monumental.

Marcas deixadas pelo tempo caracterizam em muitas cidades sua construção histórica de épocas em épocas, seus valores e signos culturais, permitem, como reconhecer e

“esclarecer sobre o modo como as sociedades ocidentais assumiram a sua relação com a temporalidade e construíram as suas identidades. A própria legislação e a classificação de monumentos daí resultante, definem uma ordem simbólica do passado e que implica seleção” (PINTO, 2011, p. 11). Contudo, nada se perde com o tempo, mas sim, tudo se transforma, seja através das expressões culturais, identidades, sociedades ou através do próprio conhecimento.

Nos últimos anos, temos assistido a um crescente interesse pela identificação, preservação e divulgação do património. Este interesse, centrado inicialmente nos monumentos de maior significado histórico, alargou-se posteriormente aos centros históricos e, mais recentemente, iniciou abordagens ambientalistas e ecologistas, tentando contrariar as agressões provocadas pelas rápidas mudanças urbanísticas e pelas massivas alterações das paisagens (PINTO, 2011, p. 12).

Neste viés, nos últimos anos foram planeadas políticas de reestruturação e conservação não apenas dos monumentos históricos, mas sim de toda a estrutura dos centros urbanos, que objetivam despertar na sociedade um olhar consciente, no intuito de proteger o património histórico. Para o desenvolvimento dessas políticas, é necessário investimentos e de fato a legitimidade de leis federais, para que possa ser concretizada ações de preservação e proteção do património histórico, bem como, com a realização de projetos culturais e educacionais, que vem acrescentar no espírito de informação, conhecimento, cultura, identidade, além de conscientizar a sociedade na sua totalidade urbana ou rural a importância e valorização cultural local, regional, nacional e internacional.

Essa seria a evolução desde a Carta de Atenas, em 1931, à Carta de Veneza, em 1964: enquanto a primeira se ocupou apenas dos monumentos de grande envergadura, ignorando os restantes (embora tenha lançado os primeiros princípios que vão estar na base da conservação e restauro dos monumentos), a segunda alargou consideravelmente o seu âmbito de atenção, tendo em conta a conservação e restauro de sítios e monumentos, utilizando uma definição mais ampla de monumento histórico, compreendendo a criação arquitetônica isolada assim como o conjunto urbano ou rural que seja testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Refere-se não só às grandes criações como também às obras modestas que adquiriram com o tempo uma significação cultural. No entanto, o visível fracasso de grande parte das intervenções urbanísticas relacionadas com o crescimento acelerado das cidades e consequente degradação dos centros históricos,

levou a 8ª Assembleia Geral da ICOMOS, realizada em Washington, em 1987, a adotar a Carta Internacional de Cidades Históricas e Áreas Urbanas, que procurou articular as cidades com os monumentos históricos e os valores a proteger (Coelho, 1997). É de salientar a importância atribuída pelo documento à ideia de a proteção das cidades históricas e conjuntos ser considerada uma atividade que deverá associar as políticas económicas e sociais de desenvolvimento, o planeamento (local e nacional) e a proteção de edifícios históricos (PINTO, 2011, p. 12).

Nas últimas décadas, a preocupação com o património histórico tornou-se assunto relevante no cotidiano cultural social e nas políticas públicas. Com as mudanças aceleradas de crescimento urbano, torna-se indispensável a inserção dos monumentos históricos neste contexto de modernização, firmando a importância histórica, cultural, artística e social dos mesmos. Com as novas projeções urbanísticas nos dias atuais, acompanhando o processo de industrialização e, tão logo, o reflexo de modernização, faz com que novas estruturas monumentais sejam mais sofisticadas. Iniciativas e convenções como da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por exemplo, contribuem significativamente para a universalização do património.

Assim, é essencial estabelecer metodologias propriamente voltadas ao enriquecimento e conhecimento cultural e social, a partir disso, valorizar a integração de ações modernas as temporalidades económicas atual. Neste contexto, a aplicabilidade metodológica pedagógica, utilizada como meio norteador para o desenvolvimento científico, diante de monumentos existentes no município. É por isso essencial a reflexão acerca das formas como o património se relaciona a Lucas do Rio Verde, Mato Grosso.

Observamos a partir de mudanças, novas possibilidades de aplicabilidade no ensino, utilizando os patrimônios históricos para entendermos a formação da sociedade em sua totalidade. As formas essencialmente reflexivas acerca dos monumentos nos direcionam ao caráter de memória local e contribui para a formação socioespacial e cultural.

O património é o resultado de uma seleção que, ao longo do tempo e segundo critérios muito variados, foi colocando determinados elementos na categoria de objetos patrimoniais. As sociedades contemporâneas alargaram de tal forma o conceito de património - material e imaterial, cultural e natural, histórico, arqueológico, artístico, genético, que este parece referir-se, muitas vezes, a formas de expressão de identidades e de memórias coletivas centradas na continuidade (PINTO, 2011, p. 15)

Diante dessa forma de pensar, o uso dos patrimônios urbanos e também outras formas patrimoniais podem se tornar aliados para o entendimento histórico e mais além quando pensamos nesses enquanto símbolos formadores de identidade, considerando-os enquanto marcas para interpretações e reinterpretações do mundo vivido e mais importante para a compreensão do que virá.

Tal como o patrimônio, o conceito de memória também é sinal da nossa relação com o tempo. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o ser humano pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas (PINTO, 2011, p. 16).

Neste sentido, a metodologia educativa patrimonial dialoga diretamente com o sentido de memória ou o cultivo da memória através do ensino. Cabe salientar que a “memória é, por natureza, múltipla, coletiva, plural e individualizada, tem raízes no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto; enquanto a História se liga a continuidades temporais e a relações entre as coisas” (NORA, 1997). Continuamente, considera-se que “existe uma relação direta entre o ressurgimento da memória e o declínio da História nacional: enquanto houve predominantemente História nacional, a memória e a história das comunidades coincidiam na nação e lembravam a sua fundação sagrada” (PINTO, 2011, p. 16). Esses indicativos reafirmam que a Metodologia Educativa Patrimonial é uma forma de cultivar a memória como seguimos argumentando neste itinerário.

2.2.1 Metodologia Educativa Patrimonial: uma forma de cultivar a memória

Tecendo aproximações com a pesquisa em tela, ressaltamos o interesse em rememorar o vivido pelo aluno e associá-lo às aulas de história, atraindo e demonstrando a importância em rememorar o passado para o mundo futuro. “Nessa perspectiva, para saber ler a informação, debater e selecionar mensagens fundamentadamente, é preciso saber interpretar fontes, analisar e selecionar pontos de vista, comunicar sob diversas formas, apontar em

metodologias que envolvam os alunos no ato de pensar historicamente” (FRONZA, RIBEIRO, 2014, p. 306). Através desse pensamento podemos perceber o quanto o cultivo das memórias pode fazer a diferença nos grupos sociais.

Dessa forma entendemos que “a metodologia da Educação Patrimonial pode levar os professores a utilizarem os objetos culturais na sala ou nos próprios locais onde são encontrados, como peças chave no desenvolvimento dos currículos e não simplesmente como mera ilustração das aulas” (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p. 09). Por pensar assim, entendemos como fundamental a utilização deste método nas escolas possibilitando um trabalho diferenciado seja no município, estado ou rede particular de ensino de qualquer município ou estado. O uso das imagens e espaços urbanos, dos prédios, patrimônios públicos em geral possibilitam uma articulação do ensino de história com a construção de saberes nos diferentes espaços de memória. Acreditando que conhecendo seremos menos agressivos e mais compreensivos para com o outro e para com o meio e é claro, mais interessados para com a disciplina de história por perceber-se envolvido no processo de ensino aprendizagem.

Dialogamos com “o processo de construção da identidade cultural e a preservação da memória coletiva de uma população dependem fundamentalmente do acesso democrático à educação e aos bens culturais da sociedade” (SILVEIRA e BONATO, 2008, p. 07). Ou seja, pretendemos que nossos alunos passem a produzir seu próprio conhecimento e não a simplesmente recebê-los prontos de maneira que não seja possível intervir no processo. Esta proposta não abandona o currículo comum dos projetos educacionais, mas soma aos mesmos, uma interação maior entre esses, os professores e os alunos e também a comunidade escolar, desejando a formação de um cidadão consciente de suas ações no meio e também capaz de melhorar a vivência local enquanto proliferador da ideia. O que se busca, então, é fazer o aluno dar significado e observar o seu redor. Com isso o aluno é capaz de exercitar e criar uma memória própria, favorecendo a percepção do meio, entendendo a partir de algo próximo e estendendo seus conhecimentos para os patrimônios mais generalizantes, que possuem reconhecimento social.

Dessa forma, “precisamos encarar o espaço público, tão esvaziado no mundo contemporâneo, como lugar privilegiado de reflexão e debate” (FRONZA, RIBEIRO, 2014, p. 313). E assim, entendemos a necessidade de um novo cidadão, que possa atuar, causar, lutar com mais clareza para minimizar os problemas que o cercam. Essa possibilidade existe

se o educando entender a ética social, a diversidade e estar pronto para debater, ouvir, opinar e atuar de forma serena e consciente.

2.3 A DIDÁTICA DA HISTÓRIA: ALGUMAS APROPRIAÇÕES TEÓRICAS

Neste momento passamos a enfatizar elementos significativos da didática da história. Logicamente, este elemento se interliga com os aspectos da Metodologia Educativa Patrimonial destacados previamente. Iniciamos esta imersão considerando que pensar em didática da história nos interpela a entendimentos de uma “abordagem formalizada para ensinar história em escolas”. Ela representa uma “transformação de historiadores profissionais em professores de história nestas escolas” (RUSEN, 2011, p. 23). Uma vez que a didática é uma abordagem formalizada para ensinar história, destacamos as suas funções:

Dentre as funções da didática da história, destaca-se a sua especialidade metódica voltada à investigação das maneiras como o passado é interpretado e como cada sociedade lhe confere sentido. A didática da história pode constituir um recurso para aproximar a teoria da história, do ensino de história. A didática da história mantém interface epistemológica com a própria teoria da história, o que confere a sua especificidade, ancorada na investigação da relação entre o ensinar e o aprender história (JÚNIOR; SOUSA, 2014, p. 40).

Assim, partindo do pressuposto de que a didática da história estabelece relação entre o ensinar e o aprender história, então, “ela se apresenta como movimento de recuperação do âmbito da autoconsciência da História”. Em outras palavras, a didática da história “passa de uma aplicação externa do conhecimento histórico produzido profissionalmente a uma disciplina acadêmica capaz de voltar-se também para o ofício de historiador e contribuir para ampliar a compreensão histórica” (JÚNIOR; SOUSA, 2014, p. 44). Vejamos que, para além da didática da história ser a ligação entre a teoria e o ensino de história, ela é:

Uma mediação no sentido dialético, no processo de constituição de uma realidade através de mediações contraditórias, de relações complexas, não imediatas, com um profundo sentido de dialogia. A didática da história deve insistir em estreitar o diálogo entre o trabalho dos historiadores e a educação escolar e não limitar-se a transportar o conhecimento histórico da pesquisa acadêmica para os estudantes da educação básica. Defendemos a proposição de que a didática da história analisa um conjunto de fatores e funções do raciocínio e do conhecimento histórico na vida cotidiana e prática. Inclui o papel da história na opinião pública, nos meios de comunicação em massa, considera as possibilidades e limites das representações históricas nas diferentes linguagens (JÚNIOR; SOUSA, 2014, p. 50).

Considerando a didática da história como mediadora do trabalho do historiador com a educação escolar, queremos entender a necessidade em darmos continuidade as nossas conversações direcionando no sentido de que é necessário repensarmos o ensino de história a todo o momento. Mesmo que este já tenha sido discutido e comentado por inúmeros pesquisadores, professores e entendidos da educação. Pensamos então o ensino de história como fundamental e necessário para a formação humana de nossos jovens e assim automaticamente buscamos uma condição de consciência social, por acreditar que o aprender liberto e o conhecimento torna os seres mais respeitosos diante do complexo que os cerca ao qual todos estamos inseridos, tendo a formação histórica como promotora de compreensão e entendimento social.

Assim quando Rüsen (2001, p. 57) diz que: “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. Queremos tornar mais próximas as práticas teóricas e o uso de bens patrimoniais como possibilidade de aprendizado e consciência histórica, compreendendo os sujeitos como resultado das mais variadas relações sociais. Abrimos espaço para pensar um modelo de escola onde o educar se torna concreto a partir do envolvimento de um todo social e principalmente diante da troca de saberes entre o professor e seus alunos, considerando assim um conhecimento primeiro, anterior aos momentos escolares.

Dessa forma, concordando com Silva; Fonseca (2007, p. 64) quando dizem que “a consciência histórica do aluno começa a ser formada antes do processo de escolarização e se prolonga no decorrer da vida, fora da escola, em diferentes espaços educativos, por diferentes meios”. Da mesma forma que o aprender não se finda com a saída do aluno da escola, os mesmos, antes dela também já possuem um conhecimento primeiro referente aos patrimônios

urbanos e então poderemos explorar tais conhecimentos, mediando-os e enriquecendo os momentos letivos. Com tais entendimentos, nossos alunos podem formar consciência histórica entendendo a mesma como resultado das relações estabelecidas entre o presente vivido e o passado bem como o futuro de cada um e assim poderemos conseguir em nossos educandos a significação do meio como favorecedor da vida em sociedade diante as múltiplas possibilidades de se chegar ao conhecimento.

Queremos evitar o que é apontado por Rüsen (2007) quando afirma que a didática da história pode evitar que a mesma se torne “ramo morto da árvore do conhecimento” (p. 32), ou seja, sem estratégias didáticas a história pode se tornar distante dos educandos a ponto se ficar sem sentido. Pensando assim, nos propomos estabelecer provocações para pensarmos a necessidade em se estabelecer abordagens acerca da didática da história onde possamos ter pesquisas com profundidade o suficiente para tornar o conhecimento histórico inteligível e que possa causar compreensão e aproximação dos conhecimentos históricos e assim conseguirmos aproximar a ciência da vida prática dos educandos.

Diante ao já apresentado podemos perceber que existem inúmeras formas de abordagem da temática e das abordagens que se propõem a discutir a didática da história e assim também o é quando apresentamos propostas para discutir patrimônio e locais de memória. Quando a proposta é aproximar tudo isso dos estudantes não temos dúvidas dos desafios e novas formas de compreensões e incompreensões que iremos despertar, mas entendemos como um desafio necessário e urgente aproximarmos as formas educacionais do meio em que se vive.

2.4 O ENSINO DE HISTÓRIA: AMPLIANDO PERCEPÇÕES

Temos como anseio e desejo que a disciplina, o ensino de história se torne cada vez mais atraente para o educando e que a mesma possa construir e reconstruir o complexo social partindo de sua realidade social. Ensejamos também, superar o reduzido tempo destinado a disciplina de história no currículo escolar que acaba limitando os trabalhos em sala. Por isso da proposta de procurar métodos em que os alunos desenvolvam o conhecimento, participem ativamente e construam saberes. Assim, partimos do pressuposto de que o ensino de história

necessita ser primeiro apresentado aos educandos para que estes possuam consciência das possibilidades que ele pode apresentar para o esclarecimento do ser e de todo um complexo social. A disciplina de história é de fundamental importância para que o estudante se torne convicto de suas posições sociais.

O ensino de História elabora e transmite conhecimentos e percepções, contribuindo, destarte, para a formação de convicções que permitem aos alunos uma orientação na sua respectiva sociedade que é consistente e, ao mesmo tempo, resistente até certo grau às mudanças e aberta para novas experiências e perspectivas no futuro (BERGMAN, 1990, p. 36). É notório, portanto a importância da disciplina para o entendimento e posicionamento do ser diante dos grupos sociais aos quais pode estar exposto durante sua vida, bem como para compreender as ações humanas como sendo resultado de ações anteriores ao seu tempo. Assim, pensamos também não só o tempo presente, mas o futuro que pode ser mais bem decifrado e compreendido partir de uma boa orientação histórica. Neste sentido, a disciplina ou como aqui chamamos, o ensino de história situa valores, conceitos e toda e qualquer forma de inclusão do ser nos ambientes vividos. Notadamente, o ser humano enquanto um ser resultante do tempo passado e que não se compreende em seu próprio tempo se justifica de forma histórica.

[...] quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo [...]. Nosso interesse aqui se restringe ao fato de que esse superávit inclui uma relação do homem com seu tempo, na qual se enraízam as operações práticas da consciência histórica que são pesquisadas (RÜSEN, 2001, p. 57).

Queremos, portanto, dar sentido e evidenciar a necessidade da disciplina e do ensino de história como promotora de consciência histórica, como necessária para a percepção e para o entendimento e posicionamento do ser no meio em que se insere e vive, superando assim suas angústias temporais. Neste sentido, o ensino de história encontra-se em constante conflito com seu meio, de maneira que os questionamentos sempre são comuns ao momento histórico. Temos ainda diante do ser individual, o complexo social e familiar que se relaciona com o educando e o meio escolar. Dessa forma podemos apontar que suas práticas futuras

também serão derivadas do ambiente escolar, bem como suas ações levam em conta o meio em que o aluno está inserido.

Percebemos, então, que o aprender é diverso e complexo, cada local por si só estabelece regras visíveis ou não sobre o aprender história. Apontamos para um saber histórico que é desenvolvido no meio escolar, mas se estende para o todo que integra o ambiente vivido pelo educando. Trata-se do interesse que os homens têm - de modo a poder viver - de orientar-se no fluxo do tempo, de assenhorear-se do passado, pelo conhecimento, presente. Interesses são determinadas carências cuja satisfação pressupõe, da parte dos que as querem satisfazer, que esses já as interpretem no sentido das respostas a serem obtidas (RÜSEN, 2001, p. 30). Provocamos pensar sobre as relações estabelecidas dentro do ambiente escolar tendo o pressuposto de que há um saber cultivado dentro de cada unidade escolar e que se difere das demais, que é único e peculiar assim como o entendimento de cada um diante das experiências da vida, querendo então entender o ser como dotado de interesse em compreender-se historicamente, situando-se no meio de maneira menos angustiante.

Com essas abordagens primeiras queremos questionar e justificar a necessidade em pensarmos o aprender como algo único de cada indivíduo, bem como algo próprio de cada unidade de ensino, de cada local, bairro, região, cidade e assim consecutivamente. Notamos que o aprender deve envolver os locais de vivência de cada um e então a valorização do espaço vivido se mostra pertinente e impregnada de significados que podem e devem ser conhecidos e reconhecidos pelos que ali vivem em suas práticas diárias. O conhecer pode tornar cada um dentro do complexo social, mais participativo, envolvido e também respeitoso para com os símbolos urbanos, ou seja, para com o patrimônio que é único de cada endereço e só assim poderemos nos apoderar desses espaços.

Sobre as diferentes apropriações dos espaços, como fonte de vida em comunidade ou de isolamento e marginalidade, dependendo do entendimento e permissão de cada comunidade, ressaltamos:

Defendo um papel específico e catalisador para o espaço. Quando a variável espaço na história, coloca-se uma questão ao mesmo tempo teórica e metodológica. Porque o espaço a configuração física, esta materialidade é uma viável histórica e uma variável teórica. Porque o espaço pode ser uma fonte, da mesma forma que um arquivo, um papel no arquivo, um registro. Ele funciona como uma fonte na medida em que se lê, na história da

organização do espaço da cidade, as formas de organização do trabalho, as formas de relação social etc. (ROLNIK, 1990, p. 28).

Com esse olhar ressaltamos a educação em história como necessária o bastante para que cada educando passe a ser membro e parte do espaço coletivo urbano e patrimonial, onde suas ações possam realmente trazer o bem viver para si e para os que irão conviver com ele, assim notadamente o uso acaba por se tornar libertador, devido a compreensão dos sujeitos acerca do meio, o que entendemos como papel claro da educação patrimonial enquanto esclarecedora e formadora de caráter social e coletivo. O espaço entendido não só como um local onde se passa ou reside, mas sim como um espaço com significado de pertencimento, carregado de possibilidades e também fértil para o uso em instituições escolares tornando possível envolver o aluno em um aprendizado próximo de seu meio e dos locais onde vive. Essas visões vêm de encontro ao que nos propomos a apresentar no espaço escolar, possibilitando aos alunos usar do meio urbano e seus monumentos e patrimônios como forma de aprendizado.

Pensando em estratégias de abordagem do patrimônio histórico observamos a necessidade de apresentar um diálogo sobre a construção da memória histórica. Para tanto, propomos pensar que cada ser constrói suas ações mentais a partir das solitudes a que é exposto em suas práticas diárias, sendo no trabalho, escola, ou outros espaços. Existem vários discursos e argumentos em torno de como o ser humano usa de suas memórias e de como constrói valores sociais a partir do que viveu. Assim, para conceituar as ações educativas e a memória dos indivíduos necessitamos fortalecer nosso discurso e compreender melhor a memória e os lugares de memória.

Lembramos de Julio Aróstegui, para salientar que em se tratando de história a caminhada é tortuosa, bem como nas áreas das ciências sociais e não diferente quando se trata de educação, assim norteamos nossos trabalhos para métodos possíveis de educação com o claro entendimento, de que “[...] a pesquisa histórica é comumente uma aventura muito mais confiada à improvisação, a intuição e ao bom senso do pesquisador que uma reparação técnica rigorosa” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 466). O mesmo autor também fundamenta que a pesquisa com profundidade é uma possibilidade de nos aproximarmos de discursos e estratégias fundamentais no pensar a história e com o desejo de causar o aprender e reorientar as formas do educar nos debruçamos sobre as metodologias aplicadas para reescrever o ambiente

luquense a partir do patrimônio imagético urbano como fonte inspiradora e motivadora do entender-se historicamente.

Assim pretendemos nos aproximar de antigas e novas metodologias com o propósito de tornar o espaço patrimonial uma fonte palpável frente às estratégias já estruturadas da educação, com o desejo de adicionar ao já comumente estabelecido didaticamente novas formas, possibilidades e provocações para o aprender história no ambiente escolar.

Neste capítulo apontamos as análises sobre a Educação Patrimonial, Memória e ensino de história e suas contribuições nas aulas de história. No próximo capítulo vamos destacar as definições metodológicas desta pesquisa.

CAPÍTULO 3: DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo discute as principais considerações metodológicas da investigação incidindo sobre a tradição de investigação qualitativa e focalizando aquelas que servem de base ao enquadramento metodológico do estudo empírico, nomeadamente as estratégias metodológicas no Ensino de História no âmbito da Educação em História.

3.1 SOBRE A PROBLEMÁTICA INVESTIGATIVA

A elaboração da problemática investigativa pode ser compreendida como uma “operação de desvendamento” que consiste em “jogar o mais possível de luz sobre as origens do problema e as interrogações iniciais que concernem a ele” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 98). Deste modo, no que se refere à centralidade temática desta pesquisa importa destacar as inquietações e interrogações que nortearam o processo de trabalho do próprio pesquisador. O trabalho em sala de aula, por tempo considerável, os desafios deste espaço, as experiências marcantes no ensino de história, principalmente para o ensino fundamental e médio, levaram o pesquisador a buscar novas formas de compreender e renovar suas formas de ensinar. Das inquietações cotidianas veio o desejo de trazer para o ensino -fundamental e médio - a percepção da história como algo próximo e presente na vida dos estudantes e de suas famílias. E se torna notório e perceptível que nos currículos e materiais didáticos, em geral, essa possibilidade educativa não é considerada enquanto método educacional.

Dessa “operação de desvendamento” foram se definindo diferentes formas de evidenciar o problema frente ao qual a angústia se tornava constante: Quais metodologias de ensino de história podem proporcionar a construção de saberes históricos em diferentes espaços de memória? Como estimular a construção de saberes históricos nos diferentes espaços de memória de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso? Quais as memórias existentes no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso que podem aproximar o ensino de História à realidade dos estudantes e seus familiares? Como estudar cientificamente esta problemática? Como pensar essas inquietações vividas na prática pedagógica a partir dos referenciais

teóricos e metodológicos da pesquisa historiográfica? Enfim, essas e outras perguntas constituíram um conjunto de inquietações que foram sendo condensadas por sucessivas sínteses para a definição da problemática desta pesquisa a partir da qual definimos também os objetivos.

3.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.2.1 Objetivo Geral

Investigar estratégias metodológicas diferenciadas de ensinar história, de construir saberes históricos em diferentes espaços de memória e de aprimorar propostas didático-pedagógicas no currículo da educação básica, utilizando símbolos urbanos e locais do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso como forma de aprendizagem.

3.2.2 Objetivos específicos

- Conhecer e aprofundar metodologias viáveis para o uso dos símbolos e do local de vivência como forma de aprendizado, a saber: a metodologia educativa patrimonial;
- Elaborar estratégias para ensinar história por meio dos espaços de memória existentes na cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso;
- Ressignificar práticas de ensino em História pela utilização de símbolos do ambiente local, como forma e possibilidade do aprendizado histórico;
- Aplicar as metodologias com estudantes do ensino médio e fundamental de uma escola X para avaliar os resultados em termos de aprendizagem.

3.3 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida de tipo exploratória, de caráter bibliográfico e de campo. Uma vez que desenvolveu o trabalho de aprofundar a temática explorando cientificamente o objeto de estudo que buscou referenciais atinentes ao debate proposto através da metodologia da educação patrimonial e foi a campo verificar novas possibilidades metodológicas para o ensino em História.

3.4 NATUREZA DA PESQUISA

Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, considerou-se uma estrutura comum utilizada nas diversas formas de investigação qualitativa, a saber: o meio natural - coleta de dados no terreno em que os participantes experienciam a situação; o investigador como peça chave - coleta de dados analisando documentos, observando comportamentos e entrevistando participantes; múltiplas fontes - recolha de múltiplas formas de dados; análise indutiva dos dados - organizando os dados em unidades de informação cada vez mais abstratas; sentidos dos participantes - ao longo do processo de investigação qualitativa, os investigadores focalizam os sentidos atribuídos pelos participantes a determinadas situações; desenho emergente - as questões, as formas de recolha de dados, os indivíduos estudados e os locais podem modificar; lente teórica - consideração dos estudos a partir de orientações teóricas (CRESWELL, 2007, p. 37-39, apud, PINTO, 2011).

3.5 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS DA PESQUISA

Esta pesquisa buscou qualificar metodologicamente através da educação patrimonial o ensino de história na educação básica, especificamente nos níveis de ensino fundamental e médio que constituem o espaço de trabalho do próprio pesquisador, no município de Lucas do Rio Verde, Mato grosso. Pela metodologia de educação patrimonial se objetivou propor formas de ensinar história e de construir saberes históricos em diferentes espaços de memória.

As figuras destacadas como lugares e espaços de memória do município ao longo desta pesquisa compuseram a proposta didático-pedagógica. Ao indagarmos, quais as memórias existentes no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso que podem aproximar o ensino de História à realidade dos estudantes e seus familiares? Percebemos que as memórias, os espaços de memória no município são possíveis de inúmeras abordagens e imbuídos de sentidos históricos. Esses espaços foram incluídos no currículo da educação básica local como forma didático-pedagógica criativa e carregada de sentidos, tornando-se significativos para a educação e o aprender história.

3.5.1 Local da pesquisa

Assim a pesquisa foi desenvolvida com alunos da educação básica da Escola X, nos turnos matutino e vespertino. A participação dos alunos foi de extrema importância. Além dos alunos, o grupo de professores, coordenação, direção e a comunidade escolar como um todo, também de forma direta ou indireta foram partes envolvidas ao desenvolvimento das atividades.

3.5.1.1 Amostra da pesquisa

A Escola X possui nove anos de atuação no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. A instituição atende estudantes da educação infantil, pré-escolar, ensino fundamental I e II e ensino médio. Conta com o trabalho de mais de 100 educadores que trabalham com crianças e adolescentes na formação e construção de seu conhecimento, bem como a

integração social e cultural. Sua estrutura física é ampla e oferece boas condições para desenvolver as ações didático-metodológicas. Este ambiente contempla um ginásio de esporte com três quadras cobertas, arquibancadas para a realização de práticas esportivas e eventos realizados pela instituição escolar, além de um amplo pátio coberto com grama e cercado, onde está instalado um parquinho com diversos brinquedos e atrativos para as crianças em idade adequada para uso desse espaço.

A parte interna da escola oferece 25 salas de aula, além de 1 biblioteca, laboratórios de química, biologia e física, entre outros espaços que contemplam atividades de contra turnos e reforço escolar, sala de professores e setores administrativos. Esta instituição atende em torno de 800 alunos nos turnos matutino e vespertino, sendo que destes, participaram desse projeto de pesquisa cinco turmas. Das turmas duas são de 6º anos envolvendo 46 alunos, duas de 9º anos com 45 alunos e 1 turma de 3º ano do ensino médio com 13 alunos.

3.5.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

As técnicas de recolha de dados utilizadas no contexto desta pesquisa foram:

- ➔ A entrevista semiestruturada desenhou apenas uma estrutura geral com os aspectos e as questões principais, enquanto os detalhes da estrutura foram trabalhados durante a entrevista (DREVER, 1995, apud, PINTO, 2011). A entrevista foi utilizada trazendo a abordagem do ensino de história tecendo interlocuções com os espaços de memória problematizados neste estudo;
- ➔ A observação participante uma vez que as atividades desenvolvidas com os estudantes foram observadas, construídas conjuntamente com o pesquisador. Neste caso o investigador foi o instrumento principal de observação de forma ativa. Registrando os seus dados após o período de observação e acontecimentos tal como eles são vivenciados pelos participantes (EVERTSON; GREEN, 1986, apud, PINTO, 2011).

4 PROJETO DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM LUGARES DE MEMÓRIA DO MUNICÍPIO DE LUCAS DO RIO VERDE, MATO GROSSO

As propostas didático-pedagógicas estruturadas nesta pesquisa, partiram de diferentes momentos sendo eles divididos de acordo com as necessidades sentidas ao longo do processo de realização do trabalho podendo assim serem adicionadas novas estratégias e metodologias ou mesmo subtraídas das idealizadas dependendo das respostas e aceitações dos alunos. O *primeiro momento*, identificado como “Reflexão”, frente aos monumentos culturais delimitados pela pesquisa, existentes no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Diante dos recursos e atividades realizadas pelo professor pesquisador, preocupou-se em elaborar exercícios de sensibilização e criatividade para com os educandos, fazendo uso de recortes, textos, desenhos e descrições verbais, considerando e explorando, o conhecimento já adquirido pelos participantes.

Em meio de muito diálogo em sala de aula, foi construído e reconstruído coletivamente conceitos relacionados ao patrimônio cultural. Observou-se ser necessário uma avaliação sobre os mecanismos impactantes da cultura na economia, direcionando a discussão acerca da política de preservação do patrimônio e as legislações pertinentes, o que foi fundamental e enriquecedor para o ensino e aprendizagem dos envolvidos.

O objetivo principal neste primeiro momento, foi despertar nos educandos e também em toda a comunidade escolar, a percepção de integração do ser humano, como um agente produtor de sua cultura, que se manifesta em saberes, ofícios, uso de espaços e materiais, seu modo de falar (linguajar), dentre outros. Repletos de significados simbólicos, que descrevem a essência histórica de vida de cada um e de todos.

No *segundo momento*, foram realizadas atividades de exploração dos monumentos históricos a campo pela cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, já referendados neste estudo. Esta etapa foi chamada de “Interação com o Patrimônio in loco”. Antes da ida até os endereços monumentais, foram feitos momentos em que os alunos problematizaram e interrogaram sobre o que buscar, observar, interrogar junto a esses espaços. Assim antes da saída a campo, foi feito um levantamento preliminar das referências culturais do lugar, um

roteiro organizado para todo o percurso e trajetória da saída a campo, em mãos os alunos levaram questões para as entrevistas, que logo se transformaram em uma diversidade de atividades produzidas e trabalhadas em sala de aula, com o auxílio do professor, como por exemplo: debates, discussões, produção de caderno de campo, desenhos, mapas, textos, produção de fotografias e vídeos.

A partir da observação dos monumentos, as memórias, o conhecimento adquirido e sentido foram despertados de fato com o trabalho a campo. Com a visita os alunos estabeleceram maior significado e importância para a construção de identidade cultural social no meio onde vive.

No *terceiro momento* do desenvolvimento da pesquisa, foram organizadas discussões, troca de experiências, avaliação coletiva das ações realizadas e a verificação dos problemas que sentiram ou surgiram a partir das ações feitas em toda a estruturação e realização do projeto para as possíveis correções e ajustes. Buscou-se estimular a capacidade de interpretação e leitura da realidade, análise, diagnóstico, envolvimento afetivo e comprometimento com seu lugar de vivência. Os momentos e ações realizadas, tiveram o intuito da aplicabilidade metodológica flexível e transversal, usar da educação patrimonial enquanto caminho facilitador que possibilitou maior integração social e cultural.

A estrutura das metodologias aplicadas foram pensadas de forma a enfatizar a prática com instrumentos e metodologias de trabalho para a exploração do conhecimento a campo, a interação do grupo, o reflexo sentido e vivido, e tão logo, compartilhado com suas famílias, amigos e meio de vivência. Foi objetivado contribuir para a formação de um ser crítico e social dado a importância dos monumentos históricos de cada localidade enquanto uma possibilidade de valores e marcas da construção de sua própria historicidade.

4.1 ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS COM OS ALUNOS

As propostas educativas foram sendo trabalhadas e desenvolvidas desde o primeiro semestre de 2017 até o primeiro semestre de 2018, na escola X do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, privilegiando e expondo os momentos de 5 turmas em níveis diferentes de ensino formal (6º anos, 9º anos do ensino fundamental II e 3º ano do ensino médio).

Iniciamos a proposta da didática no ensino de história enfatizando a busca dos referenciais históricos e teóricos referentes aos monumentos urbanos citados e orientados nessa pesquisa, sendo eles: Ema, Semeador, Garis, Porco Luquinha e a Galinha Preciosa. A busca foi rica por possibilitar comentários trazidos de pessoas mais velhas das famílias, marcas e fatos não contidos na história oficial, fatos vividos por cada um, através dos tempos, das transformações sociais, estão subentendidos, sentidos e vividos por essas pessoas que se envolveram na qualidade de avós, tios, amigos, vizinhos, os mais citados.

4.1.1 Ênfase da proposta didática no ensino de história com os 6º anos do Ensino Fundamental II

Para aplicabilidade das ações metodológicas, nos 6º anos do ensino fundamental II, elaboramos um plano de ensino que levou em conta o método investigativo, na reelaboração de formas e conceitos históricos, partindo da análise do patrimônio cultural da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, onde os educandos estão inseridos. Tendo como desejo o conhecimento histórico pela busca e coleta de dados, partindo dos próprios educandos, familiares e o meio onde vivem.

Elaboramos estratégias às quais julgamos facilitadoras para que o aluno se sentisse protagonista e ator do processo de aprendizagem e assim tomasse gosto pela descoberta do conhecimento. Por ser momento de transição do 5º para o 6º ano, desejamos mostrar para os alunos e também para suas famílias a importância da historicidade, em seu dia a dia fazendo parte do íntimo de cada um a todo o momento sendo representada de diferentes formas.

Tornou-se necessário um planejamento específico para as turmas dos 6º anos, no que se refere à seleção de leituras e autores que norteiam essa possibilidade de ensino, a partir de descobertas e curiosidades por detrás de um monumento histórico, ou histórias, contos, prosas e causos contados por aquelas pessoas mais velhas que convivem e estão no âmago familiar. Buscamos clareza em conduzir os trabalhos e também em orientar leituras base para que os educandos se familiarizassem com a proposta e passem a gostar das novas metodologias. No intuito de proporcionar aos alunos o interesse de novas descobertas históricas e dos fatos de memórias e enfatizar a importância da memória para que o ser possa se sentir parte da sociedade enquanto agente atuante e participativo.

Alertamos, portanto, que a história e suas áreas afins podem ser o grande diferencial para o futuro humano. Direcionamos nossa conversa para a importância que as famílias devem ter para com seus pertences e valorizar objetos, imagens, música e muitos outros que remetem suas histórias para gerações futuras. Provocamos para que nos sintamos responsáveis por um legado e que esse necessita ser continuado para as gerações futuras e assim consecutivamente, acreditando que com a observação “o aluno aprenda a “ver”, seja capaz de parar diante de um objeto, fixar e concentrar o olhar sobre ele” (BITTENCURT, 2011, p.358).

Focamos assim, com as turmas dos 6º anos, as ações metodológicas investigativas na busca de objetos, fotografias, roupas antigas, brinquedos antigos que podem ser os que seus pais brincavam quando criança ou descrever as brincadeiras e cantigas da época do vovô e da vovó, audiovisuais em geral e outras infinitudes possíveis. A didática objetivou o buscar em seu convívio familiar informações importantíssimas que aconteceram na vida de seus pais, tios, avós e parentes. Descobertas fantásticas, quando cada aluno ao apresentar para a turma se enchem de expressões e sentimentos, ora de alguma eventualidade triste, ora de felicidade, fatos engraçados, interessantes, divertidos, enfim, a transmissão do conteúdo que apresentaram foi de tamanha significância, tanto para o conhecimento, quanto para a interação e aproximação entre alunos.

Após a apresentação e acomodação dos pertences individuais em sala, cada aluno escreveu o que antes havia expressado oralmente, para que o registro da imagem possa ser lido por outros. Além dos registros, os alunos fotografaram as exposições dos objetos antigos em sala de aula, produziram poesias, paródias, versos e outros. Foi possível também reproduzir no pátio da escola as brincadeiras e cantigas que os pais e avós brincavam quando eram pequenos. A alegria e satisfação de ver e sentir nos alunos essa energia positiva e expressiva em poder reproduzir na prática algo que seus pais ou avós faziam, foi muito gratificante.

Organizamos também um estande (tenda) com os objetos antigos trazidos pelos alunos dos 6º anos, para exposição na mostra do conhecimento que acontece todos os anos na Escola X, organizado na quadra do ginásio de esporte da escola, onde os alunos têm a oportunidade de transmitir para a comunidade escolar, toda a produção feita em sala de aula, valorizando ainda mais, sua investigação histórico cultural. A visitação será aberta para o público em geral, incluindo convites para outros alunos de outras escolas poderem conhecer a exposição

dos trabalhos, não só visual, mas também recebendo explicações e informações do que os objetos significam para a formação histórica cultural de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso.

As ações metodológicas ressaltam de sobremaneira a importância das memórias na vida das pessoas para que tomem consciência do que está a sua volta enquanto moradores de um espaço geográfico. Buscamos observações que provoquem em cada um a importância da formação histórico e social do espaço vivido. Instigamos os alunos por acreditarmos que o ensino deve ser próximo dos mesmos, assim como nos apresenta Fronza e Ribeiro (2014) quando afirmam que:

O ponto de partida do ensino deve estar sustentado nas carências de orientação contemporânea dos jovens, que deve ser compreendidas tomando como recurso as experiências do passado. O encontro entre o lugar-presente e o lugar-passado na experiência dos jovens é fornecido por um tema que “diz respeito a mim (nos)” (FRONZA, RIBEIRO, 2014, p.307).

Criamos, então, uma teia de relações com os alunos dos 6º anos e suas famílias, por tornar conhecido um mundo individual que agora se estende para uma sala de aula, e que pode ser maior de acordo como as atitudes de cada um enquanto ser futuramente adulto e socialmente comprometido. Dessa forma, foi possível construir novos conceitos de história e novas formas de apresentação dos conteúdos, buscando sempre uma melhor qualidade e assimilação dos mesmos pelos alunos.

4.1.2 Ênfase na proposta didática no ensino de história dos 9º anos do Ensino Fundamental II

Saímos dos 6º anos e nos debruçamos em explicações acerca das práticas aplicadas ao nível de 9º ano, onde também realizamos diversas ações metodológicas com esse projeto. Com os alunos dos 9º anos da mesma Escola X, prevaleceu a valorização e a preservação do patrimônio e da paisagem cultural de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Objetivamos elaborar uma prática compreensiva para com a importância dos bens patrimoniais presentes

na paisagem do município, a partir de uma investigação e exploração dos espaços históricos/geográficos locais. Concordamos com Fronza e Ribeiro (2014) quando dizem:

Nessa perspectiva, para saber ler a informação, debater e selecionar mensagens fundamentadamente, é preciso saber interpretar fontes, analisar e selecionar pontos de vista, comunicar sob diversas formas, apontar em metodologias que envolvam os alunos no ato de pensar historicamente (FRONZA, RIBEIRO, 2014, p. 306).

Assim usamos o patrimônio urbano do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, para fazê-los entender que podem, a partir dos mesmos, construir suas memórias ou criar novos significados para as já existentes, podendo reconstruir memórias e também reordenar as significações das mesmas.

Continuamos então na apresentação das ações do projeto, nas turmas dos 9º anos, onde buscamos investigar através dos recursos tecnológicos da escola (laboratório de informática), os monumentos históricos existentes no município, a fundamentação teórica de cada um, visualizar as imagens e geograficamente traçar sua localização, ficar atentos para os nomes das ruas, prédios públicos, praças, áreas verdes. Assim, ainda de maneira teórica, podemos coletivamente compreender o contexto territorial e já identificar o patrimônio histórico cultural do município.

A socialização da pesquisa feita pelos alunos dos 9º anos no laboratório de informática, foi posteriormente, trabalhada em sala de aula, orientados pelo professor, onde divididos em grupos os alunos apresentaram seus temas, utilizando-se de recursos audiovisuais, explicações e mapas, contribuíram para a construção de um embasamento teórico-conceitual e da efetivação de um levantamento de informações históricas e culturais sobre o município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso.

Queremos entender o processo investigativo como fundamental para o ensino aprendizagem dos alunos, por exigir dos mesmos participação efetiva, despertar a imaginação e suas capacidades e habilidades, já retratadas no seu espaço de vivência. Para o espaço escolar, aconteceram inúmeras trocas de saberes, pois notamos que a comunidade escolar com seus conhecimentos prévios sobre os espaços de vivência, percebe novos entendimentos após

obter novos olhares sobre esse mesmo endereço que agora se torna nutrido do conhecimento e por esse fato mais complexo e também ampliado.

Desta forma, investigar o patrimônio cultural do município, passou a ser uma ferramenta a mais para a efetivação de novas ações metodológicas no processo de ensino aprendizagem, onde os alunos dos 9º anos estiveram envolvidos efetivamente, contribuindo assim, para a formação de uma consciência crítica e de responsabilidade, com vistas à preservação patrimonial.

Traçamos algumas ações estratégicas possíveis para uma saída a campo com os alunos dos 9º anos, para que depois de todo o conhecimento teórico trabalhado em sala de aula, pudessem, então, ir à visita. Observando, analisando e construindo suas próprias concepções, a partir de seu conhecimento prático e didático-teórico. Dessa forma entendemos que:

A metodologia da Educação Patrimonial pode levar os professores a utilizarem os objetos culturais na sala ou nos próprios locais onde são encontrados, como peças chave no desenvolvimento dos currículos e não simplesmente como mera ilustração das aulas (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p. 09).

Neste ensejo, a saída a campo com os alunos dos 9º anos, possibilitou a compreensão de diversos aspectos do lugar de vivência, de tal maneira que entender o processo formação, transformação e preservação do patrimônio é de suma importância para compreender a configuração histórica e geográfica de um município. Ao estudar o município onde se mora, o educando trabalha com o seu espaço de vivência, assim expõe o seu sentimento de pertencimento e os seus saberes culturais, o que estimula a compreensão da realidade nas suas múltiplas variáveis.

A visita foi uma oportunidade de fazer com que os alunos saíssem da zona de conforto, descobrindo e construindo o seu próprio conhecimento, através de significados estabelecidos por meio de experiências relacionadas ao seu lugar de vivência, em especial a escola, que é um importante espaço de socialização e cidadania.

A partir dela, com desenhos, registros, fotos e outros proporcionamos aos alunos o desenvolvimento de uma série de habilidades e capacidades, despertando seu lado criativo,

reflexivo, detalhista, e assim, valorizando cada expressão de conhecimento e sentimento produzido. Organizamos uma “passarela” com mesas e cadeiras, onde os visitantes pudessem circular livremente entre os desenhos, e ali receber uma boa explicação sobre o significado de cada monumento histórico de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, além disso, observar as paisagens também expressas nos desenhos.

Para tanto, os alunos organizaram a “passarela” e as explicações para a comunidade escolar. Vale lembrar que a ação do projeto atingiu o público interno da escola. Onde todas as turmas de maneira ordenada tiveram a oportunidade de participar da visitação da passarela artística acompanhadas de seus professores regentes. Os olhares foram múltiplos, curiosidade, outros achavam os desenhos engraçados, outros simplesmente olhavam em silêncio, outros queriam explicações, outros de imediato reconheciam os monumentos da cidade, outros tinham certa dificuldade em reconhecê-los, outros olhavam e tinham medo de falar sobre os desenhos.

A atividade foi valorosa, os alunos dos 9º anos tiveram a oportunidade de expor seus desenhos e através deles reproduzir os monumentos históricos de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, compartilhando com os demais o conhecimento adquirido nas aulas teóricas e práticas, sendo possível argumentar sobre como tudo pode ser construído e representado em nosso meio. Estabelecendo provocações aos alunos para pensar na necessidade de se construir conceitos sobre o que nos cerca para não vivermos o conceito já estabelecidos por outros.

Por meio das didáticas descritas buscamos entender “o processo de construção da identidade cultural e a preservação da memória coletiva de uma população dependem fundamentalmente do acesso democrático à educação e aos bens culturais da sociedade” (SILVEIRA; BONATO, 2008, p. 07). Ou seja, queremos que os alunos passem a produzir seu próprio conhecimento e não a simplesmente os recebam prontos de maneira que não seja possível intervir no processo.

É importante salientar que as didáticas utilizadas não abandonaram o currículo dos projetos educacionais, mas somaram-se aos mesmos. O que buscamos então foi fazer o aluno dar significado e observar o seu redor, com isso o mesmo está exercitando e criando uma memória própria, favorecendo a percepção do meio, entendendo a partir de algo próximo e estendendo seus conhecimentos para os patrimônios mais generalizantes, que possuem reconhecimento social. Dessa forma, “precisamos encarar o espaço público, tão esvaziado no mundo contemporâneo, como lugar privilegiado de reflexão e debate” (FRONZA; RIBEIRO,

2014, p. 313). Assim, entendemos a necessidade de um novo cidadão, que possa atuar, causar, lutar com mais clareza para minimizar os problemas que os cercam, e isso só será possível se o aluno entender a ética social, a diversidade e estar pronto para debater, ouvir, opinar e atuar de forma consciente.

4.1.3 Ênfase da proposta didática do ensino de história com o 3º ano do Ensino Médio

Na dinâmica de aplicabilidade educativa seguimos com a descrição das ações metodológicas, organizadas com o nível de 3º ano do ensino médio da Escola X. A realização de atividades relacionadas aos monumentos históricos de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, levando em consideração a maturidade e responsabilidade dos alunos, partimos diretamente em provocá-los para uma investigação pelas ruas da cidade.

Observando os nomes utilizados em ruas, sendo as mesmas escolhidas de acordo como o interesse de cada grupo de aluno. Porém, orientados para que destaquem a rua da escola, da casa onde mora, do local onde os pais trabalham, as ruas centrais da cidade e outras possíveis dentro da importância de cada um. Com esse alvo de pesquisa estamos na busca de figuras históricas de importância local, regional ou nacional, bem como localidades, estados, países e outros, comuns que são atribuídos à identificação de locais no espaço urbano de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso.

Os alunos do 3º ano do ensino médio organizaram-se em grupos para explorar e traçar o roteiro de suas ações do projeto. Vários foram os encontros marcados para que tudo pudesse acontecer com planejamento. Os encontros ocorreram nas dependências da Escola X, às vezes na biblioteca, às vezes na cantina e até mesmo nas casas dos alunos, assim, as ações do projeto foram além do esperado, pois, quando percebemos, os pais dos alunos também já estavam envolvidos no processo investigativo e educativo.

Os pais primeiramente levavam e buscavam seus filhos para os encontros marcados para a estruturação do projeto, mas com o passar do tempo, perceberam alguns empecilhos financeiros por parte da escola, em disponibilizar o transporte para o trabalho a campo. Dentro dessas circunstâncias, o envolvimento familiar foi ficando cada vez mais forte. Assim, a integração de escola, alunos, família e da comunidade escolar foi fundamental para a realização dessa etapa de trabalho a campo. O roteiro elaborado e de conhecimento de todos

os envolvidos, deu-se em dias não letivos. Pois, os pais e alunos se organizaram de acordo com as datas e horários possíveis para levá-los em veículos próprios até os endereços necessários para observação dos monumentos.

Os alunos do 3º ano do ensino médio, foram primeiramente explorar visualmente os lugares da pesquisa, e para isso, precisaram deslocar-se para diferentes pontos da cidade. Com a utilização de equipamentos variados e possíveis a cada um, podendo ser *drone*, filmadora, celular, computador para o desafio da coleta das imagens, sendo possíveis em formato de fotos, filmagens e informações sobre a área pesquisada. A intenção foi de que a partir dessas visualizações e conhecimento dos monumentos e também dos locais de pesquisa, pudessem contribuir para um novo olhar pedagógico, diante dos fatos e imagens captadas e registradas pelos alunos, percebendo assim, o quanto a história deixa suas marcas no espaço temporal e atemporal em cada local de vivência humana podendo estar próxima de nós.

Articulamos essas didáticas com a própria Constituição Federal e também com os Parâmetros Curriculares Nacionais: “[...] as obras, objetos e documentos; edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico” (BRASIL, 1988), podem, ser alvos de investigação desde que aconteça uma orientação prévia e conhecimento sobre o assunto, garantindo assim o ente público a serviço da educação e de todo tipo de pesquisa e observação.

Essas atividades práticas, estimulam o conhecimento e a curiosidade sobre o patrimônio local, despertando para um sentimento de pertencimento local e social. Sendo assim, as ações metodológicas pedagógicas foram direcionadas na perspectiva de estimular a comunidade a identificar e conservar a paisagem cultural do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Por isso, essa atividade se constituiu em uma ação participativa, sendo que um dos principais resultados obtidos foi o reconhecimento do patrimônio cultural pela comunidade escolar, através da coleta de dados, imagens e novas informações sobre o local, instigando para um olhar mais crítico da realidade.

Posteriormente os alunos do 3º ano do ensino médio, reuniram-se novamente para a reestruturação da coleta de dados, imagens e filmagem, referente ao trabalho a campo já realizado. Para isso, precisaram utilizar o laboratório de informática da Escola X, a filmadora e seus celulares utilizados para a coleta do material necessário para elaboração do trabalho final da investigação. Neste momento, os alunos analisaram as fotos e imagens coletadas,

selecionaram as melhores e fizeram os recortes dos vídeos feitos por eles com uso de um *drone*.

As revisões foram também em vários momentos, para que tudo estivesse com um bom embasamento teórico, boas imagens e ângulos e as filmagens com boa resolução. Logo, com a orientação do professor orientador, criou-se um grupo no *facebook* com a montagem do conteúdo visual, elaboramos pequenos vídeos com cada monumento histórico da cidade e suas respectivas explicações e postamos nessa via de acesso. Local onde o conteúdo pesquisado e preparado com os alunos do 3º ano pudesse servir de conhecimento extraclasse.

A utilização dos recursos de multimídias e as postagens do conteúdo, possibilitou uma melhor interpretação de acordo com as transformações ocorridas com o tempo na paisagem cultural, bem como, as relações sociais existentes, e ao mesmo tempo, identificar geográfica e historicamente o patrimônio cultural local. Contribuindo assim, com a integração dos alunos com o ambiente de vivência, desejando que aos poucos vá se causar um sentimento de pertença ao lugar. Pois, o número de visualizações, curtidas e comentários recebidos foram significativos e importantes para os alunos e professores envolvidos nesta ação do projeto.

As estratégias metodológicas sinalizam para a ideia de que “na medida em que tais referências são conhecidas, a memória torna-se refletida, as lembranças se tornam experiências permitindo melhor compreensão da natureza histórica dos acontecimentos, contribuindo na formação cidadã dos educandos” (VIANA; MELLO, 2013, p. 01).

Os registros feitos em momentos de visitação, como fotos, vídeos, irão servir para dar visibilidade em forma de postagens nas redes sociais, compartilhados e visualizados de maneira dinâmica e divertida. Buscamos atrair assim, a atenção dos alunos e todos os que têm acesso às m dias sociais via internet, agregando maior conhecimento sobre a historicidade do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. A importância de repensar nosso meio e recriar visões sobre o patrim nio uma vez que “[...] os bens patrimoniais são definidos a partir das crenças, valores e interesses dos diferentes grupos sociais que, em sua permanente tensão, interagem, influenciando-se reciprocamente” (VIANA; MELLO, 2013, p. 03).

Como proposta de encerramento para as ações do projeto, convidamos os alunos do 3º ano do ensino médio, para apresentarem seus trabalhos para as turmas dos 6º anos do ensino fundamental da Escola X, onde os mesmos tiveram a oportunidade de explicar detalhadamente o cont do das postagens nas redes sociais, compartilhando seus

conhecimentos, suas habilidades e capacidades, instigando outros alunos a também manifestarem sua criatividade e interesse por novas metodologias pedagógicas.

Através das estratégias metodológicas tentamos, então, diversificar o aprender e instigar o aprendizado do aluno no sentido de que o mesmo se sinta integrante e atuante no processo de ensino e aprendizagem e que perceba o quanto a historicidade envolve o âmago dos seus e do quanto pode lhe ser útil no sentido de entender-se como parte de um grupo, seja ele familiar, escolar, comunidade e sociedade.

Buscamos dentro das possibilidades metodológicas e pedagógicas desenvolvidas valorizar, incentivar e provocar o aprender múltiplo nos alunos, contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente, podendo vir a significar constantemente os objetos de memória expressos em forma de patrimônio cultural. A necessidade de formar cidadãos que almejam o conhecimento, a informação, o aprender, o investigar, refletir, analisar, o preservar e atuar no meio onde está inserido como atuantes e participativos dentro de um contexto social, cultural, econômico e político.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DAS PROPOSTAS METODOLÓGICAS DESENVOLVIDAS COM AS TURMAS DE ALUNOS ELENCADAS

4.2.1 Análise das didáticas desenvolvidas com os 6º anos do Ensino Fundamental

As metodologias desenvolvidas nas turmas dos 6º anos do ensino fundamental, despertaram nos educandos o espírito investigativo. Frisamos que participaram das atividades um quantitativo de 46 alunos divididos em duas turmas de mesmo nível educacional, ambos do turno matutino da Escola X. Todos os trabalhos foram de fundamental importância para a busca histórica no âmbito familiar e enriqueceram os conhecimentos já adquiridos em casa e que com a orientação do professor agregaram maior aprendizagem acerca do tema. Salientamos que não foi possível elencar nesta pesquisa todas as estratégias metodológicas desenvolvidas, portanto, elencamos algumas atividades buscando sempre valorizar a todas.

Usamos, como critério de escolha, a desenvoltura ao descrever a história, o envolvimento familiar e a seriedade e preocupação diante da pesquisa.

Dentro das propostas metodológicas tivemos a preocupação da integração familiar obtida em forma de fotos, imagens, objetos, utensílios e outros que valorizam a historicidade de cada família. Assim, em cada etapa desenvolvida pôde-se observar a curiosidade e o interesse na busca por informações de seu próprio meio vivido.

Apresentamos, então, trabalhos realizados pelos alunos durante a pesquisa, a construção do conteúdo em diversas formas, sendo expressos em textos, poesias, paródias ou outros a cargo do gosto de cada um, optamos dessa maneira para que cada aluno se sinta a vontade ao apresentar para os colegas com maior segurança nas explicações.

Destas experiências, apresentamos algumas imagens selecionadas, dando visibilidade ao resultado das ações metodológicas desenvolvidas. Lembramos que para manter o anonimato dos alunos estaremos usando nomes fictícios nessa dissertação, para apresentarmos as ações metodológicas desenvolvidas ao longo de nossa pesquisa investigativa. Contudo, mencionamos os trabalhos realizados pelos alunos de forma clara e objetiva.

Figura 11



Calculadora, Arquivo pessoal, 2018

Esse objeto foi descrito pelo aluno “Douglas” da seguinte forma: “A importância dessa calculadora para meu bisavô paterno, ele administrava uma venda e para calcular os preços, quantidades de objetos para vender, a calculadora era muito necessária. Informação extra: essa calculadora tem mais de 80 anos de idade” (Descrição do aluno, 2018).

Figura 12



Exposição de objetos e fotos antigas, Arquivo pessoal, 2018

Essas imagens e objetos fazem parte da exposição feita com os materiais trazidos pelos alunos. Daremos ênfase para a imagem do centro parte superior onde há um menino de joelhos. O aluno “Francisco” a descreve da seguinte forma:

Trouxe a imagem de meu avô passando a primeira comunhão em 1972, na imagem pode-se observar que ele está ajoelhado em frente a imagem de Jesus, e um vaso de flor em sua frente e ele estava segurando o terço em sua mão. Não era possível ver o Padre pois só tiraram a foto dele se confessando. Ele estava vestido com um terno e uma gravata, ai ele ficava falando que ele era muito bonito. Também estava com sapatos sociais não muito diferente dos de hoje em dia. Então se percebe que seus vestimentos não mudam tanto dos de hoje em dia. Seu cabelo estava normal, nem muito curto, nem muito comprido, era liso e ele fala que antigamente a mãe dele gostava de pentear ele, mesmo ele tendo mais de 9 irmãos. Para mim essa imagem é uma lembrança que irei ter do meu avô quando ele falecer, vou lembrar que ele lutou muito nessa vida para que hoje em dia nós termos comida, casa,

roupas... enquanto ele está vivo vou aproveitar ele o máximo possível. Pode-se perceber que a imagem está meio velha pois está amarelada e está em preto e branco (Descrição do aluno, 2018).

Figura 13



Objetos antigos, Arquivo pessoal, 2018

O aluno “Flavio” a descreve da seguinte forma: “Moeda de 20 pesos, moeda de Bahamas e moeda de 400 réis. Essas três moedas fazem parte da coleção de moedas de meu bisavô D. S.A.N este meu bisavô tem quase 100 anos, pois ele nasceu em 1921 dia 03 de agosto (ele é meu parente mais velho então pedi os objetos para ele). Ele sempre pegava a moeda local de todos os países em que ele passava. Essas moedas são importantes pois marcam a história de meu bisavô” (Descrição do aluno, 2018).

O trabalho realizado com os alunos resultou também em paródias que estão relacionadas com a cultura e práticas familiares, ou seja, que se remetem a algo usado, cantado, narrado pelos mais velhos fazendo parte das gerações que cercam o aluno. Para ilustrar apresentamos o trabalho realizado pelo aluno “Jair”.

As bombas do avião

Bem de longe da imensidão
Surgia um grande avião

Contavam histórias para assustar
 As pobres crianças chegavam ao ponto de chorar
 Em baixo da cama se escondiam
 Pois contavam que as bombas explodiam
 Com medo quase morriam
 E adivinha o que elas faziam
 Choravam e gritavam e sem coragem nem apareciam.
 Mais depois de um tempo pararam de acreditar
 E agora os antigos só de avião querem andar
 Não mais medo tem
 Mas tudo tem um porém.
 História que minha bisavó materna passou em gerações, pretendo passar essa
 história para os meu filhos e para as gerações futuras” (Descrição do aluno,
 2018).

Nas ações metodológicas desenvolvidas com os alunos dos 6º anos, percebemos a importância que essas atividades proporcionaram aos alunos, a partir da observação dos objetos, fotos, imagens, utensílios, no saber ouvir atentamente os relatos dos colegas nas explicações de cada um e, assim, construíram seu próprio modo de pensar, expressando suas opiniões, descrevendo-as com propriedade e conhecimento, realizando uma leitura do seu meio de vivência.

Por meio da influência da cultura local, podemos construir uma visão histórica da sociedade, assim compreendermos o presente a partir da observação do passado. Desejamos que fatos ocorridos no passado tragam luz para entendermos o mundo em que vivemos, permitindo aos alunos perceberem as marcas, partindo dos causos contados pelos seus avós ou pessoas mais velhas e também valorar o respeito e o saber ouvir as histórias de vida do outro em épocas diferentes e, assim, conseguir expressar através da poesia, versos e outros o reviver cultural local e regional. Também foi relevante, a interação com a família e significativo para os alunos, saberem como eram as experiências vividas pelos pais, tios e avós.

Escrever poesias desenvolve no aluno sua criatividade e criticidade. Permite, a partir da leitura, questionar e refletir sobre a própria vida. Seguimos com as devolutivas dos alunos onde nos é possível notar empenho e esforço dos mesmos para com as metodologias propostas. Esta poesia que segue foi desenvolvida pela aluna “Vanessa”:

Lá atrás daquele morro, passa boi passa boiada.
 Só não passa meu avô, com a calça remendada.
 Eu só passo porque minha calça foi rasgada e remendada.
 Minha mãe um dia me falou que a calça dela arrebentou.
 (Descrição do aluno, 2018).

Outra ação desenvolvida foi reviver brincadeiras antigas, deixando os pais e avós falarem de como brincavam quando crianças e quais eram as brincadeiras. Tudo virava brincadeira, um simples galho poderia se transformava em um brinquedo qualquer, como cavalo ou foguete, era divertido correr, pular corda, jogar bola de pé descalço no campinho, esconde-esconde, escravos de jô, amarelinha, brincadeiras de roda, cantigas, enfim, uma infinidade de brincadeiras extremamente saudáveis e divertidas onde as regras eram criadas ali mesmo. O reviver familiar foi muito produtivo e divertido, pois, os alunos puderam desenvolver várias brincadeiras no pátio da escola e o que me chamou atenção foi de sentir de alguns alunos a oportunidade de passar mais tempo junto com os pais e fazer parte do assunto.

Proporcionar aos alunos rememorar o tempo passado com o compartilhamento e socialização das brincadeiras foi satisfatório e ainda contribui para reflexões com o momento vivido, favorecendo comparações temporais e relacionando o passado e o presente. Foi possível pelo brincar e confeccionando criativamente os brinquedos envolvermos os pais na participação das ações metodológicas, afinal, quanto tempo temos para brincar com as crianças enquanto proposta educativa de interação familiar, social e cultural. A brincadeira que segue foi descrita pela aluna “Simone”

Brincadeira “corrida de pau”: Esta brincadeira continha 5 pessoas, 1 juiz e quatro corredores, o que era utilizado para a corrida eram pernas de pau. Regras: O juiz deveria fazer um sinal para que a corrida desse início, se um dos participantes cair, o juiz deve observar se foi falta, ou seja, ver se um derrubou o outro, quem cair ou quem roubar é eliminado. O jogo/ corrida é dividido em quatro etapas, inicial onde se tem os 4, e se elimina sempre o último, também temos as decisivas onde se decide os dois que vão para a final, quem ganhar a final se torna o juiz. Vocês faziam as próprias pernas de pau? Sim, pegávamos galhos e ripas, depois fazíamos pequenos pedaços quadrados e pegávamos os pedaços de ripas e pregávamos com o prego, o


pedaço quadrado, e pronto uma perna de pau. (Entrevista feita pelo aluno com seu pai, 2018).

A medida que fomos desenvolvendo as ações metodológicas com as turmas dos 6º anos, percebemos o entusiasmo e empolgação dos alunos nas atividades investigativas e a participação de todos na busca pela informação, fatos, objetos, fotos, imagens, poesias, paródias, brincadeiras, cantigas de antigamente, todo dia era uma história que alguém queria contar. Assim, conseguimos explorar ao máximo o conteúdo e a produção realizada ao longo dessa dissertação. Compreender o meio familiar, a escola e o ambiente de vivência dos alunos foi contribuir com o ensino aprendizagem, com a observação, reflexão, opinião e conhecimento de cada aluno.

Ao dar continuidade nas atividades metodológicas preparamos os alunos primeiramente para entenderem seu próprio meio social. Explorar os monumentos históricos do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso é ir adiante e expandir o conhecimento. Os alunos perceberam que a memória histórica de uma família, cidade ou município se conserva através de imagens, inscrições, desenhos, documentos, lembranças, recordações, fotos, histórias vivas contadas de geração em geração, objetos são fontes de informação importantíssimas para a constituição e compreensão da história atual.

As apresentações a seguir são resultado de uma atividade que buscou valorizar a história patrimonial do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso a partir dos monumentos históricos existentes no município. Para tanto elaborou-se uma atividade orientada pelo professor, desenvolvida individualmente e envolvendo 46 estudantes do ensino fundamental II, observamos que nessa atividade foram usados os cinco monumentos envolvidos nesta dissertação, sendo que os mesmos foram distribuídos aleatoriamente dentro do total de alunos. A impossibilidade de apresentarmos todas as atividades desenvolvidas pelos alunos acarretou na escolha de algumas para servirem de esclarecimento e apresentação que seguem. Relembremos o uso de codinomes para manter o anonimato dos alunos envolvidos.

Atividade desenvolvida: Após dar significado aos objetos de sua casa, observe a imagem e responda.

 <p>Semeador, Arquivo do autor, 2017</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- O que essa imagem representa para você? E para seus familiares? 2- Existem outros significados para essa imagem e que você conheça ou que tenha ouvido falar? Explique. 3- Pesquise quando essa imagem presente na cidade foi criada? Explique os motivos e justificativas para sua existência.
---	--

Levando em consideração as questões apresentadas acima o aluno “Valdir” descreveu da seguinte forma:

Figura importante para a agricultura em Lucas do Rio Verde. O esforço de um bom plantio gera grande colheita. Uma estátua de pedra. Um trabalhador rural trabalhando. Pé grande porque as pessoas deram esse apelido a ele. Foi criado em 2007 porque representa a população luquense que semeia esperança e prosperidade e contribuem no desenvolvimento econômico e social de Lucas do Rio Verde (Descrição do aluno, 2018).

Esta atividade foi desenvolvida e descrita pela aluna “Silvia” da seguinte forma, “para mim significa os primeiros pioneiros que habitaram e aprimoraram a cidade de Lucas do Rio Verde. Para minha família significa os primeiros agricultores que chegaram em Lucas e significa semear para conter os frutos no futuro” (Descrição do aluno, 2018).

A aluna “Silvana” respondeu da seguinte forma:

Essa imagem para mim é bem importante e significativa, tanto para mim, tanto para minha família. Eu já ouvi dizer que o próprio homem da imagem tinha construído a escultura, é uma história maluca. Em meio a fogos de artifício, muita animação e grande quantidade de pessoas o prefeito M. F. inaugurou na última sexta-feira (10/11/2009) a revitalização da Praça Francisco Lucas, pertencente aos bairros Cidade Nova e Rio Verde. A revitalização da praça Francisco Lucas conta agora com um *playground*, quadra esportiva, super postes para melhor iluminação, reforma e pintura de bancos e ornamentação, além de uma academia completa doada pela empresa Fiagril. A praça Francisco Lucas completará 15 anos no próximo dia 28 e é uma referência ao homem que primeiro desbravou as terras e cedeu o nome a esta belíssima cidade. Os moradores destes bairros merecem desfrutar deste espaço de lazer com qualidade de vida, respeito e segurança. Essa imagem para mim é uma linda homenagem que mostra o fundador da nossa cidade (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Volmir” descreveu da seguinte forma: “Essa imagem representa para mim o símbolo de nossa cidade, para minha família representa prosperidade. Sim, o semeador, semeia esperança e principalmente prosperidade. Ela foi criada na cidade em 2009, representa a população luquense que semeia, esperança, prosperidade, aqueles que semeiam ideias, significa as plantações de Lucas do Rio Verde” (Descrição do aluno, 2018).

A aluna “Roseli” considerou que “para mim esta imagem representa um agricultor plantando, e para meus familiares também. Sim. Que representa a semeadura do progresso. Foi inaugurada em 2009. A estátua foi inaugurada para representar a população luquense que semeia esperança e prosperidade e principalmente aqueles que semeiam ideias inovadoras” (Descrição do aluno, 2018).

Após aprofundarmos as histórias de família com contos, causos, poesias entre outros os alunos dos 6º anos foram desafiados a novas investigações, e então explorar os monumentos urbanos da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso se tornam alvos de pesquisa. Para esse nível de ensino apresentamos um estudo dirigido para que partindo desse pudessem pesquisar em suas casas em sites, ou outros possíveis passando a reconhecer e conhecer os monumentos patrimoniais do município em que vivem. Assim apresentamos alguns trabalhos para ilustrar como esse foi proveitoso e desenvolvido de maneira diversificada por cada aluno.

Concomitante as ações metodológicas diversificadas e desenvolvidas nesta dissertação apresentaremos as atividades sobre os monumentos urbanos anteriormente citados, para dar

início mencionamos os trabalhos dirigidos e realizados pelos alunos com a escultura da Galinha Preciosa e logo com os demais monumentos.

Após dar significado aos objetos de suas casas, os alunos tiveram que observar a imagem e responder.



Galinha Preciosa, Arquivo do autor, 2017

- 1- O que essa imagem representa para você? E para seus familiares?
- 2- Existem outros significados para essa imagem e que você conheça ou que tenha ouvido falar? Explique.
- 3- Pesquise quando essa imagem presente na cidade foi criada? Explique os motivos e justificativas para sua existência.

Seguem algumas descrições realizadas pelos alunos. O aluno “Claudir” frisou:

A galinha foi feita para homenagear a avicultura, o monumento simboliza o potencial econômico e a riqueza que a agricultura produz nos próximos anos. Foi inaugurado dia 04/12/2015, a sociedade luquense estava presente no trevo da rodovia MT-449, com a avenida da Fé, onde se localiza a galinha, Os motivos para que a galinha exista é para homenagear a avicultura, pois no Brasil tem uma grande variedade de granjas de aves. Para a maioria das pessoas a galinha é representada pelo Mato Grosso ser um grande produtor de aves (Descrição do aluno, 2018).

Outra aluna, “Marizete”, ressaltou:

Produtividade do município. Preciosa, pois representa o valor econômico do município. A sociedade luquense se reuniu na manhã do dia 04/12/2015 para inaugurar o monumento que homenageia a avicultura, setor que gera milhares de empregos na região. Para escolher o nome da galinha, a

prefeitura de LRV (Lucas do Rio Verde - MT), promoveu um concurso. O ganhador foi Fabiano Queiroz da Silva, com a sugestão Preciosa. Segundo a justificativa, é preciosa porque representa o valor econômico do município (Descrição do aluno, 2018).

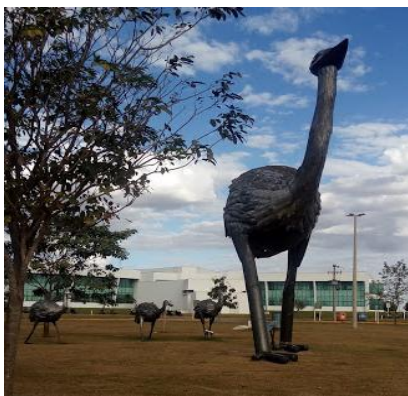
Enquanto a aluna “Marta” enfatizou:

Para mim representa um mascote. No entanto a galinha representa para nossa cidade, que além de ela ser bem estruturada e desenvolvida, ela possui um dos maiores frigoríficos do país, sendo o maior da América Latina. Isso significa que nossa cidade é rica em avicultura. Eu nunca ouvi nada a respeito da galinha. O nome dela é preciosa e ela foi inaugurada em 04/12/2015. Monumento simboliza o potencial econômico e a riqueza que a avicultura produz no município, e o que irá produzir nos próximos anos. Uma forma de homenagear a avicultura (Descrição do aluno, 2018).

A atividade foi descrita pelo aluno “Antônio” da seguinte forma:

Para mim esta imagem representa uma ave comum (galinha), e para os meus familiares representa que Lucas do Rio Verde é um dos maiores produtores de frango. Sim, ela representa o desenvolvimento da avicultura principalmente em Lucas do Rio Verde. Ela foi criada no dia 04/12/2016. Motivo: Lucas do Rio Verde se tornou um dos maiores produtores e de abate de frango de Mato Grosso. E isso gera muitos empregos na cidade e no campo, aquecendo a economia no município (Descrição do aluno, 2018).

Quando nos referimos à escultura da Ema os alunos enfatizam as seguintes respostas:



Ema, Arquivo do autor, 2017

- 1- O que essa imagem representa para você? E para seus familiares?
- 2- Existem outros significados para essa imagem e que você conheça ou que tenha ouvido falar? Explique.
- 3- Pesquise quando essa imagem presente na cidade foi criada? Explique os motivos e justificativas para sua existência.

Esta atividade foi desenvolvida e descrita pela aluna “Salette” a seguinte forma:

A ema representa uma ema, mãe que cuida e protege da cidade como se fosse seu filho. Para minha família é uma ema protetora que cuida. A ema foi inaugurada no dia 07 de setembro juntamente com o desfile cívico foi oficializado ser uma ave de grande porte e se adaptar com as adversidades do meio ambiental, a ema se enquadra perfeitamente no perfil do nosso município que apesar de as dificuldades econômicas mantém o crescimento e o desenvolvimento estável sempre a passos longos e a cabeça erguida (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Ezequiel” considerou:

Para mim essa imagem representa o símbolo de Lucas do Rio Verde, um animal que anda a passos largos e com a cabeça erguida mesmo perfil do nosso município. Para minha família: representa a vida da cidade onde tudo acontece e se forma, perto da prefeitura a ema faz parte de todos os problemas e decisões. Ouvi um dia falaram que a ema foi construída por um cara que um dia iria se vingar pelo seu bisavô que foi o verdadeiro fundador da cidade de Lucas do Rio Verde, a ema ia começar a andar e ia destruir tudo se o prefeito não desse o cargo para ele a ema foi inaugurada no dia 7 de setembro juntamente com o desfile cívico foi oficializada por ser uma ave de grande porte e se adaptar com as adversidades do meio ambiente, a ema se enquadra perfeitamente no perfil do nosso município que apesar das dificuldades econômicas mantém o crescimento e desenvolvimento estável, sempre os passos largos e a cabeça erguida (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Orlando” enfatizou que: “Eu e minha família achamos que é por que tinha muita erva na cidade. Se adaptar com as mudanças e caminhar com a cabeça erguida e os passos largos. 20 de abril de 1999. Se adaptar com a mudança caminhar com a cabeça erguida e passos largos” (Descrição do aluno, 2018).

Nessas ações metodológicas desenvolvidas, sentimos a necessidade em continuarmos trabalhando com o tema. Dessa forma buscamos situar os monumentos, enquanto algo a ser interpretado e analisado como fundamentação social e cultural para compreender a realidade vivida.



Porco Luquinha, Arquivo do autor,
2017

- 1- O que essa imagem representa para você? E para seus familiares?
- 2- Existem outros significados para essa imagem e que você conheça ou que tenha ouvido falar? Explique.
- 3- Pesquise quando essa imagem presente na cidade foi criada? Explique os motivos e justificativas para sua existência.

A aluna “Lídia” descreveu sobre o monumento histórico Luquinha:

Para mim o porco tem o milho na mão por causa que na região tem várias lavouras de milho, ele chama luquinha, luquinha por que é mascote da cidade e é um porco por que na região também tem bastante carne suína. Para minha mãe o porco significa símbolo do que a nossa cidade produz. Eu não lembro se me falaram ou não mas, eu pesquisei e o porco foi construído para retratar a forte suinocultura da região, que, junto com o soja e o milho o número na casa se refere a idade da cidade. O porco foi criado dia 21 - 08 - 2013. Ele foi construído para retratar a parte da suinocultura da região, que junto com a soja e o milho, movimentaram a economia da pequena cidade de 55 mil habitantes (naquela época) (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Lídio” descreveu sobre o monumento histórico Luquinha:

Para mim e minha família esta imagem representa um ciclo de grande transformação da nossa economia [...] Sim, quando viajamos para fora do estado ou município muitos olham a placa do nosso carro e logo dizem “você são daquela cidade que tem o porquinho?” e nós dizemos sim e representa a suinocultura. Data - 2000 á 2004, prefeito Otaviano Olavo Pivetta. Por que neste período foi a chegada da indústria, onde consolidou a transformação e agregou valores para nossa economia, com a suinocultura. os valores agregados foram a transformação de grãos em proteína animal gerando milhares de empregos e valorizando a agricultura que é a base da economia do nosso município. Doado pela Genetic Pork para a Coagril e depois para a prefeitura municipal. (Descrição do aluno, 2018).

A aluna “Rosália” descreveu sobre o monumento histórico Luquinha:

Para mim a imagem do porco representa a suinocultura que é uma atividade bem grande no nosso município e o milho que é consumido grande parte pela suinocultura. Para minha família tem uma importância muito significativa, pois faz parte da fonte de renda da minha mãe, onde trabalha desde 1998 nessa atividade e acompanha todo crescimento e desenvolvimento, considerando muito importante para a economia local, gerando muitos empregos direto e indiretos, diversificando e transformando em produto acabado. Sim, esse símbolo representa a transformação da proteína vegetal em proteína animal através dos produtos acabados produzidos nas indústrias como por exemplo a BRF, que se instalou em Lucas do Rio Verde após uma negociação de compra da cooperativa que sua atividade era suinocultura cujo presidente da mesma deu a ideia dos símbolo do porco chamado luquinha, representando o grande diferencial da nossa cidade. Essa imagem foi criada na gestão do prefeito Otaviano Olavo Pivetta, em meados do ano 2000, e foi representado através de uma fantasia criada pela empresa Fiagril com parceria da Cooagril na expolucas como mascote da festa. Ele foi fabricado por um escultor do Rio Grande do Sul, usando concreto, cimento, ferro e o acabamento final é feito manual pelo escultor dando sua forma. o motivo de sua existência é por retratar o potencial da suinocultura integrada com a agricultura gerando assim, a verticalização da produção. A justificativa para sua existência é a grande influência na economia do município (Descrição do aluno, 2018).

A aluna “Meire” descreveu sobre o monumento histórico Luquinha: “foi construído para retratar a forte suinocultura da região que junto com a soja e o milho o movimento da pequena cidade de 55 mil habitantes. Para mim e minha família este monumento é importante, pois lá passamos bons momentos em família e com amigos, além de termos ele como um ponto de encontro ou localização” (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Bruno” destacou ser “para eu e meus familiares um dos pontos turísticos de Lucas do Rio Verde. Eu já ouvi falar que representa o mascote da cidade, que representa a produção de Lucas do Rio Verde e que têm alguma ligação com a Sadia. Ele foi criado em 2002 à 2004, foi pelo Pivetta, representa a criação de porcos em Lucas do Rio Verde e é um número muito alto” (Descrição do aluno, 2018). Já o aluno “Beno” ressaltou: “quando vejo esta imagem lembro-me de Lucas do Rio Verde, e meus familiares também. Não, pois moro há pouco tempo em Lucas do Rio Verde e nunca me interessei por esse monumento. Não encontrei a data que foi construído. Ele foi construído para retratar a forte suinocultura da região, e que, junto com a soja e o milho, movimentam a economia da cidade de Lucas do Rio Verde-MT” (Descrição do aluno, 2018).

Sobre o monumento dos Garis destacou-se:



Garis, Arquivo do autor, 2017

- 1- O que essa imagem representa para você? E para seus familiares?
- 2- Existem outros significados para essa imagem e que você conheça ou que tenha ouvido falar? Explique.
- 3- Pesquise quando essa imagem presente na cidade foi criada? Explique os motivos e justificativas para sua existência.

A aluna “Rosangela” descreveu sobre o monumento histórico dos Garis:

Os Garis são importantes pois eles coletam o lixo na nossa cidade, mas por que eles são importantes? os garis como eu já disse coletam o lixo, mas

imaginam sem os garis a nossa cidade ia ficar infestada de lixo. Fizeram uma estátua deles porque sem eles nossa cidade não elevar porque ia virar uma cidade de lixo então por isso que eles são importante para nós e por isso que temos que cuidar e valorizar os Garis (Descrição do aluno, 2018).

A aluna “Ângela” descreveu que o monumento “representa para mim as pessoas que limpam a cidade no passado, meus pais acham que são os trabalhadores conhecidos como garis limpando nossa cidade. Representa a importância do trabalho deles para nós [...] criado em Lucas do Rio Verde (LRV) em 11 de março de 2016. Foi criado para homenagear os garis por limparem e cuidarem da limpeza da nossa cidade” (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Roberto” considerou que a imagem representa pessoas catando o lixo e ajudando a natureza. “Também pode representar os homens catando os lixos que as pessoas jogaram, para conscientizá-los, mas na vdd ela significa que o Brasil está passando por uma limpeza, o lixo está sendo jogado no lixo” (Descrição do aluno, 2018). Quanto à aluna “Cirlene” fez referência a um “site KD mensagens e um trabalho que envolve muita calma e paciência e é fundamental para a economia do país, foi criado em 11/03/2016, pois homenageou os garis e dizer que o país precisa passar por uma limpeza” (Descrição do aluno, 2018).

O aluno “Adarico” considerou a importância dos Garis, “pois se eles não tirassem o lixo a cidade seria um lixo, e que devemos tirar o lixo, dos familiares a importância deles tirarem o lixo” (Descrição do aluno, 2018). O aluno “Anderson” ressaltou que “essas estátuas são para representar os antigos trabalho dos garis que tinham que passar de rua em rua catando lixo da cidade e colocando nos caminhões até que depois colocaram os containers e a deposição automática e os garis só tem que colocar os contêineres nos pinos e o caminhão faz o resto”. Segundo este aluno “agora os seus trabalhos são empurrar o latão para o caminhão colocar no depósito para depois despejar, essa estátua foi feita pelo trabalho duro dos garis debaixo de sol e chuva só para deixar Lucas do Rio Verde limpa” (Descrição do aluno, 2018).

Para esse nível educacional percebemos dificuldades em se produzir o trabalho, pela ainda resistência no entendimento da proposta e mesmo em associar os conteúdos trabalhados a sua vivência, mas os objetivos acabam aparecendo com maior ou menor empenho de cada aluno e se fazem presentes no trabalho. Lembramos de que aqui estão somente contemplados alguns trabalhos desenvolvidos devido a se tornarem demasiados para a proposta, então elencamos alguns para elucidar os desafios educativos, os quais entendemos enquanto mais

relevantes não desejando desqualificar os demais trabalhos que também foram desenvolvidos com muito esmero e vontade pelos alunos.

Assim, a proposta didática referente aos monumentos da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, foi pensada e realizada articulando entendimentos sobre a transformação cultural e social que o mundo vem sofrendo ao longo dos anos e que ultimamente parece passar com maior rapidez. Contribuir para com a percepção dos alunos no que se refere a importância dos fatos e marcas deixadas na história de um município, região ou país é o que almejamos com as ações metodológicas aplicadas com as turmas dos 6º anos do ensino fundamental II.

Reconhecemos os monumentos históricos do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, como símbolos construídos por um grupo social específico e que deve ser interrogado e interpretado de formas a permitir que o simbolismo represente além dessas vontades para que possam caracterizar a identidade cultural e que considere outros que estão envolto aos monumentos enquanto moradores desse lugar. Proporcionar aos alunos um olhar aos princípios histórico cultural e social do seu meio de vivência, onde adotamos uma didática que vai além da sala de aula, exigindo uma investigação mais profunda de valores que são esquecidos e até deixados de lado pelas pessoas mais velhas da família, justamente pelo acúmulo de tarefas e funções que nossos alunos estão sujeitos nos dias de hoje.

Procuramos mostrar através da disciplina de história as diferenças e características de cada sociedade, sua maneira de viver em família, na comunidade, enfim, saber valorizar as experiências já vividas por nossos avós, nossos pais e outros povos que de alguma forma deixam registradas sua identidade. Estimular os alunos nas investigações e estudos suas habilidades e capacidades de aprofundar seus conhecimentos, interagir com novas ideias, elaborar suas próprias opiniões com conteúdo e criticidade. Conforme Rüsen (2010):

“Didática” é um conceito controvertido, pois hoje designa somente um campo determinado da pedagogia, o que se ocupa do ensino em sala de aula. Com a mencionada ampliação do objeto da reflexão da didática da História, esse confinamento foi, em tese, superado. Mesmo quando se deseja evitar o risco de onisciência da didática na amplidão imprecisa do que seja a “consciência histórica” e, ao invés, se queira caracterizar a didática, com mais exatidão, como a ciência do aprendizado histórico, “aprender” continua a significar o objeto da didática (p. 94).

A didática proposta constituiu em uma busca histórica através dos monumentos urbanos da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, numa perspectiva de ensino direcionando objetivos que fundamentam e reconheçam a diversidade cultural. Assim, compreender a memória como construção social e coletiva, valorizando e reconhecendo as culturas locais e regionais. Entendemos o patrimônio histórico luquense como mais uma possibilidade educativa e de rememoração do ser que está envolto. Conforme Schimidt (2009), o todo social deve ser observado enquanto formador de conhecimento e também de construção da cidadania não esquecendo é claro do ambiente escolar como fonte desses processo. Neste sentido, entendemos a memória e conhecimento como,

[...]forma pela qual jovens e crianças podem ter acesso ao conhecimento histórico, tais como convívio social e familiar, festejos de caráter local, regional, nacional e mundial e pelos meios de comunicação, como a televisão. Parte ainda do pressuposto de que os jovens sempre participam, a seu modo, do trabalho de memória que recria e interpreta o tempo e a História e agregam às suas vivências, informações, explicações e valores oferecidos na sala de aula (SCHIMIDT, 2009, p. 209).

Seguindo os argumentos, salientamos que o aprender completo deve envolver os ambientes familiar, escolar e social. Assim, pensamos em menos atritos educacionais e mais interesse por parte dos discentes por acreditarmos estar despertando uma relação de interdependência e vontade entre professor, aluno, família e sociedade.

Nesse contexto pensamos as estratégias metodológicas do ensino de história permitindo múltiplas abordagens e procurando favorecer a todos com novas provocações didáticas que possam causar amplitude do aprender familiar, local e assim até as propostas estabelecidas pelos materiais didáticos que geralmente trazem abordagens mais amplas e generalizantes. Almejamos releituras críticas da história tanto para os profissionais da educação como também aos educandos para que assim as compreensões históricas possam causar entendimentos profundos e diferenciados aos envolvidos no processo do aprender.

Neste sentido, Bittencourt (2009), provoca a aprendizagem enquanto um envolvimento social e coletivo, interagindo diretamente com a comunidade, composta em

todo seu complexo social, pessoas, patrimônio cultural, artístico dentre outros que por muitas vezes passam despercebidos aos olhares da educação e ou também pela própria comunidade. As ações metodológicas utilizadas nas turmas dos 6º anos buscaram superar essas lacunas, com,

[...] uma educação patrimonial para as futuras gerações, centradas no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos “notáveis”, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer à rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional [...] (BITTENCOURT, 2009, p. 278).

Frente aos trabalhos desenvolvidos nos 6º anos, rememoramos que a história está envolta de um conjunto de elementos que a caracterizam enquanto disciplina, dentre os vários podemos destacar o ambiente escolar enquanto problematizador da didática em história na busca de atender as ansiedades dos indivíduos no sentido de provocar entendimentos que relacionem o tempo passado ao tempo vivido por cada parte envolvida.

4.2.2 Análise de dados e resultados do ensino fundamental: 9º anos

Dando continuidade a proposta educativa patrimonial, estaremos abordando as metodologias utilizadas junto aos 9º anos do ensino fundamental II, entendendo como forma de aprendizado e provocações contínuas para a observância do patrimônio histórico enquanto fonte de conhecimento educacional. Lembramos também que a proposta atinge também ao 3º ano do ensino médio o qual estaremos abordando em momento posterior.

Enquanto proposta educativa os alunos visitaram os monumentos urbanos propostos e identificados na atividade realizada com as turmas supracitadas. A visita foi realizada em horários alternativos, fins de semana e feriados. Foi realizada em grupos e com familiares devido a problemas com transporte. Cada aluno organizou forma de locomoção com suas famílias. Salientamos que o número de alunos nessa atividade foi uma surpresa, pois muitos

optaram por esse momento de visitação e trouxeram seus familiares que acompanharam, opinaram, contaram fatos entre outros e também é claro deslocaram os seus pela cidade.

Nesta atividade, a curiosidade de alguns também causou estranheza pela mudança de comportamento diante da visitação, já que em sala de aula eram pouco participativos e apáticos as explicações e discussões. Para o momento, cabia a cada aluno observar, ler as placas comemorativas de inauguração, analisar os ambientes em que essas imagens estão entre outros percebidos por cada um.

Em momento posterior desafiamos os educandos para que após conhecerem cada monumento, discutirem em sala, lerem sobre, para que produzissem um desenho com os mesmos e após o tempo necessário para a produção faríamos uma mostra às demais turmas aproveitando de um evento anual da escola chamado “Mostra do Conhecimento” que em 2018 está na 10ª edição. Esse momento, foi chamado de exposição, por vontade dos alunos em comum acordo, lembramos que os demais alunos da escola que participaram da Mostra elegeram os melhores trabalhos e esses serão apresentados aqui, pois seriam muitos para contemplar a todos.

Gostaríamos de estar usando imagens que demonstrasse esses momentos de forma mais aproximada, mas os direitos do uso de imagem não nos permite já que muitos pais não autorizam as mesmas. Sendo assim, evitamos estar violando esse direito dado a cada um e usaremos as mesmas de forma que não sejam possíveis a identificação, bem como o uso de codinomes para identificar cada autor neste trabalho.

Sobre a instituição escolar, lembramos que está com cerca de 800 alunos distribuídos por dois turnos, mas participaram da escolha somente 305 alunos já que a votação era optativa para quem se interessasse em observar os desenhos. Tivemos a Ema símbolo do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, com a soma de 33 votos do total e por esse motivo será a primeira na lista, seguindo em sequência de acordo com o número de votos. Salientamos que neste trabalho temos duas turmas de 9º anos com total de 45 alunos, sendo uma turma com 21 e outra com 24 alunos. Desses produziram os desenhos um total de 39 alunos, sendo que 6 optaram por não entregar afirmando não saberem desenhar ou algo parecido, ainda tivemos outros 12 alunos que entregaram, mas não permitiram a exposição dos seus trabalhos, restando para serem avaliados um total de 27 trabalhos.

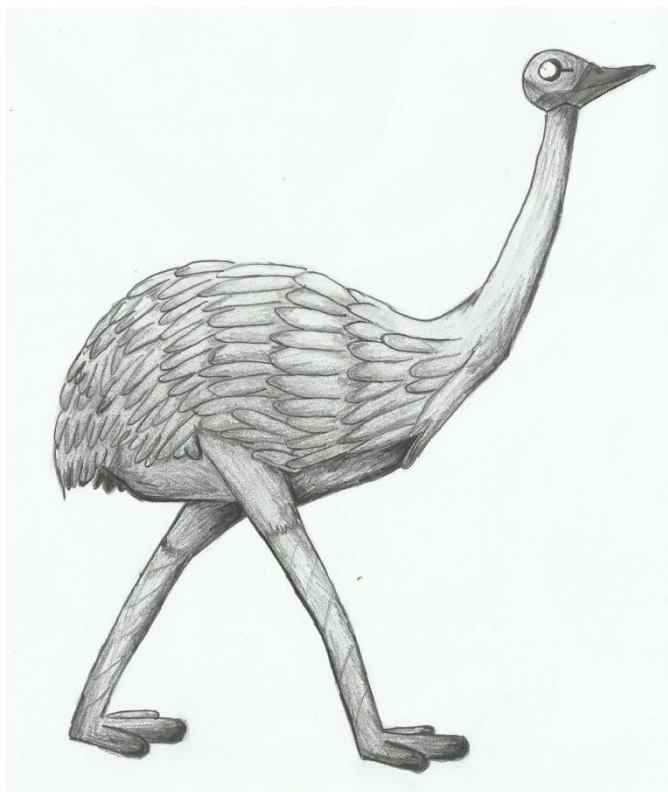
O primeiro colocado e eleito pelos colegas alunos como sendo o melhor, considerando semelhança, detalhes e originalidade, foi a Ema pintada pela estudante identificada como

aluna “Íris”, que se empenhou segundo ela algumas horas para que sua obra ficasse pronta. Questionada sobre se já fazia cursos ou exercícios de pintura afirma que gosta como passatempo, mas nunca estudou ou fez qualquer curso. Notasse que a aluna teve bastante empenho e dedicação para a confecção do trabalho e que o mesmo possui um nível bastante elevado de cuidado e observância do monumento histórico se tornando muito semelhante.

No momento da votação os alunos envolvidos na confecção dos desenhos não votaram, pois foram eles que acompanharam, apuraram, registraram e divulgaram os resultados. Lembramos que somente alguns poucos alunos participam desse momento, pois a maioria estava desenvolvendo alguma atividade no evento 10ª Mostra do Conhecimento.

Para observação dos leitores apresentamos o desenho que teve maior aceitação do público escolar, resultado de pesquisa, observação, atenção e empenho. É bom ressaltar que o vencedor de cada monumento fará parte dessa dissertação, ou seja tivemos desenhos como o da Ema por exemplo que teve mais votos que os demais monumentos entre outros casos, mas não aparecerão pelas regras impostas pelos próprios alunos artistas participantes da ideia, que optaram por eleger o vencedor de cada monumento e não os que acumularam mais votos no geral.

Registro 1: Monumento da Ema desenhado em atividade proposta nesta pesquisa



Fonte: Desenho da aluna Íris, 2018

Dando continuidade a avaliação dos colegas, temos o segundo colocado na votação sendo então o desenho do porco Luquinha, também parte do patrimônio urbano luquense. Esse obteve 29 votos e foi produzido pela aluna aqui chamada de “Karol”, que em seus comentários diz “ [...] não gosto como o luquinha é tratado, porque todo evento da cidade pintam ele de uma cor ou colam propagandas de festas e eventos, acho que como símbolo da cidade deveria ter uma identidade própria” (Aluna Karol, 2018). Interessante observar que esse tipo de comentário e outros não eram comuns antes dos estudos sobre o patrimônio urbano luquense, mas agora após leituras, debates e discussões em sala muitos alunos repetem indignações e passam a exigir zelo, respeito ou reclamar do estado de conservação dos monumentos históricos e do tratamento dado pela população. Na sequência temos o desenho do luquinha, parte da proposta desse trabalho e devidamente identificado e qualificado em momento anterior.

Registro 2: Monumento do porquinho luquinha desenvolvido em atividade desta pesquisa



Fonte: Desenho da aluna Karol, 2018

Em seguida os alunos escolheram a galinha Preciosa, como sendo o desenho mais relevante da exposição, sendo produzida pelo Aluno identificado como “Hique” e também comentada pelo mesmo que disse: “Acho que é importante termos esses símbolos em Lucas (refere-se a cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso), porque, assim as pessoas que vem de fora já podem saber quais são os destaque do lugar [...] o que tem aqui” (Aluno Hique, 2018). Esse monumento recebeu 26 votos e então é apresentado como o terceiro lugar na avaliação dos colegas alunos. Essa foi a última obra construída no município e impossível de passar despercebida, pois é gigante e está na rotatória da rodovia MT 449, saída para o município de Tapurah, Mato Grosso.

Registro 3: Monumento da galinha Preciosa desenhado em atividade desta pesquisa

Fonte: Desenho do aluno Hique, 2018

Dando continuidade aos trabalhos feitos pelos 9º anos temos o semeador, com um a soma de 24 votos. O semeador foi pintado pelo Aluno Avelino e quando questionado sobre sua pintura afirma que para ele: “É a melhor obra da cidade, pois apresenta o que mais tem aqui que são agricultores e também porque meu avô ajudou nessa obra [...] ele me disse que ela tá ali porque eles quiseram (se refere a um grupo de produtores rurais, ligados ao sindicato rural)” (Aluno Avelino, 2018).

Esse aluno coloca sentimento familiar por ser filho de agricultores locais e se sentir contemplado pela obra e diz ainda “ [...] não tem sentido fazer uma estátua (refere-se ao patrimônio luquense) que não tenha nada com o lugar [...] meu pai disse que os agricultores deviam ser mais reconhecidos nesse país” (Aluno Avelino, 2018). Reforça a ideia da comida e

tantos outros que vem da agricultura para alimentar as populações urbanas e do mudo, discurso bastante comum em muitas argumentações para justificar a importância das áreas agrícolas.

Registro 4: Monumento desenhado por aluno no desenvolvimento desta pesquisa



Fonte: Desenho do aluno Avelino, 2018

O último em número de votos praticamente empatado com o anterior é o monumento aos garis da cidade com 23 votos, produzido pela aluna identificada como Lurdes, foi segundo os alunos o mais difícil de fazer, “porque são imagens humanas muito bem feitas” (Aluna Lurdes, 2018). O que, segundo a aluna e outros, dificultou a produção do desenho. Lembramos que somente 4 alunos conseguiram concluir essa pintura o que talvez justifique as reclamações dos demais e dos próprios desenhistas.

Gostaríamos de ressaltar o número de votos acumulados pelas cinco imagens apresentadas que de um total de 305 votos acumularam 135 votos, ou seja, mais de um terço do total de votos, o que demonstra aprovação diante das imagens mais elaboradas. Ressaltamos que dentro do total de imagens tivemos alunos que produziram somente um desenho, enquanto outros reproduziram todos os monumentos. Nesse momento as turmas concordaram que somente um trabalho por aluno deveria ser exposto para melhor distribuição dos votos, por esse motivo os que produziram mais de um trabalho escolheram um para estarem sendo expostos. Assim, temos um total de imagens avaliadas que chegou a 27 e, portanto, 22 delas dividiram os outros 170 votos restantes que, foram destinados aos demais desenhos presentes no arquivo do pesquisador e não colocado neste itinerário pela quantidade de material.

Registro 5: Monumento dos garis desenvolvido em atividade desta pesquisa



Fonte: Desenho da aluna Lurdes, 2018

Fazendo referência aos garis a aluna Lurdes também diz, “Achei legal estar lembrando não só das coisas e pessoas que têm dinheiro [...] sem esses trabalhadores não estaríamos entre as melhores cidade para se viver [...] vi isso em um *site* lá” (Aluna Lurdes, 2018).

Assim, esta etapa das propostas indica ser viável e aplicável no meio escolar, sem atingir o total de alunos, mas com significativa participação, que vai além do esperado inicialmente enquanto professor, por se tratar de atividades extracurriculares e

complementares aos conteúdos comumente usados para cada nível educacional. Foi de grande valor os comentários e abordagem possíveis de serem percebidos entre os educandos e também suas colaborações enquanto debatíamos as formas, faces e definições possíveis aos monumentos urbanos possíveis a qualquer lugar e em espaços múltiplos dentro do complexo social, urbano ou não.

Primou-se para que esses momentos tivessem significado na vida de cada estudante se tornando motivo de lembrança e significação para que possam ultrapassar o momento letivo e seu entorno e chegue às futuras gerações enquanto marcos da vida escolar. Observamos, portanto, a necessidade em se dar significado ao patrimônio urbano para que se torne fonte de compreensão diante do complexo social das gerações que virão e não percam sua representatividade e utilidade em comunicar.

Esta didática aplicada pode ser considerada como um caminho direcionado para maior fundamentação teórico-prática do ensino aprendizagem e na construção do conhecimento histórico urbano no município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, haja vista que:

[...] A didática da História analisa agora todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da História na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora os diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (RÜSEN, 2011, p. 32).

Neste viés, fazer uso de ações metodológicas a partir da disciplina de história é interrogar através dos monumentos urbanos sua significância e contribuição para a transformação histórica local e regional. Reconhecer o ensino de história e a aplicabilidade de novas didáticas para que possamos enriquecer nosso trabalho e surtir os efeitos esperados, incrementamos técnicas investigativa e de pesquisa para que através do contato direto com os monumentos históricos pudesse ser reproduzidos em desenhos. Pois, o desenvolvimento dessa atividade de ir a campo com os alunos dos 9º anos e dele explorar todos os mecanismos possíveis no ambiente relegamos as funções didáticas metodológicas do conhecimento adquirido e, posteriormente produzido e representado.

“Didática” é um conceito controvertido, pois hoje designa somente um campo determinado da pedagogia, o que se ocupa do ensino em sala de aula. Com a mencionada ampliação do objeto da reflexão da didática da História, esse confinamento foi, em tese, superado. Mesmo quando se deseja evitar o risco de onisciência da didática na amplidão imprecisa do que seja a “consciência histórica” e, ao invés, se queira caracterizar a didática, com mais exatidão, como a ciência do aprendizado histórico, “aprender” continua a significar o objeto da didática (RÜSEN, 2010, p. 94).

A aprendizagem é algo fascinante que pode se desenvolver de diversas formas, porém, a realização de atividades vividas, sentidas, observadas, representadas, pesquisadas e estudadas formam o ser humano capaz de compreender as mudanças e transformações que constroem a identidade histórica local e regional e, também o estilo de vida da sociedade da qual fazemos parte. Entretanto, a forma de aplicar a didática deve ser bem planejada para que possa possibilitar de fato a aprendizagem, a reflexão e compreensão.

Nesse sentido, a aprendizagem adquirida extra classe foi estruturada conforme o planejamento didático utilizado, aliada às ações metodológicas, como no caso os monumentos urbanos do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso para um conjunto de fatores geradores de conhecimento científico. Assim, buscou-se estimular os alunos das turmas dos 9º anos por meio do trabalho a campo, observação e representação por desenhos o constante desejo de aprender, agregando maior conhecimento na formação teórica e prática. Despertando a capacidade de autonomia nos alunos para que possam compreender a forma de viver e exercer sua cidadania de maneira competente no mundo do conhecimento.

Enfatizando a importância do ensino aprendizagem na disciplina de história é conveniente mencionar Bittencourt (2011) que, por sua vez, analisa metodológica e teoricamente as novas formas e meios de ensinar, propondo um trabalho sério pela busca de novas formas de ensinar aplicáveis e possíveis para serem desenvolvidas na construção cultural histórica da instituição escolar. Para isso, Bittencourt demonstra sensibilidade em relação à educação patrimonial:

[...] integra atualmente os planejamentos escolares, e especialmente os professores de História têm sido convocados e sensibilizados para essa tarefa, que envolve o desenvolvimento de atividades lúdicas e de ampliação do conhecimento sobre o passado e sobre as relações que a sociedade

estabelece com ele: como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado. (BITTENCOURT, 2011, p. 277).

Sendo assim, o papel da disciplina de história é de extrema importância para o despertar de novos desafios didáticos e metodológicos, tendo o professor como um elo integrador entre diferentes realidades. O momento de planejamento é fundamental e norteador para com a realização efetiva das novas ações no âmbito escolar, lembrando sempre, dos objetivos para posteriormente avaliar os resultados finais.

É preciso estabelecer uma relação entre conhecimento e as metodologias aplicadas, conduzindo assim, a busca constante pela pesquisa respeitando os valores éticos da ciência e educação. Para o professor, a avaliação de seu trabalho também deve ser contínua, apontando sempre as falhas e dificuldades que precisam de maior atenção e adaptação. Para que as novas didáticas e metodologias possam tornar a disciplina de história mais dinâmica e interativa, diante de todas as mudanças sociais e culturais que vem acontecendo com rapidez e velocidade atualmente.

Nesta perspectiva, os alunos dos 9º anos representaram, através dos desenhos, conceitos e definições que cada aluno reelaborou e avaliou em todo o contexto histórico do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, capaz de compreender a cultura histórica que permeia a sociedade e contemplar através de discussões e ações didáticas todos os níveis sociais, tanto os favorecidos e reconhecidos como também os esquecidos socialmente por motivos múltiplos. Para Rüsen (2010) a cultura histórica é o meio por onde a ciência histórica se manifesta, na medida em que esse meio se constitui agrega-se um conjunto de fatores que direta ou indiretamente surge conhecimento histórico cultural, adquiridos em todos os ambientes de vivência no local em que reside e convive, não sendo necessariamente a escola seu principal eixo norteador. Portanto, cultura histórica pode ser compreendida como toda manifestação produtiva exercida pelo ser humano que direciona para a vida prática, reflexões, análises e formações de novos conceitos a partir daquilo que se elabora ao longo da vida e que contribui para o desenvolvimento de nossas próprias ações e decisões.

4.2.3 Análise de dados e resultados: ensino médio 3º ano

Ampliando nossa proposta em refletir sobre o patrimônio histórico do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, voltamos nossos olhares para mais um desafio que envolveu o último ano do ensino médio da Escola X, com alunos de turma pequena, apenas 13 alunos, mas que abraçaram a ideia de ampliar seus conhecimentos acerca dos monumentos urbanos luquense os quais reconhecem saberem pouco.

Para esses alunos foram propostas atividades que pudessem ser usadas como fonte de conteúdos para outros níveis educacionais e também para esclarecimento do público em geral. Em primeiro momento os alunos apresentaram a ideia de disponibilizar a todos hospedando filmagens dos monumentos em plataformas virtuais como *Google maps*, por exemplo, porém tivemos problemas com o tempo disponível nesta plataforma virtual que é somente de alguns segundos. Outros alunos, então, pensaram em disponibilizar via *facebook*. Foi criado então um espaço vinculado a mídia do professor orientador e todos os educandos ou quem se sentir curioso pode se tornar membro. Lembramos que foi vinculado ao professor, pois os alunos entenderam que esse trabalho deve ser contínuo com as próximas turmas de 3º anos e assim essa via de acesso pode ser alimentada anualmente para que se torne cada vez mais esclarecedora.

O modelo pensado e desenvolvido pelos alunos do 3º ano segue a lógica comum em vídeos institucionais informativos, ou seja, buscam a partir das imagens apresentar os monumentos urbanos já identificados anteriormente e assim o público pode adquirir informações a partir desse tipo de via usando de audiovisuais, para atrair olhares e a atenção de interessados, mas principalmente dos alunos da Escola X.

Assim, tivemos várias tentativas e pesquisas na busca por tornar acessível os conteúdos com uso de filmagens. A turma produziu, vídeos sobre cada imagem desvelada nessa dissertação, sendo elas: Luquinha, Preciosa, Semeador, Garis e a Ema. Todos monumentos urbanos da cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Com vontade e empenho buscou-se motivar os alunos para os desafios em se produzir conhecimento, os mesmos então decidiram usar um *drone* por julgarem ser de maior impacto e também ter-se um ângulo de imagens diferentes das tradicionais. Os mesmos foram em busca do aparelho que foi conseguido com familiares e conhecidos dos próprios alunos.

Surgem debates quando da decisão sobre a duração dos vídeos, pois muitos argumentaram de que se fossem muito extensos não seriam vistos, justificativa feita a partir

de conhecimentos próprios em redes sociais, após várias colocações optam por fazerem-se vídeos com tempo as voltas de um minuto, o qual julgam ser o ideal para a proposta.

Quanto às decisões tomadas para o desenvolvimento do trabalho o professor orientador só lançou o desafio e o tempo em aulas para as discussões e estratégias, pois partindo desse momento os alunos tiveram liberdade para pesquisarem e desenvolverem suas ideias. Essa maneira foi adotada devido às práticas educacionais que tiveram até o último ano do ensino médio, onde segundo os alunos, tudo rigidamente posto dentro de regras e determinações as quais deveriam cumprir, diante das reclamações optou-se por tão somente observar e orientar quando chamado a opinar. Pensando no sentido de que “É necessário, portanto, que os professores de história passem a compreender que os processos de inovação, derivados do emprego dos recursos tecnológicos, servirão para oxigenar a prática docente” (FERREIRA, 1999, p. 146).

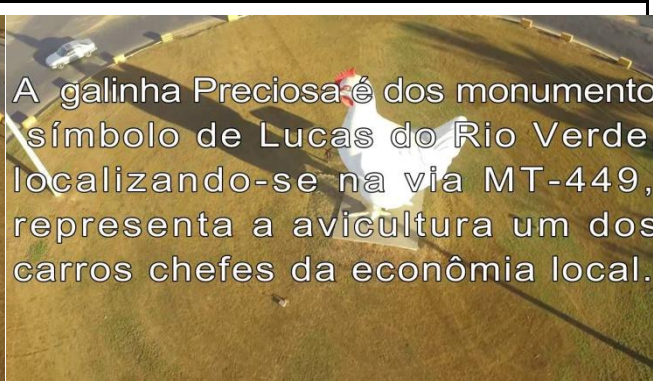
Enquanto professor me surpreendeu a atitude e o desafio foi aceito, o que segue na descrição é um ato livre de trabalho sério e com bom nível de conhecimento, pois quando questionados se mostraram bastante conscientes de suas vontades e também dos conteúdos que justifiquem a existência dos Monumentos Urbanos, suas possíveis interpretações e também seu papel hoje e para as gerações futuras.

Para ilustrar decidimos por colocar aqui alguns *prints* dos vídeos elaborados pelos alunos:

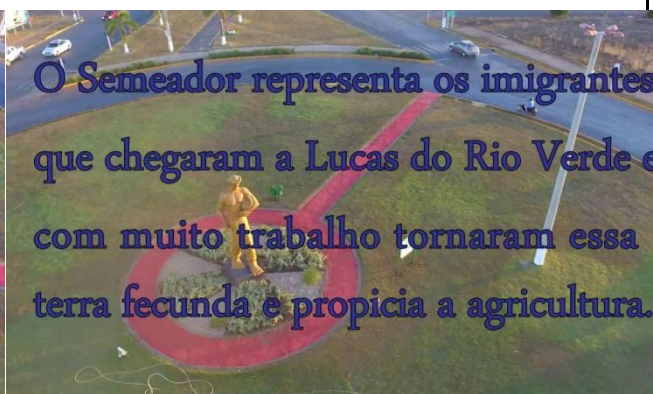




O porquinho Luquinha é um dos pontos-símbolo do município, por estar localizado na entrada da cidade é conhecido nacionalmente e representa a suinocultura, impulsionadora da economia local.



A galinha Preciosa é dos monumentos símbolo de Lucas do Rio Verde, localizando-se na via MT-449, representa a avicultura um dos carros chefes da economia local.



O Semeador representa os imigrantes que chegaram a Lucas do Rio Verde e com muito trabalho tornaram essa terra fecunda e propicia a agricultura.



Arquivo do autor, 2018

As ações metodológicas e didáticas desenvolvidas na proposta apresentada aos alunos do 3º ano do ensino médio, sai da zona de conforto e do tradicional ensino da disciplina de história embasada nos livros didáticos e proporciona novas ações metodológicas que partem da busca do conhecimento a partir dos monumentos urbanos do município de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Os próprios alunos se submetem a ir a campo, observar e aprender investigar, construindo seus conceitos a partir da realidade em que vivemos, mas o curioso é que o entendimento formado pelos alunos do 3º ano do ensino médio talvez por já possuírem uma bagagem de conteúdo adquirido ao longo da vida escolar, foi muito mais produtivo e criativo do que as outras propostas educativas abordadas neste trabalho.

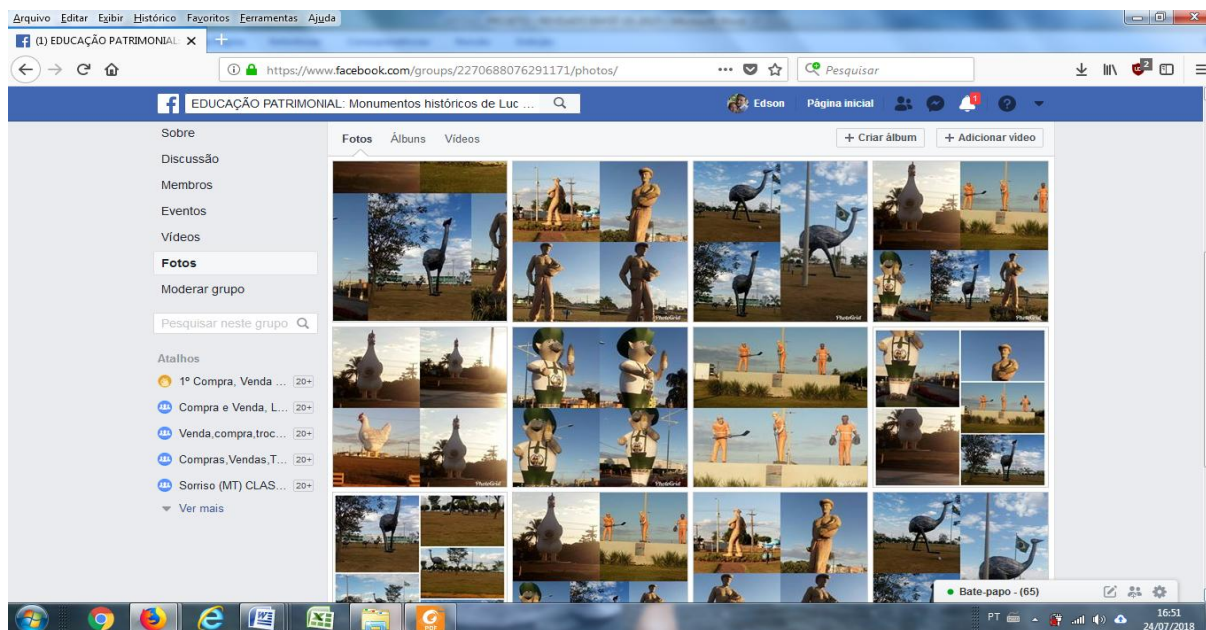
A ideia de aplicar uma didática diferente do comum no ensino de história com a prática de pesquisa foi justamente dar sentido ao trabalho do profissional da educação e proporcionar diferentes formas de aprender, mostrar para os alunos e comunidade escolar que a pesquisa é um caminho para agregar conhecimento e transformar as práticas de ensino como elemento de experimentação formativa, reflexiva e colaboradora de ideias, opiniões, debates, discussões e investigação. Sendo assim, foi possível favorecer diversas práticas pedagógicas maior envolvimento por parte dos alunos por novas maneiras de enriquecer seus conhecimentos e provocar o gosto pelo conhecimento em história.

Contudo, a prática investigativa dos monumentos históricos de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, contribui significativamente para estudos detalhados sobre os comportamentos culturais, sociais, políticos e econômicos da sociedade luquense. Todavia, investigar e estudar

os monumentos históricos do município abre um leque maior para explorar e conhecer os comportamentos nota-se que os monumentos favorecem a grupos sociais promotores de desenvolvimento econômico, pois todos os monumentos fazem referência ao agronegócio, exceto os garis, porém esses se encontram em uma região fora do centro de circulação urbana, causando assim um grau de invisibilidade. Outro fator que chamou a atenção dos alunos foi o tamanho de cada monumento, e nesse quesito lembramos que os garis possuem estatura em torno de 1,8 metros de altura enquanto os demais monumentos possuem acima de 5 metros e também estão em locais de grande circulação urbana o que os torna mais visíveis e lembrados.

Os procedimentos orientados para a prática de se desenvolver as ações estratégicas metodológicas são consequentemente a satisfação esperada para o ensino aprendizagem dos alunos nesse momento escolar. Além do uso de filmagens enquanto gerador de conhecimento em história patrimonial tivemos a segunda etapa, momento em que os materiais produzidos foram publicados e disponibilizados a comunidade escolar e sociedade em geral através de plataforma virtual, sendo nesse caso o uso da rede social do *facebook*, o que iremos apresentar e ilustrar na sequência através de *prints*, sendo possíveis de visitação por ser aberto ao público⁹.

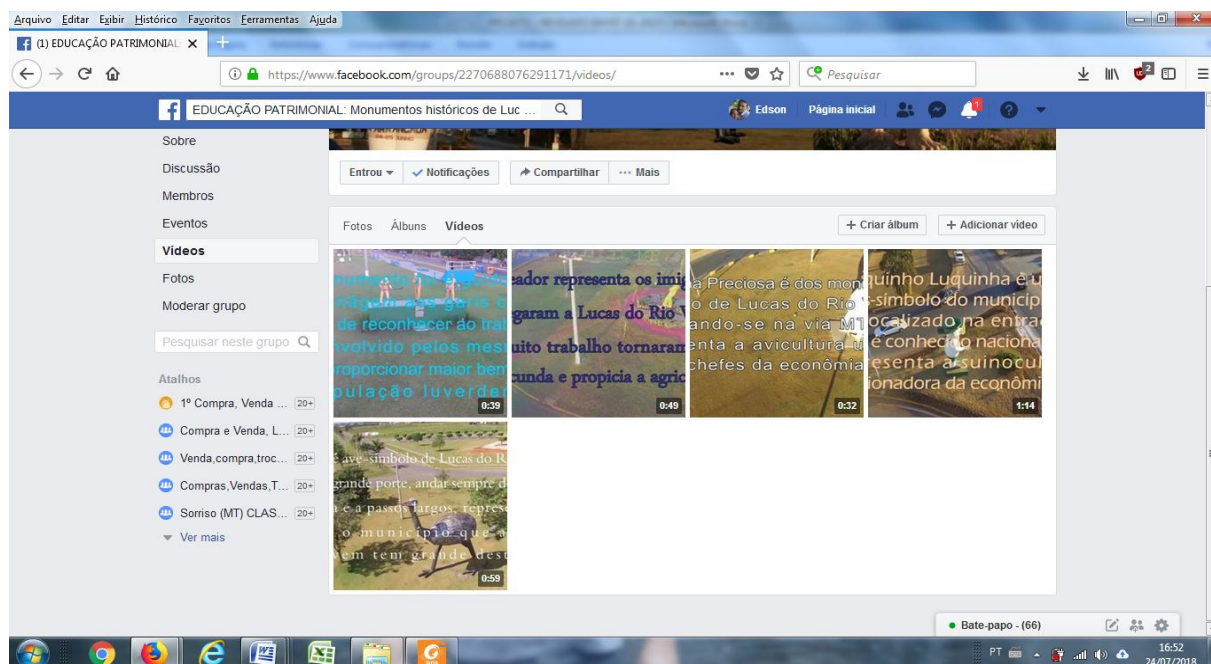
Print 1: Página criada pelos alunos com material elaborado por eles



Arquivo do autor, 2018

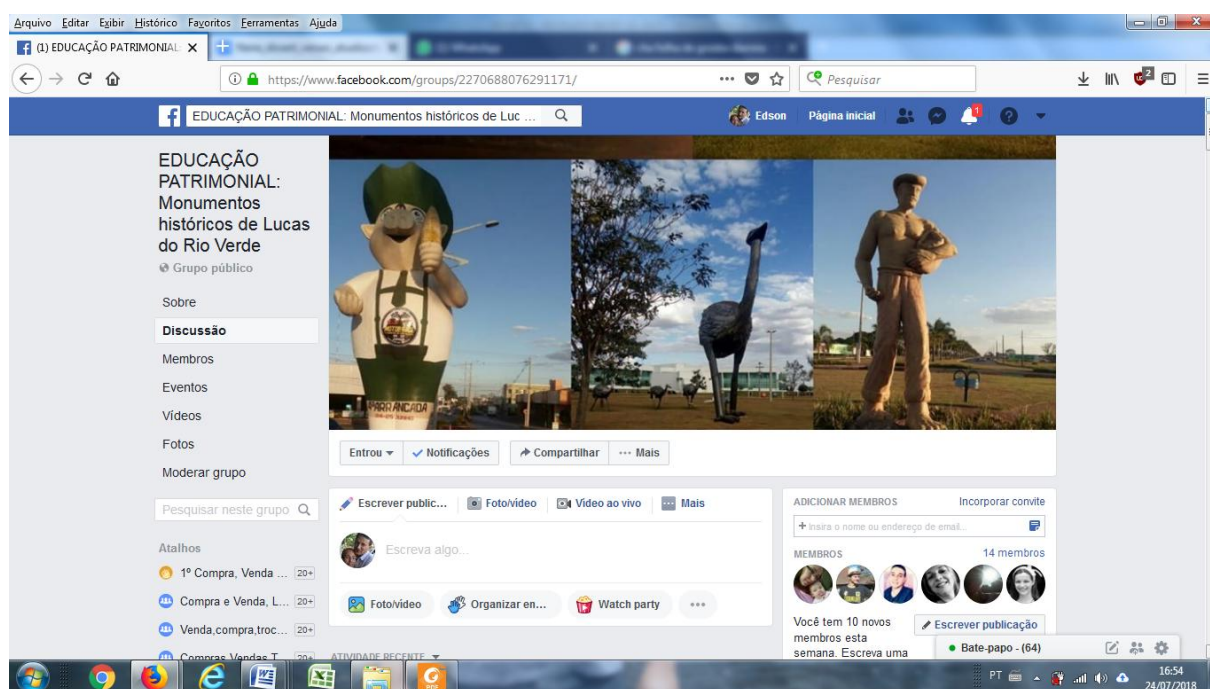
⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/groups/2270688076291171/?ref=bookmarks>.

Print 2: Página criada pelos alunos com material elaborado por eles



Arquivo do autor, 2018

Print 3: Página criada pelos alunos com o material elaborado por eles



Arquivo do autor, 2018

Nesta perspectiva, o resultado apresentado continuará como mecanismo de aprendizagem e pode ser explorado em momentos futuros como fonte de pesquisa e inspiração para dar continuidade ao uso das novas metodologias e didáticas educativas para os próximos anos letivos. Diversificando assim, o trabalho docente e o aprender discente e acreditando tornar o aprender investigativo, dentro das multiplicidades educacionais presente em nossos tempos.

Sublinhamos também que os meios de comunicação e trocas de informação se tornam uma ferramenta importante para a prática docente entendendo como extensão da sala de aula. Dessa forma, os conteúdos podem ser trabalhados em suas multiplicidades com uso de imagens, som e textos. “As novas tecnologias permitem acessar conhecimentos transmitidos não apenas por palavras, mas também por imagens, sons, fotos, vídeos (hipermídia), etc.”, (GADOTTI, 2000, p. 7). O ato de ensinar é muito complexo, assim exige novos mecanismos para fundamentar o ensino aprendizagem, organizando conteúdos metodológicos, formas práticas e teóricas avaliativas que envolve a pesquisa comprometida com a aprendizagem dos alunos possibilitando melhor entendimento das mudanças sociais e culturais construídas a partir de fatos históricos presentes na existência dos monumentos urbanos locais. Conforme Pierre Lévy (1999):

A competência do professor deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc. (LEVY, 1999, p. 171).

Desafiar as instituições escolares para mudanças didáticas pedagógicas não é uma tarefa fácil, pois a realidade educativa mantém de forma velada um modelo educacional ainda pautado no tradicionalismo que acaba por julgar muitas vezes de forma negativa o trabalhoso processo educativo com o uso de novos métodos de aprendizagem. Queremos entender que pode ser possível superar e adicionar ao tradicional novos modelos metodológicos educativos que possam ser impulsionados pelas novas possibilidades tecnológicas. Pensamos:

Seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural (GADOTTI, 2000. p. 7).

As novas formas tecnológicas que são acessíveis aos alunos, a família, as instituições escolares ou a sociedade criam novos ambientes para o conhecimento. Sendo assim, tornam-se atrativos, informativos e educativos, envolvendo o ser humano em um contexto social, cultural, tecnológico e científico. Contribuindo assim, para a transformação educacional, também interligando a tecnologia com a pesquisa investigativa, construindo e dando sentido ao ensino aprendizagem e a valorização do conhecimento a partir do resultado das ações concretas. Então, concordamos com Gadotti (2000) quando afirma:

Por outro lado, a sociedade civil (ONGs, associações, sindicatos, igrejas, etc.) está se fortalecendo não apenas como espaço de trabalho, em muitos casos, voluntário, mas também como espaço de difusão de conhecimentos e de formação continuada. É um espaço potencializado pelas novas tecnologias, inovando constantemente nas metodologias. Novas oportunidades parecem abrir-se para os educadores. Esses espaços de formação têm tudo para permitir maior democratização da informação e do conhecimento, portanto, menos distorção e menos manipulação, menos controle e mais liberdade. É uma questão de tempo, de políticas públicas adequadas e de iniciativa da sociedade. A tecnologia não basta. É preciso a participação mais intensa e organizada da sociedade. O acesso à informação não é apenas um direito. É um direito fundamental, um direito primário, o primeiro de todos os direitos, pois sem ele não se tem acesso aos outros direitos (GADOTTI, 2000, p. 7).

Faz-se necessário a integração e participação dos alunos diante dessa sociedade tecnológica que, por sua vez, não está em determinado lugar, está em todo o lugar o tempo todo. Hoje, o lugar, o tempo, a vivência, o social e o cultural é o melhor cenário de aprendizado que podemos ter.

Não há tempo e espaço próprios para a aprendizagem. Como ele está todo o tempo em todo lugar, o espaço da aprendizagem é aqui – em qualquer lugar – e o tempo de aprender é hoje e sempre. A sociedade do conhecimento se traduz por redes, “teias” (Ivan Illich), “árvores do conhecimento” (Humberto Maturana), sem hierarquias, em unidades dinâmicas e criativas, favorecendo a conectividade, o intercâmbio, consultas entre instituições e pessoas, articulação, contatos e vínculos, interatividade. A conectividade é a principal característica da Internet. O conhecimento é o grande capital da humanidade. Não é apenas o capital da transnacional que precisa dele para a inovação tecnológica. Ele é básico para a sobrevivência de todos e, por isso, não deve ser vendido ou comprado, mas sim disponibilizado a todos. Esta é a função de instituições que se dedicam ao conhecimento apoiado nos avanços tecnológicos. Espera-se que a educação do futuro seja mais democrática, menos excludente. Essa é ao mesmo tempo nossa causa e nosso desafio. Infelizmente, diante da falta de políticas públicas no setor, acabaram surgindo “indústrias do conhecimento”, prejudicando uma possível visão humanista, tornando-o instrumento de lucro e de poder econômico (GADOTTI, 2000, p. 8).

Percebemos, então, que as instituições escolares e todos os profissionais da educação tem um trabalho decisivo e com muita responsabilidade, não só em preparar os alunos para o mercado de trabalho, mas de prepará-los para viver em sociedade. “Cabe a ela organizar um movimento global de renovação cultural, aproveitando-se de toda essa riqueza de informações” (GADOTTI, 2000, p. 8). Participando e desenvolvendo novas didáticas e ações metodológicas inovadoras para que os alunos percebam a importância do ensino aprendizagem para sua vida. A escola precisa ser um local em que a educação tecnológica seja presente e que seja um constante aprendizado e inovação para os alunos, ainda mais, em turmas dos 3º anos que estão saindo do ensino médio para ir em busca de algo maior para suas vidas.

O sentimento de fazer parte dessa missão ao mesmo tempo que é desafiador também é gratificante, quando ouvimos dos pais dos alunos que nós professores contribuimos para a formação de seu filho enquanto facilitadores do aprender, que estimulamos e os desafiamos a comunicarem-se, pesquisar, investigar, desenvolver o raciocínio lógico, sintetizar informações, elaborar textos, interpretar, ter ponto de vista, criticidade, organização, disciplina e responsabilidade para com seu trabalho, ter autonomia e atitude, saber articular o conhecimento, enfim, contribuir com a formação do ser humano para viver numa sociedade competitiva e que a todo instante exclui direta ou indiretamente milhões e milhões de pessoas do sistema atual.

A importância da educação na formação social e cultural é muito forte e significativa. A escola pode possibilitar a realização e desenvolvimento de projetos estratégicos que transformam profundamente as decisões e ações sociais. Assim, refletimos com o que Gadotti (2000) menciona:

A escola precisa ter projeto, precisa de dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longo prazos, fazer sua própria reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã. As mudanças que vêm de dentro das escolas são mais duradouras. Da sua capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência, dependerá o seu futuro. Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos (GADOTTI, 2000, p. 8 e 9).

Assim queremos entender que o projeto de pesquisa realizado e desenvolvido com as turmas dos 6º e 9º anos do ensino fundamental e, também, com a turma do 3º ano do ensino médio tenha contribuído na formação e construção do conhecimento dos alunos, pois a aprendizagem adquirida agora faz parte do nosso modo de viver. Fazer com que nossos alunos transformem a informação, a experiência, a pesquisa em conhecimento e em consciência crítica foi um desafio interessante desta pesquisa.

4.3 AVALIAÇÃO DAS AÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS JUNTO AOS ALUNOS: ENFOQUE NO 3º ANO

Para avaliarmos as nossas ações didático-metodológicas e pedagógicas realizadas ao longo do ciclo dos trabalhos desta dissertação de mestrado aplicamos um questionário aos alunos. Foi solicitado que cada aluno respondesse um questionário sobre os Monumentos históricos de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso e enviassem ao professor para que

podéssemos compreender como foi a experiência vivida diante das ações metodológicas da pesquisa, que leva em consideração o patrimônio histórico luquense.

O questionário aplicado aos alunos foi o seguinte:

1. Como são entendidos, sentido esses monumentos em sua sociedade?
2. Você tinha valorizado essas imagens antes de se envolver, ouvir sobre o trabalho?
3. Acredita que partindo desses podemos significar o ser luquense?
4. Como seus trabalhos audiovisuais (filmagens) podem favorecer o aprendizado das turmas de níveis inferiores ao seu?
5. Entendendo os monumentos como fonte de saber local, quais estratégias podem utilizar para que vocês jovens possam se tornar disseminadores desse conhecimento?
6. Acreditam que as mídias podem ser favorecedoras desse conhecimento ou acham que tudo cai no esquecimento virtual pelas milhares de informações possíveis desses ambientes?
7. Para os alunos que participaram diretamente ou indiretamente da coleta de imagens, o que muda na forma de aprender com esse método?
8. Como é conseguir informações sobre os cinco monumentos (Ema, Luquinha, Semeador, Preciosa e Garis), está disponível e acessível? As informações são explicativas e justificam a existência dos mesmos no espaço público?

Pontuamos algumas respostas dos alunos, lembrando novamente o uso de codinomes para preservação do anonimato:

Aluno Jerônimo:

1. Os monumentos são entendidos mais como pontos turísticos da cidade, não necessariamente relacionados ao contexto local, como cultura, história.
2. Não. Imaginava uma possível explicação para os monumentos mas nunca cheguei algo realmente conclusivo.
3. Sim, eles são importantes representações do que podemos ser e o que já fomos, nossas origens.
4. Acredito que sempre que se tem uma ideia daquilo que se discute já melhora a compreensão, com as filmagens ficará ainda mais fácil de entender o seu significado e história.
5. O papel das redes sociais é fundamental nesse processo, mas mais importante que isso é o acréscimo desse assunto no conteúdo estudado na escola, para que haja uma “formalização” da história local e forme um indivíduo com algumas noções do lugar onde está.
6. Como já dito, as mídias podem ajudar na divulgação mas quem deve formalizar e dar significado ao conteúdo é a escola.
7. Eu acho que quem se envolveu com a captação das imagens e informações aprendeu mais em relação aos outros a respeito da história local porque buscou em diferentes meios.

8. No site da Prefeitura só se encontra informações sobre a ema, a bandeira e o brasão de Lucas do Rio Verde. Sobre os outros monumentos é difícil obter informações e por isso cria-se histórias sobre eles que, muitas vezes, não correspondem ao sentido real.

Aluna Zilda:

1. Poucas pessoas realmente conhecem o significado de cada patrimônio; desconhecem a simbologia.
2. Eu entendia que elas mereciam algum tipo de valor, mas não sabia qual.
3. Creio que sim!
4. Com certeza! Visto que existem pessoas de níveis superiores ao meu que não conhecem sobre os patrimônios, por que os menores não poderiam conhecer?
5. Acredito que a disseminação por meio da tecnologia (redes sociais, televisão, etc.) é uma boa estratégia.
6. É incerto, mas acho que como são obras que chamam a atenção, não serão completamente esquecidas, até porque, a não ser que sejam retiradas, elas ainda estarão lá.
7. Uma proximidade maior ao conteúdo; intimidade com o tema; aprender com a experiência é descontraído e atrativo.
8. Difícil, pois existe muito pouca informação sobre eles no site da prefeitura.

Aluno Hamilton:

1. Parte da população não conhece seu significado, como o Semeador são entendidos de forma distinta, outros são mais conhecidos a Preciosa.
2. Sim, já tinha conhecimento da função primeira a qual eles tinham sido postos a sociedade.
3. Acredito que, como os monumentos buscam representar as atividades no qual os luquenses desenvolvem, cria um significado para as novas gerações, como identificação de pertencimento.
4. Apresentar para esses o meu entendimento da função a qual os monumentos desempenham na construção da minha identidade luquense.
5. Creio que, histórias sendo em forma de vídeo ou conto, que contenha o surgiu, porque, ajudem a enraizar e disseminar esse conhecimento. O contato com a história e os primeiros imigrantes tornam-se símbolo e essências para esse trabalho.
6. Acredito que as mídias tenham um grande papel na tomada de ação dos indivíduos, sendo que ao divulgar esse conhecimento, às pessoas residentes que não o conhecem e nem sabem por que ele está ali, passarão a reproduzir essa fala os demais.
7. Auxilia a visualização e associação do símbolo/significado com as imagens e reforça o conceito/função.
8. É bem difícil encontrar uma justificativa para esses monumentos estarem representados nas redes midiáticas, conheci através de pessoas mais velhas.

Aluna Dorotéia:

1. Na realidade eles se consolidam mais como um objeto paisagístico, com um valor visual, do que com uma carga histórica e social. Servem como um ponto de referência na cidade.
2. Não todas elas. Convivo mais com o semeador, por estarem meu trajeto escola/casa/trabalho. Mas conheço todas e conheço alguns significados sociais e históricos

também.

3. Sim. Estando esses monumentos envolvidos na história de Lucas do Rio Verde e ligados a identidade local, que se formou durante o tempo, e que conviveu com esses, podemos tentar chegar a um raciocínio nessa parte.

4. Sim. Os vídeos podem favorecer aos habitantes que nunca viram ou tiveram contato com os monumentos. Talvez despertar a curiosidade e levar a busca por informações e conhecimentos.

5. A tecnologia hoje, em um mundo de jovens e celulares, pode ser a principal ferramenta de disseminação desse tipo de conhecimento. Incrementando uma cultura dessa hoje no Futuro se pode ter um resultado muito interessante, onde mesmo os mais novos, envolvidos com essas tecnologias, podem estar envolvidos também com esses monumentos e sobre sua história.

6. Na atualidade a mídia pode sim ajudar. Ferramentas como o Google Maps favorecem a visualização de monumentos, como os mencionados, mesmo de pessoas que estão a milhares de quilômetros. Elas permitem que mais e mais pessoas possam conhecer tais obras. Muitas informações não são um problema tão grande. Cada vez aprendemos mais e mais como lidar com tudo isso. E sempre buscamos ainda mais.

7. De certa forma aprendemos como acontece a documentação de um lugar. A captação de imagens auxilia não só em um caráter visual, claramente, como em um meio de atração e exposição dos monumentos.

8. As informações são muito escassas e pouco conclusivas. Não se tem uma clareza e as dúvidas, que são mantidas pela própria organização, deixa um ponto de interrogação na história do município.

Aluno Evaristo:

1- Parcela representativa da sociedade que contextualiza minha vivência aparenta não reconhecer a devida importância de tais monumentos. Um motivador considerável para esse fato é o conhecimento supérfluo, sem significado cultural, em relação às obras. Dessa forma, pode-se afirmar que apenas se aceita sua presença, sem que haja reflexão, ou questionamento acerca do(s) fato(s) que impulsionaram sua construção.

2- Confesso que não. Provavelmente, devido a ter me acostumado com sua presença. Afinal, observava-as de forma passiva, durante o meu trajeto para determinados locais (como a escola, por exemplo) nos quais mantinha meu pensamento ocupado com diversas tarefas futuras.

3- Uma das características que representa uma sociedade é o que ela construiu. Ou seja, o legado que ela expõe a outras gerações e a estrangeiros. Portanto, os monumentos seriam uma forma de deixar um significado à posteridade, que caracterize o povo.

4- Por ser uma abordagem mais interessante que a forma textual de passagem de conhecimento, a produção audiovisual torna o aprendizado fornecido pelo projeto mais eficiente e compreensível.

5- A partir do projeto será possível encontrar (ou atribuir) significado aos referidos monumentos, o qual poderá ser exposto aos moradores da cidade (e até mesmo, extrapolando os limites do território luquense). A estratégia a ser tomada poderia incluir a passagem de conhecimento por meio dos diversos canais de comunicação. Depois, cada pessoa poderá passar esse significado aos integrantes de seu círculo social.

6- Depende. Em âmbito local é possível que as mídias virtuais consigam manter essas informações em circulação de forma que atinja várias pessoas, porém, a possibilidade de

“esquecimento virtual” é maior à medida que atribuímos ao projeto um escopo maior.

7- Os alunos se tornam (ativamente ou passivamente) engajados no projeto, e acabam por se interessar no significado do que já foi tão supérfluo, ou indiferente em suas vidas. Enfim, dão importância àquilo que talvez não tenham se importado antes.

8- São informações que dão um princípio significativo aos monumentos históricos. Apresentam uma breve descrição do motivo de sua presença no espaço que ocupam, seja essa presença devido à homenagem ou motivos histórico-político-econômico. Mesmo que sintetizado, o conteúdo é bem explicativo.

Podemos perceber nas respostas dos alunos de que as estratégias metodológicas utilizadas foram provocativas e interessantes para o processo de aprendizagem e, sobretudo, para o ensino de história. Uma vez que existe uma carência muito grande acerca do conhecimento histórico referente aos monumentos urbanos de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. O que enriqueceu a pesquisa foi a maneira como as ações metodológicas e didáticas foram orientadas e aplicadas, os alunos sentiram a eficácia nos resultados finais das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos refletir sobre o patrimônio histórico de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso e como profissional pesquisador da educação, percebe-se que os desafios são grandes e necessitamos reinventar o meio escolar para tornar viável o aprendizado, formas essas que possibilitam outros lugares como locais de aprender. Notamos tensões com novas formas educacionais dentro no meio escolar e também vindo das famílias sempre interrogando se os conteúdos estão sendo trabalhados. Então entendemos os conteúdos como sendo o cumprimento do estabelecido nos manuais didáticos comuns ao meio escolar de nosso país.

Superando os obstáculos institucionais e de entendimento social nos vem grande responsabilidade enquanto profissional da educação, pois necessitamos estar muito aprofundados em teorias e conhecimento para que novas práticas não se transformem em frustração, assim entendemos que a preparação do professor é fundamental para o bom andamento das aulas em sala e muito mais para os momentos fora dela, locais onde as adversidades podem surgir a todo instante, onde o imprevisível pode estar em locais pouco esperados. Mas se estivermos cientes de nossos caminhos e missão, saberemos superar os obstáculos que nos chegam.

Trabalhos pensados fora das quatro paredes da escola estão cheios de imprevistos e a esses julgo ser necessário o máximo de atenção. Portanto, é importante ter planejamento, pois os imprevistos podem estar, por exemplo, em um transporte que não vem no dia marcado, a chuva que impede a saída, acidentes com alunos que brincam enquanto passeiam entre outros muitos possíveis.

As metodologias elencadas nesta dissertação, tiveram como foco, tornar o ensino de História algo prazeroso e estreitar os laços entre o ser aluno e o ser professor e assim poder estabelecer a confiança e aceitação necessárias para que outras formas educacionais sejam possíveis. Um aprender para a construção de cidadania e não, tão somente, como um ser acumulador de saberes dissociados de sua vida enquanto ser adulto e inserido em uma sociedade.

Nessa dissertação lançamos desafios para os que se propõem a fazer diferente e adicionar aos já existentes conteúdos algo mais, aonde o discurso vá além da cobrança feita por uma avaliação, ou para que tirem boas notas em avaliações que os levem a Universidades.

Com esta pesquisa salientamos que o aprender em história segue ao que propõe e aborda Rüsen (2011) quando defende a ideia de que a “Consciência histórica funciona como um modo específico de orientação em situações reais de vida presente: tem como função ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente” (RUSEN, 2011, p.55). Assim, o ensino de história que pensamos exaustivamente deve contemplar e contribuir para seres pensantes que questionem seu meio, sua realidade e o diverso social, cultural, econômico.

Entendemos que o aprender se torna dinâmico, atrativo e principalmente significativo na medida em que o aluno se insere e participa enquanto pesquisador e também como gerador de conhecimento histórico. Notamos que a exposição dos educandos apesar de não gerar a vontade coletiva, cativou muitos e em um número muito maior do que o aprender em sala de aula. Logo, os resultados vindos do campo de estudo foram discutidos, comentados, orientados e também serão encaminhados os trabalhos fruto das pesquisas e visitas didáticas.

Outra proposta positiva foi provocar diálogos, para que as produções saíssem das salas e ganhassem destaque junto aos demais educandos. Ressaltamos que optar por atividades didáticas, demanda desafios não só com relação aos conteúdos e novas pesquisas necessárias, mas, também é uma corrida para que os conteúdos considerados “fundamentais” sejam cumpridos. O que também deve ser considerado são os possíveis entendimentos do meio escolar, lembramos que todos devem estar cientes das propostas e ações para que outros geralmente por não entenderem o que se passa desqualificam as propostas, ou mesmo criem uma imagem negativa desse tipo de educação, que obviamente sai do comumente usado em boa parte das aulas.

Considerando tudo isso queremos lembrar das construções e vontades do primeiro capítulo deste estudo onde buscamos apresentar um pouco das origens recentes desse local de pesquisa, sabendo que o mesmo está completando seus 30 anos de emancipação no dia 05 de agosto de 2018 e, portanto, sendo um “jovem” município de nosso estado. Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, surgiu tanto de necessidades gritantes da discrepância fundiária brasileira, como também de uma vontade governamental de ocupar o interior até então pouco habitado.

Logo, buscamos apresentar como foram os primeiros anos da construção do município e quais foram os primeiros a chegarem por essas terras e também abordar os motivos que os levaram a abandonar os antigos endereços para se deslocarem para o “nada”, já que o lugar onde Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, está hoje tinha as matas de cerrado consideradas de pouca utilidade até o uso e conhecimento de fertilizantes químicos e tecnologias para cultivo. Logo, podemos pensar as dificuldades vividas pelos primeiros migrantes, bem como todas as novas práticas necessárias para agricultura, em local estranho a praticamente todos, já que o clima do cerrado foi novidade tanto para paulistas, quanto para gaúchos vindos de climas e temperaturas diferentes das aqui encontradas.

Lembramos que nosso objetivo central foi discutir as diferentes possibilidades em se promover educação em história e direcionamos então para fundamentos e conceitos possíveis a memória, assim pensamos quais metodologias e fundamentos seriam viáveis a construção de memória histórica qualificando e entendemos os Monumentos Urbanos como uma das formas para que isso acontecesse. Assim, estabelecemos o Patrimônio local como possibilidade educativa, onde os alunos pudessem compreender a história partindo do espaço vivido enquanto promotor de significância geradora de respeito a partir da compreensão.

Apresentamos imagens dos alvos da pesquisa enquanto fundantes do aprender em história, como novas experiências e propostas educativas e com a preocupação de um trabalho contínuo envolvendo diferentes níveis educacionais, citando então alunos dos 6º anos do ensino fundamental II, alunos dos 9º anos do mesmo nível e, por fim, alunos do 3º ano do ensino médio. Pensando em fortalecer a história local e enriquecer os conteúdos escolares.

Em um segundo capítulo procuramos apresentar e situar os monumentos que nortearam nossa pesquisa, justificando e apresentando as qualidades e entraves para novas propostas educativas a partir do Patrimônio Urbano, através da Educação Patrimonial. Lançamos intenções e fundamentarmos enquanto Patrimônio Histórico na educação do país, para tanto apresentamos suas origens enquanto prerrogativa educacional, bem como as discussões sobre as formas de abordagem dos mesmos e suas possibilidades enquanto escrita, problematizadora, provocadora de novas visões sociais principalmente após os anos de 1980, momento onde o patrimônio histórico começa a ser percebido de forma mais clara, enquanto possibilidade educativa.

Observando mudanças legais, patrimoniais, sociais entre outras comuns a humanidade lembramos e justificamos a importância da didática da história enquanto favorecedora no ato

de repensar as ações que envolvessem a disciplina de história para que a mesma se firmasse enquanto disciplina e também enquanto sistema aprendente. Desse modo, buscamos trazer discursos que justifiquem a didática e seus usos para uma sociedade com propostas criativas e que favoreçam o bem viver.

Percebendo as abordagens elencamos o educar em história, considerando o Patrimônio enquanto alvo da disciplina e do quanto é delicado ao historiador pensar a disciplina, por necessitar recortes entre milhares de possibilidades o que considerar valioso e significativo de ser abordado enquanto material didático pedagógico. Assim, argumentou-se no sentido da necessidade de leituras, aperfeiçoamento e boa formação para que os historiadores estejam ávidos para identificar os alvos do aprender com a história patrimonial.

Para o terceiro capítulo desta dissertação, abordamos as metodologias possíveis e viáveis para o uso dos símbolos, locais e de vivência. Por essas vias o patrimônio histórico se tornou uma possibilidade educativa. Assim, elencamos os espaços de memória e também buscamos fundamentações teórico-metodológicas que pudessem ser analisadas com características investigativas dentro dos conceitos e práticas da história, para que a memória local pudesse se tornar didaticamente utilizável no meio escolar, sistematizando saberes e arregimentando conhecimento no sentido amplo e que contemple aos diversos grupos da sociedade da qual comumente nos cercamos, nesse caso a cidade de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, sendo essa nosso alvo de pesquisa em suas possibilidades patrimoniais.

Diante dos desafios apresentados o uso do Patrimônio luquense, tivemos a árdua busca por significados históricos e fundamentações didáticas para que se tornasse possível as investigações históricas ligadas ao Patrimônio local enquanto fonte didática. Procuramos diversas formas para significar o patrimônio partindo do conhecimento local e evoluindo para o que já temos de literatura acerca dos mesmos. Entre os desencontros sociais, científicos e as possibilidades didáticas tivemos muitos desafios, dúvidas sobre quais caminhos traçar e quais fontes considerarmos e, nesse momento, nos foi fundamental as discussões dos primeiros dois capítulos, então acreditamos ter aqui argumentos fundamentados para nortear o aprender história partindo das possibilidades do lugar vivido e de suas marcas temporais ainda que recentes.

Para tantas ideias, partimos do aprofundamento teórico e logo para a coleta de dados, imagens, informações e todo o possível no sentido de significar de forma qualitativa nossa pesquisa. Tivemos, nesse momento, o aluno saindo do comumente ouvinte e passando para o

campo das investigações e, portanto, geradores de conhecimento. Buscamos dentro de três níveis educacionais construir possibilidades e provocações para que o aluno se torne produtor de conhecimento partindo do meio em que se insere, partindo das casas, famílias, bairro, município para que se sinta sujeito e ator da história para que passe a significar seu meio e o respeite escrevendo e reescrevendo-o.

Dessa forma nos encaminhamos para o último momento da pesquisa, onde apresentamos os resultados, que surgiram da problematização do patrimônio histórico-cultural urbano de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso. Acreditamos ter ampliado e construindo novos olhares acerca do patrimônio luquense, possibilitando novos olhares, desconstrução e reconstrução dos entendimentos. Partindo de práticas desafiadoras de aprendizagem notamos que os alunos perceberam em seus discursos as dificuldades em buscar conhecimento e do quanto os caminhos podem ser múltiplos, bem como as várias possibilidades de descaminhos com informações duvidosas, com visões que podem distorcer as visões históricas.

Lembrando e observando os educandos fizemos questionamentos e comentários críticos, orientando para a necessidade em observar-se a história e o patrimônio local enquanto fonte de conhecimento. As indagações de alunos, colegas professores e pais, possibilitaram detectar envolvimento e valorização das novas metodologias e é claro superamos os questionamento sobre os novos métodos entendendo-os como positivos e convincentes de seu uso no meio escolar.

Em suma, educar com o uso da história local, dos patrimônios de cada sociedade é um desafio que não se resume a esse trabalho. Fica a provocação para que outros se aventurem nas propostas apresentadas, as adaptem a suas realidades, e principalmente que atinjam seus objetivos de causar aprendizado, trazer conhecimento significativo, responsabilidade e observância das ações sociais de maneira construtiva, causadora de cidadania e consciência para as próximas gerações do mundo.

REFERÊNCIAS

BITTENCURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**, 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**, 3º Edição. São Paulo: Cortez, 2009

BRASIL. **Constituição do patrimônio cultural brasileiro**, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp

_____. **Do patrimônio histórico e artístico cultural**, Decreto - lei nº 25 de 30 de Novembro de 1937, Artigo 180. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm

_____. **Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais**, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Kelly Cristina de Moraes. **Agroindústria e Reorganização do Espaço em Lucas do Rio Verde (MT)**, Campinas, 2014.

CUNHA, Maria Isabel da. **Relação ensino e pesquisa**. In: FERNANDES, Lindamir Zeglin, Patrimônio cultural e saber histórico escolar, Curitiba, 2004. Dissertação apresentada ao departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CRESWELL, J. (2007). **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. London: Sage. In: PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria. **Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente**, Universidade do Minho, Instituto de educação, Portugal, 2011

DREVER, E. (1995). **Using semistructured interviews in small-scale research: a teachers' guide**. Edinburgh: The Scottish Council for Research in Education. In: PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria. **Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente**, Universidade do Minho, Instituto de educação, Portugal, 2011

EVERTSON, C. & GREEN, J. **Observation as inquiry and method**. In: M. Wittrock (Ed.), Handbook of research on teaching (pp. 162-213). New York: Macmillan, 1986. In: PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria. **Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente**, Universidade do Minho, Instituto de educação, Portugal, 2011

FERNANDES, Lindamir Zeglin. **Patrimônio cultural e saber histórico escolar**, Curitiba, 2004. Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão**. Revista de História Regional 4 n.2, 1999. p. 139-157.

FERREIRA, João Carlos Vicente. 1954 - **Mato Grosso e Seus Municípios**, 19ª Ed., Cuiabá, Editora Buriti, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2013.

FRONZA, Marcelo, RIBEIRO Renilson Rosa. **Aulas de História: A Formação de Alunos-leitores de Mundo na Contemporaneidade**. In. Espaço pedagógico, v.21, n.2, Passo Fundo, p. 304-317, jul./dez. 2014.

FRONZA, Marcelo. **A Cultura Histórica como Possibilidade Investigativa da Educação Patrimonial nas Aulas de História**. In. – Fronteiras: Revista de História, Dourados, MS, v. 18, n. 31, p. 169-185, jan.-jun. 2016.

_____. In - BARCA, I. **A Educação Histórica numa Sociedade Aberta**. Currículo sem fronteiras, RJ., v.7, n.1, p. 5-9, jan./jun. 2007.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**, Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, vol.14, n.2, p. 03-11, 2000

GUIMARÃES, Suzana. **Arte na Rua: O imperativo da Natureza**, Universidade do Estado de Mato Grosso, XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, PB, 2003.

HARTMANN, Robson Junior, **Atrativos turísticos da cidade de Lucas do Rio Verde/MT**, Disponível em: <https://turismoemfronteiras.wordpress.com/2009/11/16/atrativos-da-cidade-de-lucas-do-rio-verdemt-2/>, consulta em 13 de julho de 2018.

HORNBURG, Pâmella Souza Pereira. **Anais do COBRAC 2016**, UFSC, Florianópolis, 2016.

HORTA, Maria de Lourdes Perreira, GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiros. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

HUBER, Anton. **Tempestade no Cerrado**, Cuiabá, Carlini & Caniato, 2010.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/lucas-do-rio-verde/pesquisa/23/27652?detalhes=true>. Acesso em Abril de 2018.

JÚNIOR, Francisco da Chagas F. Santiago. **Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da problemática dos lugares**, In: Revista Projeto História, São Paulo, n. 52, p. 245-279, Jan. – Abril 2015.

LACERDA, Natalício Pereira. **As transformações e a dinâmica na ocupação do território em Lucas do Rio Verde-MT**, 3º SEDRES - Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade - A questão regional uma questão (de) política, Blumenau - SC, 2016.

_____. **Políticas públicas, ocupação do espaço e desenvolvimento na região norte Mato-Grossense: Uma análise crítica dos municípios de Sinop e de Lucas do Rio Verde – MT**, Santa Cruz do Sul, 2013. Tese de doutoramento apresentada ao programa de pós-graduação em desenvolvimento regional, Universidade de Santa Cruz do Sul –UNISC.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Ed. 34, 1999

LUCAS DO RIO VERDE. **Lei n. 645 de 20 de abril de 1999**, Ema como ave símbolo do Município de Lucas do Rio Verde e dá outras providências. Lucas do Rio Verde/MT, 1999.

_____. **Garis da coleta de resíduos participam de cursos de qualificação profissional**, disponível em: <http://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/portal/noticia/noticia.php?cod=5093>, Acesso em 10 de junho de 2018.

_____. **Luiz Antônio Pagot é homenageado com o mérito “O Semeador”**, disponível em: <http://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/portal/noticia/noticia.php?cod=1522>, Acesso em 10 de junho de 2018.

MORENO, Gislaene. **Terra e poder em Mato Grosso. Política e mecanismos de burla. 1892-1992. Cuiabá - MT**, Editora Entrelinhas, EDUFMT, 2007.

_____. **O processo histórico de acesso a terra em Mato Grosso**, In: Revista Geosul, Florianópolis, V. 14, Nº 27, p. 67-90, janeiro a junho, 1999.

MATTOS, Carlos Meira. **Uma Geopolítica Pan-Amazônica**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

MONTAGNHANI, Bruno Astolphi; LIMA, Jandir Ferreira de. **Notas sobre o Desenvolvimento do Centro-Oeste e a Economia Brasileira**. Revista de Estudos Sociais, v. 13, n. 26, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993 (tradução Yara Aun Khoury).

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo. Labur Edições, 2007.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAIMELLI, Marlenne Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de.(Org.). **Ensino de história: múltiplos ensinoss em múltiplos espaços**. Natal/RN: EDFURN, 2008.

ORIÁ, Ricardo. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005

_____. **Educação patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em: <http://www.aprendebrasil.com.br/articulistas/articulista0003.asp>. Acesso em: 08 jun. 2017.

PND - **Plano Diretor do Município de Lucas do Rio Verde – MT**, 2007. Disponível em http://www.lucasdorioverde.mt.gov.br/portal/plano_diretor/plano_diretor.php, consultado em março de 2018.

PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria. **Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente**, Universidade do Minho, Instituto de educação, Portugal, 2011

RIGO, Ivanilde Alves Borba (Org.). **Prefeitura Municipal de Lucas do Rio Verde. Perfil Socioeconômico de Lucas do Rio Verde**, vol. 1, 2016.

ROCHA, Betty Nogueira. **Posse da Terra e Diferenciação Social em Lucas do Rio Verde (1970-1980)**, XIII Encontro de de História, Anpuh-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

_____. **A trama do drama: a trama das fronteiras e o drama dos migrantes nas configurações do desenvolvimento de Lucas do Rio Verde - MT**, Rio de Janeiro, 2010. Tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, na linha de pesquisa Estudos de Cultura e Mundo Rural.

RÜSEN, Jorn. **História Viva, Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2010.

_____. **O ensino de história**, Org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Resende Martins, Ed. UFPR, Curitiba, 2011.

SABATOVSKI, Emílio (Org.). **Constituição Federal de 1988**. Curitiba: Juruá, 2000.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **Concepções de aprendizagem histórica presentes em propostas curriculares brasileiras**, história revista, Goiânia, v. 14, nº 1, p.203 a 213, Jan./jun. 2009.

SILVA, Carla Craice da, **Trajetórias residenciais em Lucas do Rio Verde (MT): entre a produção vertical do campo e a ocupação horizontal da cidade**, Campina - SP, 2017, Tese de doutoramento do Programa de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

SILVEVIRA, Luciana de Almeida, BONATO, Nailda Marinho da Costa, **Educação & Cidade: O Papel da Escola na Preservação do Patrimônio Cultural**, In.- Identidades, XIII Encontro de História Anpuh-Rio, 2008.

SOUZA, Giane Maria de. **Encontros com a memória: uma experiência de educação em patrimônio histórico**, In. – Org. PAIVA, Odair da Cruz, LEAL, Elizabete. Patrimônio e História, Londrina, Ed. Unifil, 2014.


TOLEDO, Maria Rita de Almeida, COSTA, Wilma Peres, In. – Org. PAIVA, Odair da Cruz, LEAL, Elizabete. **Patrimônio e História, Londrina**, Ed. Unifil, 2014.

VIANA, Iamara da Silva, MELLO, Juçara da Silva Barbosa. **Educação Patrimonial e Ensino de História: diálogos**. In.-Anais do 7º seminário Brasileiro de História da Historiografia - Teoria da História e História da Historiografia: Diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EduFOP, 2013.

ZART, Laudemir Luiz, **Desencanto na Nova Terra: Assentamento no Município de Lucas do Rio Verde-MT na Década de 80**, Florianópolis, 1998. Dissertação do Programa de Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

APÊNDICE

Apêndice A: Instrumento utilizado para coleta de dados dos 6º anos do ensino fundamental II.

 <p>Arquivo Pessoal (2017)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1- O que essa imagem representa para você? E para seus familiares? 2- Existem outros significados para essa imagem e que você conheça ou que tenha ouvido falar? Explique. 3- Pesquise quando essa imagem presente na cidade foi criada? Explique os motivos e justificativas para sua existência.
---	--

Apêndice B: Instrumento utilizado para coleta de dados do 3º ano do ensino médio.

1. Como são entendidos, sentido esses monumentos em sua sociedade?
2. Você tinha valorizado essas imagens antes de se envolver, ouvir sobre o trabalho?
3. Acredita que partindo desses podemos significar o ser luquense?
4. Como seus trabalhos audiovisuais (filmagens) podem favorecer o aprendizado das turmas de níveis inferiores ao seu?
5. Entendendo os monumentos como fonte de saber local, quais estratégias podem utilizar para que vocês jovens possam se tornar disseminadores desse conhecimento?
6. Acreditam que as mídias podem ser favorecedoras desse conhecimento ou acham que tudo cai no esquecimento virtual pelos milhares de informações possíveis desses ambientes?
7. Para os alunos que participaram diretamente ou indiretamente da coleta de imagens, o que muda na forma de aprender com esse método?
8. Como é conseguir informações sobre os cinco monumentos (Ema, Luquinha, Semeador, Preciosa e Garis), está disponível e acessível? As informações são explicativas e justificam a existência dos mesmos no espaço público?